

David
Gilmour

O
CLUBE DO
FILME

*Um pai, Um filho,
Três filmes por semana.*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O david gilmour

CLUBE DO FILME

A FELICIDADE NÃO SE COMPRA • A FORÇA EM ALERTA • O PODEROSO CHEFÃO
O BEBÊ DE ROSEMARY • SEXY BEAST • O EXORCISTA • TUBARÃO • SCARFACE
SINDICATO DE LADRÕES • TIO VÂNIA EM NOVA YORK • UMA LINDA MULHER
PODER ABSOLUTO • TOOTSIE • 8½ • À BEIRA DO ABISMO • A NOITE DO IGUANA
OS AMIGOS DE EDDIE COYLE • O PODEROSO CHEFÃO II • OS INCOMPREENDIDOS
O MASSACRE DA SERRA ELÉTRICA • QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?
PROFISSÃO, LADRÃO • OPERAÇÃO FRANÇA • PICARDIAS ESTUDANTIS • ISHTAR
ONIBABA, A MULHER DEMÔNIO • O ILUMINADO • OS IMPERDOÁVEIS • A OUTRA
A HORA DA BRUTALIDADE • O ÚLTIMO TANGO EM PARIS • APOCALYPSE NOW
O SAMURAI • A ÚLTIMA INVESTIGAÇÃO • A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS
ANJO DO MAL • DESAFIANDO O ASSASSINO • AMORES EXPRESSOS • HOMBRE
ASSIM CAMINHA A HUMANIDADE • O GRANDE GATSBY • BUTCH CASSIDY
BONEQUINHA DE LUXO • O PAGAMENTO FINAL • O MENSAGEIRO DO DIABO
PERSEGUIDOR IMPLACÁVEL • SHOWGIRLS • NOIVO NEURÓTICO, NOIVANERVOSA
PLENTY • UM LANCE NO ESCURO • CÃES DE ALUGUEL • CAMINHOS PERIGOSOS
MAMÃEZINHA QUERIDA • O TERCEIRO HOMEM • CANTANDO NA CHUVA • KLUTE
CHINATOWN • INSTINTO SELVAGEM • INTERLÚDIO • IRRESISTÍVEL PAIXÃO
ROBOCOP • JUSTIÇA CEGA • AGUIRRE • LADRÕES DE BICICLETAS • LOLITA
MAGNUM 44 • MANHATTAN • A PRINCESA E O PLEBEU • O PREÇO DA AMBIÇÃO
O PROFISSIONAL • MATAR OU MORRER • NASCIDO PARA MATAR • MEMÓRIAS
NIKITA • O NOME DO JOGO • CIDADÃO KANE • VULCÃO • CRIMES E PECADOS
O SOPRO NO CORAÇÃO • UMA RUA CHAMADA PECADO • AMERICAN GRAFFITI
OS PÁSSAROS • POR UM PUNHADO DE DÓLARES • PSICOSE • PULP FICTION
QUANTO MAIS QUENTE MELHOR • O PADRASTO • UM HOMEM DESTEMIDO
SCANNERS • 007 CONTRA O SATÂNICO DR. NO • RASTROS DE ÓDIO • ROCKY III
A DOCE VIDA • FEBRE DA SELVA • CASABLANCA • VELUDO AZUL • CHARADA
A ÚLTIMA MISSÃO • O SUCESSO A QUALQUER PREÇO • DINHEIRO SUJO • RAN
OS FANTASMAS SE DIVERTEM • JACKIE BROWN • INTRIGA INTERNACIONAL
ENCURRALADO • OS REIS DO IÊ, IÊ, IÊ • A HORA DA ZONA MORTA • CALAFRIOS
QUIZ SHOW • BULLITT • PLANO 9 DO ESPAÇO SIDERAL • AMOR À QUEIMA-ROUPA

DAVID GILMOUR

O clube do filme

TRADUÇÃO DE LUCIANO TRIGO



Copyright © 2007 David Gilmour

Publicado originalmente no Canadá
por Thomas Allen & Sons em 2007

TÍTULO ORIGINAL
The Film Club

PREPARAÇÃO
Diogo Henriques

REVISÃO
Maria José de Sant'Anna Umberto Figueiredo Pinto

REVISÃO TÉCNICA
Rodrigo Fonseca

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

CAPA
Retina 78

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

G398c

Gilmour, David, 1949-

O clube do filme / David Gilmour; [tradução de Luciano Trigo]. — Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

Tradução de: The Film Club Contém filmografia ISBN 978-85-98078-43-4

1. Gilmour, David, 1949-. 2. Gilmour, Jesse. 3. Pais e filhos. 4. Evasão escolar no ensino médio. 5. Cinema e adolescentes.
08-5463.

CDD 928.1

CDU 929:821.111(73)

[2009]

Todos os direitos reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua dos Oitis, 50

22451-050 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3874-0914 / Fax: (21) 3874-0578

www.intrinseca.com.br

Para Patrick Crean

Eu não sei nada sobre educação, exceto isto: que a maior e mais importante dificuldade dos seres humanos parece residir naquela área que diz respeito a como criar os filhos, e como educá-los.

— Michel de Montaigne (1533–1592)

Outro dia, eu estava parado num sinal vermelho quando vi meu filho saindo do cinema. Ele estava com sua nova namorada. Ela segurava a manga do casaco dele com a ponta dos dedos e sussurrava algo em seu ouvido. Não cheguei a descobrir que filme eles tinham acabado de ver – os letrados estavam cobertos por uma árvore em plena floração –, mas naquele momento me peguei recordando, com uma nostalgia quase dolorosa, os três anos que ele e eu passamos, só nós dois, assistindo a filmes e conversando na varanda de casa, um período mágico que um pai não costuma experimentar quando tem um filho adolescente. Agora, já não o vejo tanto quanto antes (e é assim que deve ser), mas aquele foi um período maravilhoso. Uma pausa feliz, para nós dois.

Quando eu era adolescente, acreditava que havia um lugar para onde iam os garotos maus, quando caíam fora da escola.

Ficava em algum ponto remoto da Terra, como um cemitério de elefantes, porém repleto dos delicados ossos brancos daqueles garotos. Tenho certeza de que é por isso que até hoje ainda tenho pesadelos em que apareço estudando para uma prova de física, com crescente aflição, saltando as páginas de um livro cheio de vetores e parábolas – porque são coisas que eu nunca vi antes!

Trinta e cinco anos depois, quando as notas do meu filho começaram a oscilar na nona série, caindo terrivelmente no ano seguinte, eu reagi com uma espécie de duplo horror, primeiro em relação ao que estava efetivamente acontecendo, depois por causa da lembrança daquela sensação, ainda muito viva em mim. Foi quando troquei de casa com minha ex-mulher (“Jesse precisa viver com um homem”, ela disse). Eu me mudei para a casa dela e ela se mudou para o meu loft, que era pequeno demais para acomodar a presença, em tempo integral, de um adolescente de um metro e oitenta e com pés enormes. Dessa forma, pensei comigo mesmo, eu poderia fazer os deveres de casa para ele, em vez dela.

Mas não deu certo. Quando eu perguntava, a cada noite: “É somente isso seu dever de casa?”, meu filho respondia alegremente: “Com certeza!” Mas quando ele foi passar uma semana com a mãe, naquele verão, achei uma centena de deveres em branco, escondidos em todos os cantos possíveis de seu quarto. Resumindo, a escola o estava transformando em uma pessoa dissimulada, em um mentiroso.

Colocamos Jesse numa escola particular. Algumas manhãs, uma

secretária perplexa telefonava para nossa casa, perguntando por ele: “Vocês sabem onde ele está?” Mais tarde, no mesmo dia, meu filho de pernas compridas se materializava na varanda. Aonde ele tinha ido? Talvez a uma competição de rap em algum shopping do subúrbio, ou a algum lugar ainda menos saudável, mas não à escola. Nós o repreendíamos, ele se desculpava solenemente, andava na linha por alguns dias e, então, começava tudo de novo.

Jesse era um rapaz de natureza doce, muito orgulhoso, que parecia incapaz de fazer qualquer coisa na qual não tivesse interesse, mesmo que ficasse preocupado com as consequências disso. E ele se preocupava bastante. Os seus boletins escolares eram desanimadores, exceto pelos comentários sobre sua sociabilidade. As pessoas gostavam dele, todo tipo de pessoas, até mesmo o policial que o deteve uma vez por pichar os muros de sua antiga escola. (Vizinhos incrédulos o reconheceram.) Quando o oficial o deixou em casa, disse a ele:

– Eu não pensaria numa vida de crimes se fosse você, Jesse. Você não tem esse dom.

Finalmente, numa tarde em que tentava lhe dar algumas explicações sobre latim, me dei conta de que ele não tinha trazido nenhuma anotação, nenhum livro escolar, nada além de um pedaço amassado de papel com umas poucas frases sobre magistrados romanos, que ele devia traduzir. Eu me lembro dele sentado, cabisbaixo, do outro lado da mesa da cozinha, um garoto de rosto pálido e transparente no qual se podia perceber a chegada de qualquer preocupação, por menor que fosse, tão claramente como se podia ouvir alguém bater à porta. Era um domingo daqueles que os adolescentes odeiam, com o fim de semana terminando, o dever de casa por fazer, a cidade cinzenta como o oceano num dia sem sol. Folhas úmidas cobrindo a calçada e a segunda-feira insinuando-se em meio à névoa.

Depois de algum tempo, perguntei a ele:

– Onde estão suas anotações, Jesse?

– Deixei na escola.

Jesse tinha facilidade para línguas, entendia sua lógica interna, tinha um ouvido de ator — aprender as coisas devia ser moleza —, mas, observando-o folhear o livro para a frente e para trás, eu podia ver que não sabia onde estava o que quer que fosse.

– Não entendo por que você não trouxe suas anotações para casa. Isso torna as coisas muito mais difíceis — eu disse.

Jesse percebeu a impaciência na minha voz: isso o deixou nervoso, o que, por sua vez, me causou desconforto. Ele estava com medo de mim. Eu odiava isso. Nunca soube se fazia parte da relação entre pai e filho ou se a fonte dessa ansiedade era um problema particular meu, meu pavio curto,

minha impaciência hereditária.

– Deixa pra lá – eu disse. – Será divertido mesmo assim. Eu adoro latim.

– Sério? – ele perguntou ansioso (talvez para tirar o foco das anotações esquecidas).

Então eu o observei trabalhar por algum tempo – seus dedos manchados de nicotina cobrindo a caneta, sua caligrafia ruim.

– Como exatamente se captura e conquista uma mulher sabina, pai?

– Eu explico depois.

Pausa.

Elmo é um verbo? – ele perguntou.

E assim por diante, com as sombras da tarde avançando pelos azulejos da cozinha. Um lápis batucando no tampo de fórmica da mesa. Aos poucos, percebi uma espécie de resmungo baixinho. De onde vinha? Dele? Mas o que era? Meus olhos fixaram-se em Jesse. Era uma espécie de tédio, sim, mas de um tipo raro, uma convicção extraordinária, quase física, da irrelevância da tarefa que ele tinha à frente. E por alguma razão estranha, naqueles poucos segundos, eu experimentei aquele tédio como se estivesse acontecendo no meu próprio corpo.

Ah, pensei, então é assim que ele passa seus dias na escola. Contra isso não se pode lutar. E, de repente – tão inconfundível quanto o som de uma janela quebrada –, compreendi que nós tínhamos perdido a batalha da escola.

Eu também soube, no mesmo instante – senti na minha própria carne –, que perderia Jesse no meio daquilo tudo, que um dia ele ia se levantar e responder: “Quer saber onde estão as minhas anotações? Eu vou lhe dizer onde elas estão. Eu as enfiei no rabo. E se você não parar de encher meu saco, vou enfiá-las no seu também.” E, então, ele iria embora batendo a porta, bam, e seria o fim.

– Jesse – eu disse suavemente.

Ele sabia que eu o estava olhando, e isso o deixava inquieto, como se estivesse a ponto de se meter numa encrenca (de novo), e aquela atividade, folhear o livro para a frente e para trás, para a frente e para trás, era uma maneira de tentar escapar disso.

– Jesse, largue sua caneta. Pare por um segundo, por favor.

– Por quê? – ele perguntou.

Ele está pálido, pensei. Esses cigarros estão sugando toda a energia dele.

– Quero que você me faça um favor – eu disse. – Quero que pense se quer continuar indo à escola.

– Pai, as anotações estão na minha...

– Esqueça as anotações. Quero que você pense se quer ir à escola ou

não.

– Por quê?

Eu podia sentir meu coração se acelerar, o sangue fluir para o meu rosto. Aquela era uma situação em que eu nunca estivera antes, nem mesmo imaginara ser possível.

– Porque, se você não quiser, está tudo bem.

– O que está tudo bem?

Apenas diga, desembuche.

– Se você não quiser mais ir à escola, não precisa mais ir.

Ele pigarreou.

– Você me deixaria sair da escola?

– Se você realmente quiser, sim. Mas, por favor, pense alguns dias sobre isso. É uma deci...

Ele se levantou num pulo. Ele sempre se levantava quando ficava excitado; suas pernas compridas não eram capazes de suportar, paradas, sua agitação. Inclinando-se sobre a mesa, ele disse em voz baixa, como se tivesse medo de ser ouvido:

– Eu não preciso de alguns dias.

– Pense mesmo assim. Eu insisto.

Mais tarde, naquela mesma noite, tomei coragem, com algumas taças de vinho, e telefonei para a mãe dele em meu loft (que ficava no prédio de uma antiga fábrica de doces), para lhe dar a notícia. Ela era uma atriz magra e muito bonita, a mulher mais gentil que já conheci na vida. Uma atriz nada “afetada”, se você me entende. Mas também capaz de fazer uma cena terrível, se imaginasse Jesse vivendo como um mendigo, numa caixa de papelão, em Los Angeles.

– Você acha que isso aconteceu porque ele tem baixa autoestima? – Maggie perguntou.

– Não – respondi. – Acho que isso aconteceu porque ele odeia mesmo a escola.

– Mas deve haver algo errado com ele, se ele odeia a escola.

– Eu também odiava a escola – falei.

– Talvez seja daí que ele tenha herdado isso.

Seguimos nessa trilha por algum tempo, até que ela começou a chorar, e eu tentei lhe mostrar que aquilo não era tão ruim, com uma argumentação que teria deixado Che Guevara orgulhoso.

– Ele precisa arrumar um emprego, então – disse Maggie.

– Você acha que faz sentido substituir uma atividade que ele rejeita por outra?

– O que ele vai fazer, então?

– Eu não sei.

– Talvez ele possa fazer algum trabalho voluntário – ela disse, fungando.

Acordei no meio da noite, com minha mulher, Tina, se remexendo ao meu lado, e fui até a janela. A lua pendia do céu, desproporcionalmente baixa. Como se estivesse perdida, esperando ser chamada de volta para casa. E se eu estiver errado?, pensei. E se estiver tentando ser moderno à custa do meu filho, deixando que ele arruine a própria vida?

É verdade, pensei. Jesse tem que fazer alguma coisa. Mas o quê? O que eu posso propor a ele que não seja uma repetição do desastre escolar? Ele não gosta de ler; detesta esportes. O que ele gosta de fazer? Gosta de ver filmes. Eu também. Na verdade, por alguns anos, já nos meus trinta e muitos, cheguei a fazer críticas superficiais para um programa de televisão. O que poderíamos fazer com isso?

Três dias depois, ele foi jantar comigo no Le Paradis, um restaurante francês com toalhas de mesa brancas e talheres de prata pesados. Ele estava me esperando do lado de fora, sentado numa balaustrada, fumando um cigarro. Jesse jamais gostou de se sentar sozinho em restaurantes. Isso lhe dava a impressão de que todas as pessoas o classificariam como um perdedor, alguém que não tinha amigos.

Eu o abracei e senti a força de seu corpo jovem, sua vitalidade.

– Vamos pedir um vinho e bater um papo depois. Entramos. Apertos de mão. Rituais adultos que o deixavam lisonjeado. Houve até mesmo uma piada entre ele e o barman sobre o personagem John-Boy, do seriado Os Waltons. Sentamos em silêncio, um pouco distraídos, esperando pelo garçom. Estávamos na expectativa de algo crucial; não havia nada a dizer até que isso acontecesse. Deixei-o pedir o vinho.

– Corbière – ele sussurrou. – É do sul da França, certo?

– Certo.

– Um pouco rústico?

– Isso mesmo.

– O Corbière, por favor – ele pediu à garçonete, com um sorriso que dizia: “Eu sei que estou brincando de adulto, como um macaco de imitação, mas, de qualquer maneira, estou me divertindo.” Deus, ele tem um belo sorriso.

Esperamos o vinho chegar.

– Você faz as honras – eu disse.

Ele cheirou a rolha, balançou desajeitadamente a taça de vinho e, como um gato se familiarizando com um pires de leite, deu um gole.

– Não sei dizer – falou, abandonando sua atitude no último momento.

– Sim, você sabe – eu disse. – Apenas relaxe e sinta. Se achar que não é

bom, é porque não é bom.

– Mas eu fico nervoso.

– Apenas sinta o aroma. Você saberá. A primeira impressão é sempre a correta.

Ele voltou a cheirar.

– Aproxime mais o nariz.

– É bom – ele disse.

A garçonete sentiu o aroma da garrafa.

– É bom ver você de novo, Jesse. Seu pai vem sempre aqui. Olhamos à nossa volta, no restaurante. O casal de idosos de Etobicoke estava lá. Um dentista e sua mulher: o filho deles a ponto de concluir o curso de administração em alguma faculdade de Boston. Eles acenaram. Nós acenamos de volta. E se eu estiver errado?

– Então – eu disse. – Você pensou sobre aquilo que conversamos?

Dava para ver que ele queria ficar de pé, mas não podia. Jesse olhou em volta, parecendo irritado com essa restrição. Então aproximou seu rosto pálido do meu, como se fosse me contar um segredo.

– A verdade – ele sussurrou – é que eu não quero nunca mais pôr os pés numa escola de novo.

Meu estômago se revolveu.

– Tudo bem, então.

Jesse olhou para mim, atônito. Ele estava esperando que eu criasse um caso. Eu disse:

– Só tem uma coisa. Você não precisa trabalhar, não precisa pagar aluguel. Você pode dormir até as cinco da tarde todos os dias, se quiser. Mas nada de drogas. Se aparecer com alguma droga, nosso acordo está desfeito.

– Tudo bem – ele disse.

– É sério. Vou realmente castigar você, se começar a mexer com isso.

– Certo.

– Tem mais uma coisa – falei (estava me sentindo como o detetive do seriado Columbo).

– O que é? – ele perguntou.

– Quero que você assista a três filmes por semana, comigo. Eu escolho os títulos. Essa é a única educação que você vai receber.

– Você está brincando – ele disse, após um momento. Não perdi tempo. Na tarde seguinte, sentei-o no sofá azul da sala, eu à direita, ele à esquerda, puxei as cortinas e mostrei a ele *Os Incompreendidos* (1959), de François Truffaut. Pensei que seria uma boa maneira de apresentar os filmes de arte europeus, embora soubesse que ele provavelmente os acharia tediosos até que aprendesse como assistir a eles. É como aprender as variações da gramática.

Truffaut, eu expliquei (e quis fazê-lo de forma breve), entrou no cinema pela porta dos fundos. Tinha largado a escola (como você), vivia pelas ruas e era um ladrãozinho nas horas vagas; mas adorava filmes, e passou a infância inteira enfiado nos cinemas que se espalhavam pela Paris do pós-guerra.

Quando tinha 20 anos, um simpático editor ofereceu a ele um trabalho como crítico de cinema – e isto o levou, seis anos depois, a dirigir seu primeiro filme. Os Incompreendidos (cujo título original em francês, *Les 400 Coups*, é uma expressão idiomática que faz alusão às “diabruras da juventude”) era um olhar autobiográfico sobre os conturbados anos de vadiagem de Truffaut.

Em busca de um ator para interpretar a versão adolescente dele próprio, o diretor estreante, de 27 anos, colocou um anúncio no jornal. Poucas semanas depois, apareceu um garoto de cabelos negros, que tinha fugido de um internato, no centro da França, e viajara de carona até Paris, para fazer um teste para o papel de Antoine.

Seu nome era Jean-Pierre Léaud. (Nessa altura, eu já tinha conseguido prender a atenção de Jesse.) Expliquei que, com exceção de uma cena no consultório da psiquiatra, o filme todo fora rodado sem som – adicionado mais tarde –, porque Truffaut não tinha dinheiro para o equipamento de gravação. Pedi a Jesse que prestasse atenção numa cena famosa, na qual todo um grupo de estudantes desaparece pelas costas do professor, durante um passeio por Paris; abordei suavemente outro momento maravilhoso, quando o jovem rapaz, Antoine, está falando com a psicóloga.

– Observe o sorriso que ele dá quando ela lhe pergunta sobre sexo – eu disse. – Lembre-se de que não havia roteiro; isso foi totalmente improvisado.

Nessa hora, achei que já estava começando a soar como um professor ginásial, então parei de falar e coloquei o filme.

Assistimos do início ao fim, até aquela longa sequência em que Antoine foge correndo do reformatório; ele corre por campos, quintais, pomares de macieiras * [1], até chegar ao deslumbrante oceano. É como se nunca o tivesse visto antes. Aquela imensidão, que parece se estender até o infinito! Ele desce por uma escada de madeira, avança pela areia e, lá, onde as ondas morrem, vira-se levemente para trás e olha diretamente para a câmera. Nesse momento, a imagem congela: o filme acabou.

Um tempo depois, perguntei a Jesse:

– O que você achou?

– Um pouco chato.

– Você vê algum paralelo entre a situação de Antoine e a sua? – insisti.

Ele pensou durante um segundo.

– Não.

– Por que você acha que ele tem aquela expressão engraçada no rosto, no final do filme, na última cena? – perguntei.

– Não sei.

– Como ele parece estar se sentindo?

– Ele parece preocupado – Jesse disse.

– Com o que ele poderia estar preocupado?

– Não sei.

– Veja em que situação ele está. Fugiu do reformatório e de sua família. Está livre... – falei.

– Talvez ele esteja preocupado com o que vai fazer em seguida.

– O que você quer dizer com isso? – perguntei.

– Talvez ele esteja pensando: “Certo, cheguei até aqui. Mas, e agora?”

– Tudo bem, então me deixe perguntar novamente. Você vê alguma coisa em comum entre a situação dele e a sua?

Ele sorriu.

– Você quer dizer sobre o que vou fazer agora que não preciso mais ir à escola?

– Sim.

– Não sei.

– Bem, talvez seja por isso que o garoto parece preocupado. Ele também não sabe – eu disse.

Após um momento, Jesse falou:

– Quando eu estava na escola, ficava preocupado com tirar notas baixas e me encrencar. Agora que não estou mais lá, fico preocupado porque talvez esteja estragando minha vida...

– Isso é bom – eu disse.

– Como assim?

– Isso significa que você não vai se conformar com uma vida ruim.

– Gostaria de poder parar de me preocupar tanto. Você se preocupa?

Eu me peguei dando um suspiro involuntário.

– Sim.

– Então isso nunca acaba, mesmo que a gente faça tudo direito?

– A qualidade da preocupação é que muda – falei. – Tenho preocupações mais felizes hoje do que no passado.

Jesse olhou para fora pela janela.

– Isso tudo está me dando vontade de fumar um cigarro. Aí vou poder me preocupar com um câncer no pulmão.

No dia seguinte, como sobremesa, ofereci a ele *Instinto Selvagem* (1992), com Sharon Stone. Mais uma vez, fiz uma pequena apresentação

sobre o filme, nada sofisticada. Uma regra de ouro que estabeleci: ser o mais simples possível. Se ele quiser saber mais, vai perguntar. Eu disse:

– Paul Verhoeven. Diretor holandês. Veio para Hollywood depois de alguns sucessos na Europa. Grande impacto visual, iluminação requintada. Fez alguns filmes excelentes, ultraviolentos, mas assistíveis. RoboCop é o melhor deles.

(Eu estava começando a soar como uma máquina de código Morse, mas não queria perder a atenção de Jesse.) Continuei:

– Ele também fez um dos piores filmes de todos os tempos, um clássico burlesco chamado Showgirls.

Começamos a ver o filme, que tem início com uma loura bronzeada golpeando um homem com um picador de gelo, no meio de uma relação sexual. Bela cena de abertura. Depois de quinze minutos, é difícil não concluir que Instinto Selvagem não é apenas um filme sobre pessoas estranhas, mas um filme feito por pessoas estranhas. Ele deixa transparecer uma fascinação típica de adolescentes atraídos por cocaína e “decadência” lésbica. Mas é um filme maravilhosamente assistível – é preciso reconhecer. Ele evoca uma espécie de pavor agradável. Algo importante ou obsceno parece estar sempre acontecendo, mesmo quando não está.

E depois, é claro, há os diálogos. Comentei com Jesse que o roteirista Joe Eszterhas, um ex-jornalista, recebera 3 milhões de dólares para escrever esse tipo de coisa:

detetive: Há quanto tempo você estava saindo com ele?

sharon stone: Eu não estava saindo com ele. Eu estava fodendo com ele.

detetive: Você lamenta que ele esteja morto?

sharon stone: Sim. Eu gostava de foder com ele.

Jesse não conseguia tirar os olhos da tela. Ele podia até ter gostado de Os Incompreendidos, mas isso era muito diferente.

– Podemos fazer uma pausa um momento? – ele disse, e correu até o banheiro para dar uma mijada; do sofá, ouvi o barulho do tampo do vaso e, em seguida, aquele som característico.

– Deus do céu, Jesse, feche a porta!

Bam, a porta foi fechada. Então ele correu de volta, aos pulos, segurando a calça pela cintura, e voltou a se aboletar no sofá.

– Você tem que reconhecer, pai: este sim é um grande filme.

* Todos os filmes citados constam da Filmografia. As notas numeradas que surgirão ao longo do livro marcam os comentários do revisor técnico. (N. do E.)

Um dia Jesse trouxe uma garota para casa. Seu nome era Rebecca Ng, um espetáculo vietnamita.

– Prazer em conhecê-lo, David – ela disse, olhando bem nos meus olhos.

David?

– Como você está se sentindo hoje?

– Como estou me sentindo hoje? – repeti embasbacado. – Até agora, muito bem.

Eu gostava de morar naquele bairro? Por quê? Sim. Obrigado.

– Tenho uma tia que mora a alguns quarteirões daqui – ela disse. – Ela é muito legal. Das antigas, mas muito legal.

Das antigas?

Rebecca Ng (pronuncia-se Ning) estava muito bem vestida, com um jeans branco impecável, blusa de gola alta castanha, jaqueta de couro e botas de cano longo. Por algum motivo, dava a impressão de que ela própria tinha comprado as roupas, trabalhando depois da escola numa boutique de Yorkville ou servindo drinques para executivos que tiram a aliança nos sábados à noite no bar do Hotel Four Seasons (isso quando não estava estudando para uma prova de cálculo). Quando ela virou a cabeça para falar com Jesse, senti a brisa de um perfume. Delicado, caro.

– Bem, aqui estamos – ela disse.

Então, ele a levou para o seu quarto, no porão. Abri a boca para protestar. O quarto era uma verdadeira caverna. Não tinha janela, nem luz natural. Apenas uma cama com um cobertor verde desbotado, roupas espalhadas pelo chão, CDs em toda parte, um computador virado para a parede, uma “biblioteca”, constituída por um exemplar autografado de um romance de Elmore Leonard (nunca lido) e por *Middlemarch*, de George Eliot (um presente esperançoso da mãe), além de uma coleção de revistas de hip-hop com imagens de negros dançando na capa. Uma coleção de copos d’água enchia a mesinha de cabeceira; eles desapareciam da cozinha como por encanto. Havia também uma ocasional revista “adulta” (*1-800-Slut*) enfiada no espaço entre o colchão e o estrado da cama.

“Não tenho nenhum problema com pornografia”, ele me disse uma vez, despreocupadamente.

“Bem, eu tenho”, falei. “Portanto, mantenha isso guardado.”

Ao lado, na área de serviço, metade das toalhas da casa secava, esticada no chão de cimento. Mas eu fiquei na minha. Senti que aquele não era o momento de tratar Jesse como um menino: “Por que vocês, crianças, não tomam leite com biscoitos enquanto eu volto a aparar a grama do quintal?”

Logo o som de um contrabaixo chegou até a sala. Dava para ouvir a voz de Rebecca flutuando acima da música, depois a voz de Jesse, mais profunda, confiante. Depois, animados ataques de riso. Bom, pensei. Ela já descobriu como ele é divertido.

– Qual a *idade* dessa garota? – perguntei quando ele voltou, depois de levá-la até a estação do metrô.

– Dezesseis – ele disse. – Mas ela tem namorado.

– Posso imaginar.

Ele sorriu de forma ambígua.

– O que você quer dizer?

– Nada em particular.

Ele parecia preocupado. Eu disse:

– Acho que quero dizer que, se ela tem um namorado, por que veio até sua casa?

– Ela é bonita, não é?

– Ela é, com certeza. E ela também sabe disso.

– Todo o mundo gosta da Rebecca. Todos fingem que querem ser apenas amigos dela. E ela deixa que as pessoas fiquem à sua volta.

– Quantos anos tem o namorado dela?

– A idade dela. Mas ele é meio nerd.

– Isso melhora um pouco meu conceito dela – eu disse.

– Como assim?

– Isso a torna mais interessante.

Ele se olhou rapidamente no espelho sobre a pia da cozinha. Virando a cabeça ligeiramente para o lado, mordeu as bochechas, franziu os lábios e se olhou com uma expressão carrancuda. Este era o seu “rosto de espelho”. Jesse nunca fazia essa cara em outra situação. Era quase natural que seu cabelo, grosso como o de um guaxinim, ficasse arrepiado nas pontas.

– Mas o namorado que veio antes dele tinha 25 – ele disse. (Ele queria mesmo falar sobre ela.) Afastando com alguma dificuldade o olhar do espelho, seu rosto voltou à expressão normal.

– Vinte e cinco?

– Ela vive cercada de homens, pai. Parecem moscas. Nesse momento, Jesse me pareceu mais esperto do que eu era na idade dele. Menos iludido e superficial. (O que não era muito difícil.) Mas aquela história com Rebecca Ng me deixava nervoso. Era como observá-lo entrando num carro muito caro. Eu podia sentir de longe o cheiro de couro novo.

– Eu não dei a impressão de que estou a fim dela ou algo assim, dei?

– Não, não mesmo.

– Não parecia que eu estava nervoso?

– Não. Você estava?

- Só quando eu olhava para ela de perto. O resto do tempo, fiquei bem.
- Para mim, você parecia estar no controle da situação.
- Parecia mesmo, não?

E novamente dava para ver uma espécie de leveza relaxar seus membros, uma pausa num tom menor em meio àquela atmosfera de preocupação e incerteza à qual ele acabaria voltando, pela força da gravidade. Tenho pouco a oferecer a ele, pensei – apenas algumas migalhas de confiança, como alimentar um animal raro num zoológico.

Através da parede, dava para escutar nossa vizinha, Eleanor. Ela estava andando pela cozinha, fazendo seu chá, ouvindo o rádio. Um ruído solitário. Em parte a ouvindo, em parte pensando nas minhas próprias preocupações, eu me peguei lembrando o primeiro “encontro” de Jesse com uma garota. Ele tinha 10, talvez 11 anos. Eu supervisionei seus preparativos; observei, de braços cruzados, ele escovar os dentes, passar desodorante nas pequenas axilas, vestir uma camiseta vermelha, pentear o cabelo e sair. Eu o segui, escondido atrás de arbustos e árvores, fora de seu campo de visão. (Como ele estava bonito sob a luz do sol, aquela figura esbelta de cabelo ruivo.)

Jesse apareceu na garagem de uma casa vitoriana em forma de castelo, poucos minutos depois, com uma menina a seu lado. Era ligeiramente mais alta que ele. Eu o segui até a rua Bloor, onde entraram numa lanchonete e acabaram com minha vigilância.

– Você não acha que Rebecca é muita areia para o meu caminhão, acha, pai? – Jesse perguntou, voltando a se olhar no espelho e a mudar a expressão do rosto.

– Nenhuma garota é areia demais pra você – respondi. Mas meu coração se agitou quando eu disse isso.

Eu tinha bastante tempo livre naquele inverno. Apresentava um programa de documentários na televisão ao qual ninguém assistia, mas meu contrato estava chegando ao fim e o produtor executivo tinha parado de responder às minhas mensagens levemente aflitas. Tinha a desconfortável sensação de que minha carreira televisiva estava indo para o buraco.

– Talvez você precise sair e procurar outro emprego, como qualquer um – minha mulher disse.

– Isso me assustou. Sair por aí com o chapéu na mão, pedindo trabalho, com 50 anos...

– Não acho que as pessoas vejam as coisas desse modo – ela disse. – É apenas mais um cara procurando emprego. Todo mundo faz isso.

Liguei para alguns colegas dos velhos tempos, pessoas que (eu achava) admiravam meu trabalho. Mas eles tinham mudado de área, tinham esposas, bebês pequenos. Dava para sentir a simpatia deles, mas, ao mesmo tempo, minha irrelevância.

Almocei com pessoas que não encontrava havia anos. Velhos amigos do ensino médio, da universidade, dos agradáveis dias no Caribe. Depois de vinte minutos, eu olhava para o garfo e pensava: não vou fazer isso de novo. (Tenho certeza de que eles pensavam a mesma coisa.) Exatamente como irei viver o resto da minha vida? — ficava imaginando na minha intimidade. Especular sobre como eu estaria em cinco ou dez anos, naquela situação, não era bom. Minha confiança de que as coisas acabariam por “se arrumar” e “terminar bem” estava se evaporando.

Projetei um quadro triste. Na hipótese de ninguém nunca mais me contratar, eu tinha dinheiro suficiente para viver por dois anos. Um pouco mais, se parasse de jantar fora. (Muito mais, se eu morresse.) Mas, e depois? Virar professor substituto? Algo que eu não fazia havia 25 anos? O pensamento fez meu estômago revirar. O despertador tocando às seis e meia da manhã; eu saltando da cama com o coração acelerado e um gosto ruim na boca; vestindo minha camisa, gravata e casaco esporte; a enjoativa viagem de metrô até alguma escola com paredes de tijolos, num bairro desconhecido, os corredores superiluminados, o gabinete do vice-diretor. “Você não é aquele cara que aparecia na televisão?” Pensamentos que davam vontade de tomar um pileque às onze da manhã. O que eu de fato fiz, algumas vezes, e que provocava, é claro, uma ressaca digna de Malcolm Lowry. *Você administrou mal sua vida.*

Certa manhã, em que tinha acordado cedo demais, caminhei até um restaurante desconhecido. Quando veio a conta, era absurdamente baixa; evidentemente, um erro fora cometido, e eu não queria que fosse descontado das gorjetas da garçonete. Falei com ela.

— Está parecendo um pouco barato demais — eu disse.

Ela olhou a conta.

— Não, não — ela respondeu, abrindo um sorriso —, este é o nosso Especial Sênior.

O Especial Sênior — para as pessoas com mais de 65 anos. E o que era ainda mais patético: experimentei uma ligeira onda de gratidão. No fim das contas, eu tinha economizado quase 2 dólares e 50 centavos no café da manhã com presunto e ovos.

Do lado de fora, o tempo fechava. Começou a nevar; flocos deslizavam

pelas vidraças. O pequeno estacionamento do outro lado da rua desapareceu na névoa. Dava para ver um par de faróis traseiros vermelhos em movimento, alguém dando ré e entrando em uma vaga. Justamente nesse momento, a mãe de Jesse, Maggie Huculak (pronuncia-se Ru-xu-lac), telefonou. Ela acabara de se servir de uma taça de vinho tinto em meu *loft* e queria companhia. As luzes da rua se acenderam; a névoa brilhava magicamente em volta das lâmpadas. De repente, aquela parecia uma noite aconchegante e perfeita para dois pais conversarem sobre a vida de seu adorado filho – sua alimentação (ruim), atividade física (nenhuma), seu hábito de fumar (afetivo), Rebecca Ng (problemas), drogas (nenhuma, até onde sabíamos), leituras (nulas), filmes (*Intriga Internacional*, de Hitchcock, hoje), bebidas (em festas) e a natureza de sua alma (sonhadora).

E enquanto conversávamos fiquei mais uma vez surpreso com o fato de que nos amávamos. Não no sentido carnal ou romântico – isso tinha ficado para trás –, mas de uma forma mais profunda. (Quando eu era rapaz, não acreditava que algo mais profundo *pudesse* existir.) Sentíamos muito prazer na companhia um do outro, com o som tranquilizador de nossas vozes. Além disso, eu tinha aprendido da maneira mais dura que não havia outra pessoa na Terra, além dela, com quem pudesse falar sobre meu filho no nível de detalhamento que eu queria – o que ele dissera naquela manhã, como era esperto, como ficava bonito com sua nova camiseta de *rugby*. (“Você tem toda razão. Ele fica *muito* bem usando cores escuras!”)

Ninguém mais aguentaria ficar ouvindo esse tipo de coisa por mais de trinta segundos sem ter vontade de saltar pela janela. Como deve ser triste, pensei, a situação daqueles pais cuja aversão um pelo outro os endurece tanto que eles acabam sendo privados desse tipo de troca deliciosa.

– Você está namorando? – perguntei.

– Não – disse Maggie. – Não encontro caras bonitos.

– Vai encontrar. Eu conheço você.

– Não sei – ela disse. – Alguém me falou, uns dias atrás, que as chances de uma mulher da minha idade ser assassinada num atentado terrorista são maiores do que as de se casar.

– Que coisa agradável de dizer. Quem disse isso? – eu perguntei.

– Ela mencionou uma atriz com cara de pato, com quem estava ensaiando a peça *Hedda Gabler*.

– Nós fizemos uma leitura completa da peça e, no final, o diretor, um cara que conheço há anos, disse: “Maggie, você é como puro malte escocês.”

– Ah, é?

– E você sabe o que ela disse?

– O quê?

– Disse: “Esse é o tipo mais *comum* de uísque, não é?” – Após um momento, falei:

– Você sabe que é melhor atriz, Maggie; ela nunca vai perdoá-la por isso.

– Você sempre me diz coisas tão agradáveis – ela disse. Sua voz tremeu um pouco. Ela chorava com facilidade.

Não me lembro exatamente. Pode ter sido na mesma noite do neveiro, ou talvez algumas noites depois, que Rebecca Ng telefonou por volta das quatro da manhã. O toque do telefone se insinuava com tanta perfeição em meu sonho (casa de veraneio, minha mãe preparando um sanduíche de tomate na cozinha, tudo isso perdido havia tempos), que não despertei imediatamente. Então o telefone tocou e continuou a tocar, e eu atendi. Era muito tarde, muito estranho que uma garota da idade dela estivesse acordada, e mais ainda que estivesse dando telefonemas.

– Está muito tarde para isso, Rebecca, muito tarde mesmo – eu disse.

– Desculpe – ela respondeu, num tom que não parecia sincero. – Pensei que Jesse tivesse seu próprio número.

– Mesmo que ele tivesse... – comecei a falar, mas minha língua não funcionava direito. Eu soava como uma vítima de derrame.

Não se pode começar o dia repreendendo um adolescente; é preciso esperar ele escovar os dentes, lavar o rosto, subir a escada, sentar-se à mesa e comer seus ovos mexidos. Só então se começa. E você diz: “Que diabos ela queria esta madrugada?”

– Ela sonhou comigo.

Ele usou um tom de voz baixo, para camuflar sua excitação, mas tinha o brilho de um homem que acaba de ganhar uma bela rodada no pôquer.

– Ligou para contar isso?

– E ela contou a *ele*.

– Ele quem?

– O namorado dela.

– Ela contou ao namorado que sonhou com você?

– Sim.

(Aquilo estava começando a soar como uma peça de Harold Pinter.)

– Deus do céu!

– O que foi? – ele perguntou, preocupado.

– Jesse, quando uma mulher diz que sonhou com você, sabe o que está acontecendo, não sabe?

– O quê?

Ele sabia a resposta. Só queria ouvi-la.

– Isso significa que ela gosta de você. É uma maneira de dizer que você está nos pensamentos dela. Que você está *realmente* na cabeça dela.

- É verdade. Acho que ela gosta de mim.
- Não tenho dúvida sobre isso. Eu também gosto de você. Mas... – Parei, sem palavras.
- Mas o quê?
- É um pouco dissimulado, só isso. E cruel. Como você se sentiria se sua namorada lhe dissesse que sonhou com outro cara?
- Ela não diria.
- Você quer dizer que, se ela estivesse com você, jamais sonharia com outro cara?
- Sim – ele respondeu, sem muita convicção. Continuei.
- O que estou tentando mostrar, Jesse, é que a forma como uma garota trata seu namorado atual é a forma como ela irá tratar você.
- Você acha?
- Eu não acho. Eu sei. Olhe para sua mãe: ela sempre foi gentil e generosa ao falar de seus ex-namorados. Por isso ela nunca tentou envenenar seus ouvidos, nem me arrastar para um tribunal.
- Ela não faria isso.
- É exatamente isso o que estou explicando. Como ela não faria isso com outro cara, também não faria comigo. Foi por isso que eu tive você com ela, e não com outra mulher.
- Você sabia que um dia iam terminar?
- O que eu quero dizer é que não tem problema nenhum em ir para a cama com uma idiota, mas jamais tenha um filho com ela.
- Isso o fez calar a boca.

Eu conservei uma lista dos filmes que vimos (em fichas amarelas em cima da geladeira), por isso sei que logo nas primeiras semanas mostrei a ele *Crimes e Pecados* (1989). Atualmente os filmes de Woody Allen dão uma sensação de *dever de casa feito às pressas*, como se ele quisesse logo terminá-los e se livrar deles, para passar a outra coisa. Mas acontece que essa coisa, infelizmente, tem sido outro filme. É uma espiral descendente. Mesmo assim, depois de dirigir mais de trinta filmes, talvez ele já tenha completado sua obra; talvez tenha o direito de se aventurar por onde quer que seja, daqui para a frente.

Mas houve um período em que ele só dirigia filmes maravilhosos, um após o outro. *Crimes e Pecados* é um daqueles filmes que as pessoas veem a primeira vez e, como acontece com os contos de Tchekov, não captam logo tudo o que têm a oferecer. Eu sempre achei que é um filme que mostra como Woody Allen vê o mundo – um lugar onde pessoas como os seus

vizinhos *realmente* se envolvem com assassinatos e acabam se safando, e onde bobalhões terminam com belas namoradas.

Chamei a atenção de Jesse para a habilidade da narrativa, a forma eficiente como ela resume em poucos minutos o envolvimento entre o oftalmologista (Martin Landau) e sua namorada histérica (Angelica Huston). Em apenas algumas rápidas pinceladas, entendemos como eles foram tão longe, de um namoro intenso a uma cena de crime.

O que Jesse achava disso? Ele disse:

– Acho que eu gostaria do Woody Allen na vida real. E ficamos nisso.

Em seguida mostrei a ele um documentário, *Vulcão – Uma Investigação sobre a Vida e a Morte de Malcolm Lowry* (1976), de Donald Brittain. Só se pode dizer isso uma vez, então lá vai: *Vulcão*^[2] é o melhor documentário que já vi na vida. Quando comecei a trabalhar em televisão, mais de vinte anos atrás, perguntei a uma produtora veterana se ela conhecia o filme.

– Está brincando? – ela disse. – Foi por causa desse documentário que eu entrei na televisão. – Ela sabia de cor vários trechos do filme. – “A menos que beba tanto quanto eu, como você poderia entender a beleza de uma velha senhora de Tarasco jogando dominó às sete horas da manhã?”

O filme narra uma história e tanto: Malcolm Lowry, um jovem rico, deixa a Inglaterra aos 25 anos, dá a volta ao mundo bebendo todas, até se estabelecer no México, onde começa a escrever um conto. Dez anos e um milhão de drinques depois, ele transformou esse conto no maior romance já escrito sobre bebida, *A Sombra do Vulcão*, e quase enlouqueceu durante o processo. (Curiosamente, a maior parte do romance foi escrita num pequeno quarto, dezesseis quilômetros ao norte de Vancouver.)

Existem alguns escritores, expliquei a Jesse, cujas vida e morte inspiram tanta curiosidade e admiração quanto aquilo que eles realmente escreveram. Menciono Virginia Woolf (morte por afogamento), Sylvia Plath (morte por gás), F. Scott Fitzgerald (bebeu absurdamente e morreu muito jovem). Malcolm Lowry é outro exemplo. Seu romance é um dos mais impressionantes hinos à autodestruição.

– É assustador – disse a Jesse – imaginar quantos jovens da sua idade se embebedaram e olharam no espelho imaginando ver Malcolm Lowry olhando de volta para eles. Quantos jovens pensaram que estavam fazendo algo mais importante e poético do que simplesmente encher a cara. – Li para Jesse uma passagem do romance para mostrar o que eu queria dizer. – “E é dessa maneira que eu, às vezes, penso sobre mim mesmo”, Lowry escreveu, “como um grande explorador que descobriu alguma terra extraordinária da qual jamais poderá voltar para anunciar ao mundo sua descoberta: mas o nome dessa terra é inferno.”

– Deus – Jesse disse, saltando de volta para o sofá. – Você acha que

ele queria mesmo dizer isso, que ele realmente se *via* dessa maneira?

– Acho.

Após um momento de reflexão, ele disse:

– Não é a coisa certa, eu sei, mas de alguma maneira estranha isso dá vontade de sair por aí arrebetando tudo.

Então eu disse a ele que prestasse atenção especialmente no texto do documentário, que muitas vezes alcança a estatura da própria prosa de Lowry. Por exemplo, a descrição que o diretor canadense Donald Brittain faz da internação de Lowry num manicômio em Nova York: “Aquilo não era mais o mundo dos burgueses ricos, onde se repousava em lençóis macios. Ali estavam coisas que continuavam vivendo, embora não tivessem mais concerto.”

– Acha que sou muito novo para ler Lowry? – Jesse perguntou.

Pergunta difícil. Eu sabia que, naquele momento da vida, o livro provavelmente o desencaminharia logo nas primeiras vinte páginas.

– Acho que precisa conhecer alguns *outros* livros antes de ler Lowry – respondi.

– Quais?

– E para isso que as pessoas vão à faculdade – eu disse.

– Mas não é possível ler esses livros mesmo não indo à faculdade?

– Sim. Mas as pessoas não lêem. Alguns livros você só lê se for obrigado. Essa é a beleza de uma educação formal. Ela faz você ler um monte de coisas às quais você normalmente jamais daria atenção.

– E isso é bom?

– No fim das contas, é bom, sim.

Às vezes, Tina chegava em casa do trabalho e me pegava tentando atrair Jesse para o andar de cima com um croissant nos meus dedos – como se estivesse treinando um golfinho no parque aquático Sea World.

– Ele tem pais compreensivos demais – ela dizia. Depois de ter trabalhado durante verões, feriados e até fins de semana para bancar sua faculdade, ela devia achar aquele ritual vespertino algo irritante.

Uma ou duas palavras sobre Tina. A primeira vez que a vi, apressada, na redação – isso tinha sido quase 15 anos antes –, eu pensei: “Bonita demais. Esqueça.”

Tivemos, mesmo assim, um breve flerte, que terminou em poucas semanas com a observação singela de que eu era “divertido como companheiro de bebida”, mas não como “tipo que se namora”.

– Na minha idade – ela disse –, não posso me dar ao luxo de mergulhar de cabeça, por dois anos, num relacionamento sem futuro.

Vários anos se passaram. Eu estava saindo do banco, uma tarde, num shopping center subterrâneo, quando a vi subindo a escada rolante. O

tempo tinha deixado seu rosto mais largo, dando a ela uma aparência levemente cansada. Deve ter sido um caso de amor que não deu certo, imaginei. Tentei novamente. Tivemos alguns encontros aqui e ali e, em seguida, uma noite, caminhando de volta para casa de algum lugar, olhei para sua silhueta e pensei: preciso me casar com essa mulher. Era como se algum mecanismo de autopreservação tivesse sido acionado, como uma lareira numa noite fria. Case-se com essa mulher, aquilo dizia, e você morrerá feliz.

Ao ouvir a novidade, Maggie me puxou para um canto e sussurrou:

– Você não pode perder essa chance.

Os filmes que mostrei a Jesse em seguida foram *Cidadão Kane* (1941), de Orson Welles – “Muito bom, mas de forma alguma o melhor filme de todos os tempos” –, e *A Noite do Iguana* (1964), de John Huston – “Uma droga”. E, então, *Sindicato de Ladrões* (1954).

Comecei com uma pergunta retórica. Marlon Brando foi o maior ator de cinema de todos os tempos?

Então fiz minha apresentação. Expliquei que *Sindicato de Ladrões* parecia ser um filme sobre o combate à corrupção nas docas de Nova York, mas era *na verdade* sobre a rápida emergência de um novo estilo de interpretação no cinema americano, o “Método”. Os resultados, a forma como os atores encarnavam os personagens com base em experiências da vida real, podiam ser excessivamente pessoais e pobres demais, mas ali funcionaram maravilhosamente.

Passei a explicar que havia diferentes maneiras de ver o filme (que ganhou oito Oscars). Num nível literal, trata-se de uma história emocionante sobre um jovem (Brando) que é confrontado com uma verdadeira crise de consciência. Será que ele permitirá que o mal fique impune, pelo simples fato de ter sido cometido pelos seus amigos? Ou será que ele vai se manifestar?

Mas havia outra maneira de ver as coisas. O diretor do filme, Elia Kazan, cometeu um daqueles erros terríveis que acompanham uma pessoa pelo resto da vida: foi testemunha voluntária diante do Comitê de Atividades Antiamericanas, criado pelo senador Joseph McCarthy na década de 1950. Durante as “investigações” do Comitê, eu expliquei, atores, roteiristas e diretores eram com frequência colocados numa lista negra, por serem membros do Partido Comunista; muitas vidas foram arruinadas.

Kazan ganhou o apelido “Kazan Dedo-duro”, pela atitude subserviente e por sua disposição a “dar nome aos bois”. Alguns críticos afirmaram que *Sindicato de Ladrões* era, essencialmente, uma justificativa artística para o fato de uma pessoa delatar amigos.

Eu podia ver os olhos de Jesse ficando turvos, então pedi que ele

assistisse a uma cena com Marlon Brando e Eva Marie Saint num parque: ele pega uma das luvas dela e a coloca; ela quer ir embora, mas não pode enquanto a luva estiver com ele. Quando Kazan falava sobre Brando, sempre citava esse momento. “Você viu isso?”, ele costumava perguntar a seus entrevistadores, com a voz de um homem que testemunhou, em primeira mão, um acontecimento extraordinário.

E fomos em frente. Mostrei a Jesse *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?* (1966), de Mike Nichols; *Plenty – O Mundo de uma Mulher* (1985), com Meryl Streep; *O Terceiro Homem* (1949), com roteiro de Graham Greene. Jesse gostou de alguns filmes, ficou entediado com outros. Mas era melhor do que ter que arrumar um emprego e pagar aluguel. Tive uma surpresa quando mostrei a ele *Os Reis do lê, lê, lê* (1964).

É difícil para alguém que não era jovem no início da década de 1960, falei, imaginar a importância que os Beatles tiveram. Mal saídos da adolescência, eles eram tratados como imperadores romanos aonde quer que fossem. Tinham a qualidade extraordinária, apesar da popularidade histórica da banda, de fazer você se sentir como se fosse o único a compreender como eles eram bons, como se, de algum modo, eles fossem sua descoberta particular.

Contei a Jesse que tinha visto um show deles em Maple Leaf Gardens, em Toronto, em 1965. Nunca vi nada parecido: os gritos, a explosão de flashes, John Lennon cantando “Long Tall Sally” com aquele seu sotaque. A garota que estava do meu lado pulava de forma tão violenta com seus binóculos que quase arrancou minha cabeça.

Comentei sobre a entrevista que fiz com George Harrison em 1989, quando ele lançou seu último álbum; sobre como, esperando em seu escritório, na produtora Handmade Records, quase caí para trás quando me virei e lá estava ele, um sujeito magro, de meia-idade, com longos cabelos pretos. “Só um minuto”, dissera, com aquele mesmo sotaque que se ouvia no programa de televisão *The Ed Sullivan Show*. “Tenho que pentear o cabelo.”

Comentei com Jesse o acerto que tinha sido filmar *Os Reis do lê, lê, lê* — desde a opção pelo preto e branco até a escolha do figurino dos rapazes, com estilosos ternos pretos e camisas brancas, sem falar no uso de câmeras portáteis, que dão ao filme um tom de documentário, de vida real. Aquele estilo de noticiário televisivo das seis influenciou toda uma geração de cineastas.

Chamei a atenção de Jesse para alguns detalhes saborosos: George Harrison (o melhor ator da banda, segundo o diretor Richard Lester) naquela cena com as camisas bizarras; John Lennon inalando o gargalo de uma garrafa de Coca-Cola no trem (poucas pessoas à época entenderam a piada). Mas a minha cena favorita, com certeza, é aquela em que os Beatles

descem correndo uma escadaria e irrompem num campo aberto. Com “Can’t Buy Me Love” ao fundo, é um momento tão irresistível, de tamanho êxtase, que até hoje me enche de alegria, de um sentimento de estar perto de algo profundamente importante – mas inalcançável. Depois de todos esses anos, eu ainda não sei exatamente o que é esse “algo”, mas sinto sua presença quando assisto ao filme.

Pouco antes de pôr o filme, comentei com Jesse que, em 2001, os Beatles remanescentes lançaram uma coletânea com seus sucessos que alcançaram o primeiro lugar nas paradas. O álbum com essas músicas entrou diretamente no topo das listas dos mais vendidos em 34 países: Canadá, Estados Unidos, Islândia, toda a Europa. E a banda tinha acabado 31 anos antes!

Então eu disse algo que sempre tive vontade:

– Senhoras e senhores, os Beatles!

Jesse assistiu ao filme num silêncio polido e, no final, disse simplesmente:

– Horrível. – E não parou aí. – E John Lennon é o pior de todos. – (Aqui ele imitou o jeito de Lennon com precisão surpreendente.) – Um sujeito totalmente constrangedor.

Fiquei sem palavras. A música, o filme, o visual, o estilo... Mas, acima de tudo, porra, eram os Beatles!

– Me dê licença por um minuto, o.k.? – eu disse. Remexi meus CDs dos Beatles até encontrar “It’s Only Love”, do álbum *Rubber Soul*. Coloquei para tocar (chamando a atenção de Jesse com o dedo, para que não se distraísse sequer por uma fração de segundo).

– Espere, espere – eu disse entusiasmado. – Espere pelo refrão! Escute essa voz, é coisa de primeira!

Eu gritava, enquanto ouvíamos a música:

– Esta não é simplesmente a melhor voz de todos os tempos na história do rock?

Quando a faixa terminou, relaxei na poltrona. Depois de uma pausa religiosa, e numa voz que tentava recuperar seu tom normal (aquela meia-oitava ainda acaba comigo), perguntei a Jesse:

– Então, o que você achou?

– Eles têm boa voz. – *Boa voz?*

– Mas o que você *sentiu* ouvindo a música? – gritei. Olhando para mim cauteloso, com os mesmos olhos da mãe,

Jesse disse:

– Honestamente?

– Honestamente.

– Nada. – Pausa. – Eu não senti absolutamente nada. – Ele colocou

a mão no meu ombro, de forma consoladora. — Sinto muito, pai.

Havia um traço de ironia disfarçada nos seus lábios? Será que eu já tinha me transformado num velho tolo e simplório?

Uma tarde, já perto das seis, Jesse ainda não tinha aparecido. Desci a escada e bati na porta do quarto dele.

– Jesse – falei. – Posso entrar?

Ele estava deitado de lado, debaixo dos cobertores, virado para a parede. Acendi o abajur ao lado da cama e me sentei na beirada.

– Eu trouxe alguma coisa para você comer – falei. Ele se virou.

– Não consigo comer, pai. – Peguei um croissant.

– Vou dar uma mordida eu mesmo, então. – Ele olhou para o saco, com um ar faminto.

– Então – eu disse (*nhac, nhac*) –, o que está acontecendo?

– Nada...

– Isso tudo é por causa de Rebecca? – perguntei.

Ele se sentou, com os cabelos arrepiados como se tivesse levado um choque elétrico.

– Ela teve um orgasmo – sussurrou.

Eu me retraí, não pude evitar. Não era o tipo de conversa que eu queria ter com meu filho de 16 anos; não nesse nível de detalhe. (Era para isso que serviam os amigos dele, afinal de contas.) Mas eu também podia perceber que, ao dizer aquelas palavras, só pelo fato de as ter trazido à tona, ele tinha se livrado de uma dose de veneno que estava em seu corpo.

Disfarcei meu desconforto dando uma grande mordida, engolindo o croissant quase inteiro.

– Mas você sabe o que ela disse depois? – ele disse.

– Não, não sei.

– Ela disse: “Eu gosto de você de verdade, Jesse, mas quando nos abraçamos é como se eu estivesse abraçando um amigo.”

– Ela disse isso?

– Exatamente isso. Eu juro, pai. Como se eu fosse uma amiguinha dela, um gay ou coisa parecida.

Um momento depois, eu disse:

– Quer saber o que eu acho?

– O quê?

Ele parecia um condenado esperando para ouvir sua sentença. Eu disse:

– Eu acho que essa Rebecca é uma putinha encrenqueira que adora atormentar você.

– Sério?

– Sério.

Ele se afastou, como se o mal-estar da situação tivesse voltado

subitamente à sua lembrança.

– Ouça – eu disse. – Vou ter que sair daqui a pouco. Tenho algumas coisas para fazer, e você vai começar a pensar nessas coisas de novo...

– Provavelmente.

Medindo minhas palavras, eu disse com cuidado:

– Eu não quero ter uma conversa imprópria com você. Nós não somos colegas, somos pai e filho, mas uma coisa eu quero dizer. Garotas não têm orgasmos com caras por quem elas não se sentem fisicamente atraídas.

– Tem certeza?

– Sim – respondi enfaticamente.

(Será mesmo verdade?, eu me perguntei. Não importa. Não é o problema de hoje.)

Levei Jesse para ver *Sexy Beast* (2002), com Ben Kingsley, no cinema Cumberland. Podia notar que ele não estava prestando atenção no filme, estava apenas sentado ali, no escuro, pensando em Rebecca Ng e na história do “abraço de amigos”. No caminho para casa, perguntei a ele:

– Você já me falou sobre tudo o que queria? Ele não olhou para mim.

– Sim, tudo – ele disse.

E foi como se fechasse uma porta; claramente, eu não devia me meter mais. Caminhamos num silêncio desconfortável até o metrô. Nunca havíamos tido qualquer problema para conversar, mas naquele momento parecia que não tínhamos nada a dizer um ao outro. Talvez, mesmo sendo tão jovem, ele intuísse que eu não poderia dizer nada que realmente fizesse diferença. Somente Rebecca poderia fazer isso. Mas parecia que Jesse tinha esquecido como seu próprio sistema nervoso funcionava, ou seja, que colocar as coisas em palavras o aliviaria, pelo menos em parte, da sua aflição. Ele estava inacessível. E eu me senti indiscretamente relutante em forçar a barra sem ter sido convidado. Ele estava crescendo.

O tempo estava péssimo, como sempre acontece quando estamos com o coração partido. Manhãs chuvosas, céus cinzentos à tarde. Um carro atropelara um esquilo bem em frente à nossa porta, e toda vez que entrávamos ou saíamos de casa era impossível não olhar, involuntariamente, para o bicho morto. Num jantar de família com sua mãe e minha mulher, Tina, Jesse comeu seu bife com purê de batatas (seu prato favorito) de forma mecânica, com educação, mas sem entusiasmo. Ele parecia aéreo, como uma criança enjoada, e bebeu vinho demais. Ou talvez nem tenha bebido muito: o *jeito* como ele bebia, depressa demais, é que dava essa impressão. É uma coisa que se vê em beberrões mais velhos, pensei. Precisaremos ficar de olho nisso.

Observando-o, do outro lado da mesa, eu me surpreendi saltando de um pensamento desagradável a outro. Eu o imaginei como um homem mais

velho dirigindo um táxi pela cidade numa noite chuvosa, o carro cheirando a maconha, um tabloide dobrado no banco do carona. Eu disse a ele que poderia fazer o que quisesse; esqueça o aluguel, passe o dia dormindo. Que pai legal eu sou!

Mas e se nada acontecesse? E se eu o estivesse empurrando para um beco sem saída, sem escapatória, para uma sucessão de empregos ruins e chefes chatos, sem dinheiro e com muita bebida? E se eu estivesse preparando o cenário para tudo isso?

Encontrei Jesse sozinho na varanda, mais tarde naquela noite.

– Sabe – eu disse, enquanto me sentava na cadeira de vime ao lado dele –, isso que você está fazendo, esse negócio de não ir à escola, é um caminho difícil.

– Eu sei disso – ele falou. Continuei.

– Eu só quero ter certeza de que você sabe o que está fazendo, que ocorrerão consequências reais, se você não tiver um diploma.

– Eu sei – ele disse. – Mas acho que minha vida vai ser boa, de qualquer forma.

– Você acha?

– Acho. Você não?

– Eu não o quê?

– Não acha que minha vida vai ser boa?

Olhei para ele, para seu rosto fino e vulnerável, e pensei que preferia morrer a acrescentar mais alguma preocupação ao seu coração.

– Acho que você vai ter uma vida ótima – falei. – Na verdade, tenho certeza disso.

Era uma tarde de primavera. Jesse só subiu do porão por volta das cinco da tarde. Eu ia fazer algum comentário a esse respeito, mas não fiz. Esse era o trato. Eu tinha combinado tomar um drinque com alguém para falarmos sobre um trabalho numa revista (a hemorragia financeira continuava), mas achei que devia deixar Jesse vendo um filme, antes de sair. Coloquei no aparelho de DVD *Assim Caminha a Humanidade* (1956), com James Dean no papel de um jovem caubói. Enquanto os créditos de abertura rolavam sobre a imagem de uma fazenda de gado, Jesse comia um croissant, fazendo barulho ao respirar, o que me irritava.

– Quem é esse? – ele perguntou. *Nhac, nhac.*

– James Dean. – Pausa.

– Ele parece um cara esperto.

Estamos chegando àquela cena em que o personagem de Rock Hudson

está tentando convencer Dean, com seus traços de raposa, a vender um pequeno pedaço de terra que ele acabara de herdar. Há três ou quatro outros sujeitos na sala, homens de negócios vestindo camisas brancas de colarinho apertado e gravata, todos querendo a mesma coisa, todos querendo que aquele garoto rebelde venda a propriedade. (Eles suspeitam que haja petróleo nas proximidades.) Hudson oferece a Dean uma grande quantia. Não, diz o caubói, ele sente muito, mas gosta da ideia de ter um pedaço de terra só para ele. Não muito grande, mas dele.

Quando está de saída, Dean então para na porta e brinca com uma corda, como se estivesse praticando um truque para um rodeio.

— Observe isso agora — eu disse. — Veja como ele deixa a sala, o que ele faz com as mãos, como se estivesse espanando poeira de uma mesa. É como se ele estivesse dizendo para aqueles homens de negócio: “Vão se foder.”

É um daqueles momentos no cinema tão fascinantes, tão inesperados, que a primeira vez que você assiste quase não acredita em seus olhos.

— Uau! — disse Jesse, endireitando-se. — Podemos ver isso de novo?

(Admiração pode ser o sentimento adequado diante de uma peça de Anton Tchekov, mas “uau!” é a resposta certa a James Dean.)

Precisei sair alguns minutos depois. No caminho para a porta, eu disse:

— Veja o filme até o final, você vai gostar.

E achei, com um pouco de vaidade, que ele assistiria a tudo. Mas quando voltei para casa mais tarde, naquela noite (depois de gastar 11 dólares de táxi e não conseguir nenhum trabalho), encontrei-o sentado na cozinha, comendo espaguete. Comendo de boca aberta. Eu havia lhe dito dezenas de vezes para não fazer aquilo. E me incomodava que a mãe dele tivesse desistido de reclamar. Não se está fazendo um favor a um jovem quando se deixa que ele simplesmente ignore as boas maneiras à mesa. Eu disse:

— Jesse, por favor, feche a boca quando estiver mastigando.

— Desculpe.

— Já tivemos essa conversa antes.

— Só faço isso em casa — ele disse.

Eu ia ignorar esse comentário, mas não consegui.

— Se você faz isso em casa, vai acabar se esquecendo de *não* fazer quando estiver na rua.

— Está bem.

— Então, o que você achou? — perguntei.

— Do quê?

— *Assim Caminha a Humanidade.*

— Ah, não vi até o fim.

Depois de um momento eu disse:

– Sabe de uma coisa, Jesse? Você não tem muita coisa para fazer atualmente. Você realmente devia se sentar e assistir a um filme como *Assim Caminha a Humanidade*. Pois essa é a única educação que está recebendo.

Ficamos os dois calados por um tempo, enquanto eu tentava achar um jeito de quebrar aquele clima de sermão que eu tinha criado.

– Você sabe quem é Dennis Hopper? – perguntei.

– O cara de *Apocalypse Now*.

– Eu o entrevistei uma vez. Perguntei qual era seu ator favorito. Pensei que ele fosse responder Marlon Brando. Todo mundo diz Marlon Brando. Mas ele não. Ele disse James Dean. Sabe o que mais ele disse? Disse que a melhor interpretação que já tinha visto na vida era a de James Dean naquela cena em que ele brinca com a corda.

– Você está brincando.

– Sério. – Esperei um momento. – Você sabe a história de James Dean, certo? Sabe que ele só fez três filmes e morreu num acidente de carro.

– Quantos anos ele tinha?

– Vinte e poucos.

– Ele estava bêbado?

– Não, apenas dirigindo rápido demais. Assim *Caminha a Humanidade* foi seu último filme. Ele nunca chegou a vê-lo pronto.

Ele pensou por um momento.

– Quem *voce* acha que é o melhor ator de todos os tempos, pai?

– Brando – respondi. – Naquela cena de *Sindicato de Ladrões*, totalmente improvisada, quando ele pega a luva da garota e a coloca nas próprias mãos. Melhor, impossível. Devíamos assistir de novo.

Então eu disse a Jesse, ou melhor, repeti, uma coisa que tinha aprendido na universidade: que a segunda vez que você vê uma coisa é na verdade a *primeira vez*. Você precisa saber como a coisa termina antes de poder apreciar sua beleza desde o início.

Ele não sabia o que dizer – ainda se sentia culpado por não ter visto o filme até o fim. Então disse apenas:

– Claro.

Eu escolhia os filmes de maneira bastante aleatória, sem uma ordem particular. Em maioria, eles deviam apenas ser bons, clássicos, quando possível, mas sobretudo envolventes, pois tinham de arrancar Jesse de seus pensamentos, com uma boa trama. Não havia sentido, não naquele momento, ao menos, em mostrar a ele coisas como *81/2* (1963), de Fellini. Eles viriam na hora certa, os filmes desse tipo (ou não). O que eu não podia era

ficar indiferente ao prazer de Jesse, ao seu apetite para entretenimento. É preciso começar de algum lugar; se você quiser despertar o interesse de alguém por literatura, não pode começar propondo a leitura de *Ulisses* — embora, para ser sincero, passar a vida sem ter lido *Ulisses* me pareça uma ideia perfeitamente razoável.

No dia seguinte, assistimos a *Interlúdio* (1946), de Alfred Hitchcock — na minha opinião o melhor filme do diretor. Ingrid Bergman, linda como nunca, vulnerável como nunca, interpreta a filha de um espião alemão “emprestado” a um grupo de nazistas baseados na América do Sul. Cary Grant interpreta seu supervisor americano, que acaba se apaixonando por ela, mesmo sabendo que ela vai se casar com o rival. A amargura de Grant e as esperanças vãs de Bergman, de que ele desista do plano para se casar com ela, dão à história uma tremenda tensão romântica. Mas, basicamente, é um clássico de suspense. Os nazistas descobrirão qual é a verdadeira missão de Bergman? Grant chegará a tempo de salvá-la? Os últimos cinco minutos deixam o espectador sem respiração, preso na poltrona.

Fiz uma breve introdução sobre a obra de Hitchcock para Jesse, que como sempre se sentava do lado esquerdo do sofá, com uma xícara de café na mão. Eu expliquei que Hitchcock era um cineasta inglês de temperamento difícil que tinha uma atração pouco saudável por algumas das atrizes louras de seus filmes. (Queria chamar a atenção dele.) Continuei, dizendo que ele dirigira uma meia dúzia de obras-primas, e acrescentei, sem necessidade, que qualquer um que discordasse disso seguramente não gostava de cinema. Pedi a Jesse que prestasse atenção em alguns detalhes do filme. A escadaria da casa do vilão, no Rio de Janeiro. De que tamanho ela era? Quanto tempo alguém levaria para descê-la? Não expliquei o porquê da pergunta.

Também recomendei que ouvisse com atenção os diálogos inteligentes, por vezes sugestivos, do roteiro, lembrando que o filme havia sido feito em 1946. Pedi a ele, ainda, que observasse uma tomada muito famosa, em que a câmera começa no alto de um salão de baile e lentamente desce até um grupo de pessoas na festa, até chegar bem perto da mão crispada de Ingrid Bergman. O que ela está segurando? (Uma chave da adega onde as provas das más intenções nazistas estão escondidas em garrafas de vinho.)

Eu disse a Jesse, também, que alguns críticos famosos afirmaram que Cary Grant podia ser considerado o melhor ator de cinema de todos os tempos — porque ele era capaz de “encarnar o bem e o mal simultaneamente”.

— Você sabe o que “simultaneamente” significa? — perguntei.

— Sim, sim.

Mostrei a Jesse um artigo que Pauline Kael escreveu sobre Cary Grant

na revista *The New Yorker*. “Ele pode não ser muito versátil”, Kael escreveu, “mas o que ele sabe fazer ninguém mais consegue fazer tão bem, e por causa da sua não agressividade civilizada e da sua sábia aceitação das próprias fraquezas nós nos vemos idealizados nele.”

Então eu fiz o que gostaria que todos os meus professores do ginásio tivessem feito com mais frequência. Calei a boca e coloquei o filme.

Enquanto uma equipe de operários trabalhava na obra da igreja do outro lado da rua (eles iam construir um condomínio de luxo), ouvimos o seguinte diálogo:

INGRID BERGMAN (beijando Cary Grant): Este é um caso de amor muito estranho.

GRANT: Por quê?

BERGMAN: Talvez pelo fato de você não me amar.

GRANT: Quando eu não amar você, eu aviso.

Jesse olhou para mim algumas vezes, sorrindo, concordando, entendendo a cena. Depois fomos para a varanda; ele queria fumar um cigarro. Ficamos vendo os operários trabalharem por um tempo.

– Então, o que você achou? – perguntei numa voz neutra.

– Bom.

Pof, pof. Marteladas, marteladas do outro lado da rua.

– Você prestou atenção na escadaria da casa?

– Sim.

– Você reparou nela no *final* do filme? Quando Cary Grant e Ingrid Bergman estão tentando deixar a casa e nós ainda não sabemos se eles vão conseguir?

Ele ficou frustrado.

– Não, não reparei.

– Ela ficou *maior* – falei. – Hitchcock construiu um segundo lance de degraus para a cena final. Você sabe por que ele fez isso?

– Por quê?

– Porque, assim, eles levariam mais tempo para descer. E sabe por que ele queria que fosse assim?

– Para aumentar o suspense?

– Agora você sabe por que Hitchcock é famoso?

– Pelo suspense?

Eu sabia que podia parar por ali. Pensei: hoje você ensinou alguma coisa a ele. Não estrague. Eu disse:

– Isso é tudo por hoje, a aula acabou.

Foi gratidão o que eu vi nos seus traços de adolescente? Levantei da

cadeira para entrar em casa.

– Tem outra coisa que eu reparei, pai – ele disse. – Aquela cena famosa na festa, quando Ingrid Bergman está com uma chave na mão...

– Todo mundo estuda essa cena nos cursos de cinema – eu falei.

– É uma cena boa – ele disse. – Mas, para ser sincero, não me impressionou tanto assim.

– Mesmo? – perguntei.

– E você, o que acha?

Pensei por um segundo antes de responder.

– Também não acho a cena tão especial assim – respondi, e fui para dentro.

Jesse arranhou uma namorada, Claire Brinkman; era uma garota charmosa, de rosto sardento, que adorava os pais, gostava de ir à escola, era presidente do clube de música clássica, fazia teatro amador, jogava hóquei, passeava pela cidade de patins e provavelmente, receio, não se qualificava para as fantasias amorosas de Jesse, porque não o atormentava o suficiente. Além do mais, não dá para competir com um fantasma, e o fantasma de Rebecca Ng, como um *poltergeist*, assombrava nossa casa todas as noites.

Naquele mês de junho fomos a Cuba, nós três: Maggie, Jesse e eu. Um casal divorciado passando férias com seu amado filho. Minha mulher, Tina, a única que tinha um emprego fixo, ficou na casa de Maggie. Para quem estivesse de fora, e talvez para alguns amigos maldosos, essa viagem em família deve ter parecido bastante peculiar. Mas Tina entendia, pois sabia que os dias em que Maggie e eu sentíamos algum tipo de atração um pelo outro tinham ficado para trás havia muito tempo. Mesmo assim, o fato de ela ficar na casa da minha ex-mulher enquanto a gente se divertia no Caribe mostrava como a vida pode ser estranha.

Decidimos viajar na última hora. Justamente quando eu havia desanimado, numa manhã em que passei alguns minutos chutando de maneira impotente a mobília de casa, amaldiçoando meu desemprego para Tina (o trabalho no canal de documentários não tinha dado em nada), ouvi uma mensagem na secretária eletrônica. Era de um sul-africano gorducho, de temperamento passivo-agressivo, chamado Derek H. Ele estava produzindo um documentário de uma hora sobre, vejam só, o Viagra, e queria saber se eu estava interessado em “estar à frente” do projeto. Pagamento de 15 mil dólares, viagens a Filadélfia e Nova York e algumas semanas em Bangcoc — onde, segundo Derek, homens idosos estavam literalmente “trepando até a morte”.

Nós “marcamos um encontro”, eu conheci a equipe, fiz uma reserva num hotel junto ao rio em Bangcoc e discuti um cronograma. Começaríamos no início de julho. Apertamos as mãos. Naquela noite, saí para me divertir, voltei para casa bêbado como um gambá e sonhei com a ideia de viajarmos para Cuba, eu, Jesse e a mãe dele.

No dia da partida, Claire Brinkman apareceu em seus patins, para se despedir. Ela chegou pouco antes do táxi. Seus olhos vermelhos me deixaram preocupado.

Ficamos hospedados em dois quartos luxuosos no Hotel Parque Central, em Havana Velha. Piscina na cobertura, roupas felpudos no armário, um bufê digno de banquete romano a cada manhã. As despesas deixaram Maggie nervosa — ela era uma garota do interior, criada numa fazenda, e

ficava aflita quando uma ligação interurbana durava mais que um minuto —, mas eu insisti. Além do mais, quantas viagens ainda poderíamos fazer com nosso filho? Por quanto tempo ele ainda iria querer viajar com os pais?

Aconteceu na nossa terceira noite na cidade. Naquele dia, eu tinha levado Jesse ao Museu da Revolução, demos uma olhada no barco em que Fidel Castro e 82 revolucionários retornaram às escondidas a Cuba, vimos uma foto de Che Guevara morto, tivemos um jantar regado a bebidas na varanda de uma residência particular com vista para o Passeio do Prado. Depois descemos a *calle* Obispo para tomar *mojitos*, nós três, enquanto uma banda tocava vigorosamente no salão apertado e cheio de moscas. E então, quando meus olhos já estavam quase fechando após tanto calor e bebida, voltamos ao hotel. Eram quase três da manhã quando Maggie foi para o quarto dela. Jesse e eu vimos um pouco de televisão. Era hora de dormir.

— Posso deixar a televisão ligada, com o som baixinho? — Jesse perguntou.

— Por que você não lê alguma coisa, em vez disso? — falei. Apaguei a luz, mas dava para sentir que ele continuava ali, acordado, ansioso. Finalmente acendi a luz de novo.

— Jesse!

Ele não conseguia dormir. Estava agitado demais.

— Podia sair para fumar um cigarro? Ali pertinho, do outro lado da rua, naquela esquina perto do parque? Dá para ver daqui, pai. — Acabei concordando.

Ele se vestiu rapidamente e saiu. Depois de alguns momentos, apaguei a luz, depois acendi de novo. Então me levantei, fui até a janela e a abri. O ar-condicionado parou. O quarto ficou silencioso. De repente, dava para ouvir pequenas coisas com muita clareza: cigarras, algumas vozes em espanhol, um carro passando devagar. Um carrinho de serviço de quarto passou pelo corredor, copos fazendo barulho.

Olhei pela janela, na direção do parque escuro. Figuras se moviam na escuridão. Prostitutas caminhavam lentamente entre as árvores e fumavam um cigarro perto da estátua. Logo adiante ficava a cúpula do Museu da Revolução.

Localizei Jesse na calçada, com sua calça larga e seu boné de beisebol virado para trás. Ele acendeu seu cigarro como se estivesse num filme, olhou à sua volta (vi de relance a expressão que assumia diante do espelho) e então começou a caminhar pela rua em direção a um banco do parque. Eu estava prestes a gritar que ele tomasse cuidado quando um homem de pele morena usando uma camisa amarela surgiu da escuridão. Ele caminhou diretamente até Jesse e estendeu a mão. Esperei para ver se Jesse o cumprimentaria. Ele apertou a mão do estranho. Um erro. Dois outros

cubanos se materializaram, sorrindo, brincando, aproximando-se demais. Apontando para o final da rua. Inacreditavelmente (eu mal podia acreditar nos meus olhos), eles começaram a andar, Jesse no meio, atravessando o parque.

Coloquei uma roupa e peguei o elevador até o saguão. Um salão enorme, com pé-direito alto, piso de mármore, frio como um ringue de patinação, música suave, um par de seguranças usando terno cinza e com radiocomunicadores na porta de entrada. Eles me cumprimentaram e abriram a porta para mim, com grande barulho. O ar quente me atingiu assim que botei os pés do lado de fora.

Atravessei a rua e caminhei para o parque. Uma prostituta se aproximou. Ela apareceu como fumaça vindo de um banco do parque e se colocou no meu caminho. Eu disse: “Não, obrigado”, e entrei no parque, procurando por Jesse. Ele e seus novos companheiros devem ter entrado em alguma rua secundária, mas qual?

Desci pelo lado leste do parque, perto dos táxis e dos “*coco-táxis*” de três rodas, quando percebi, em meio à vegetação, uma alameda que terminava no grande teatro da cidade, com uma luz brilhante no fundo. Segui por ela até chegar à entrada de um bar, com mesas na calçada. O lugar estava vazio, com exceção de Jesse, que tomava uma cerveja, e dos três cafetões, sentados perto dele, na mesma mesa. Ele tinha um ar preocupado no rosto, como se estivesse começando a se dar conta de que talvez algo ali estivesse errado. Eu me aproximei.

– Posso falar com você um segundo? – O cafetão de camisa amarela disse:

– Você é pai dele?

– Sim.

Eu disse a Jesse:

– Preciso falar com você.

– Sim, claro – ele disse, levantando.

O Camisa Amarela também se levantou, tentando ficar por perto e ouvir a conversa. Eu disse:

– Esses caras não são seus amigos.

– Eu só estou tomando uma cerveja.

– Vai acabar pagando muito mais do que uma cerveja. Você pagou alguma coisa para esses caras?

– Ainda não.

O proprietário saiu do bar, um sujeito magro e muito calmo. Não demonstrava surpresa com nada daquilo. Ele se aproximou de Jesse e o segurou pela manga da camisa.

– Ei, o que você está fazendo? – perguntei.

O sujeito não respondeu. Apenas continuou andando de volta para o bar, puxando Jesse pela camisa. Eu podia sentir meu coração começar a dar pulos. Lá vamos nós. Merda, lá vamos nós. Perguntei a ele em espanhol:

– Quanto ele deve a você?

Já estávamos de volta ao bar agora.

– Dez dólares – ele disse.

– Bastante caro para uma cerveja – falei.

– É o preço.

– Tome – eu disse, colocando uma nota de 5 dólares na mesa. –

Vamos embora.

Mas o proprietário disse:

– Ele pediu um rum, e eu já preparei.

– Você quer dizer que já o serviu?

– Dá no mesmo. – Eu perguntei a Jesse:

– Você tocou nesse drinque?

Jesse balançou a cabeça, desta vez assustado.

– Venha comigo – eu disse, e começamos a subir a rua. Os cafetões nos seguiram. Um deles deu a volta e parou na minha frente. Ele disse:

– Ele pediu um drinque. Agora tem que pagar. Tentei me desviar, mas ele impediu. – Eu disse:

– Vou chamar a polícia. – O cafetão disse:

– Tudo bem – mas deu um passo para trás. Continuamos andando, mas o cafetão ficava do meu lado, às vezes me puxando pela manga, com os amigos dele atrás de nós, e eu disse a Jesse:

– Aconteça o que acontecer, continue andando. Atravessamos o parque, quase correndo agora, Jesse colado em mim, e então, quando vimos a porta do hotel, eu disse a ele:

– Corra.

Atravessamos a rua correndo, chegamos à porta do hotel e entramos depressa. Mas eles entraram também, até o saguão. Sem parar de andar, eu disse ao cara de camisa amarela:

– É melhor você dar o fora daqui.

Mas ele não parecia ter medo de nada. A porta do elevador abriu, e ele tentou entrar comigo e com Jesse, enquanto seus amigos esperavam no saguão.

Os seguranças apareceram do nada. Houve um bate-boca em espanhol, e eles foram colocados para fora. Subimos os três andares, e Jesse não dizia nada, apenas me lançava olhares preocupados. Ele se olhava no espelho, fazendo aquela expressão de novo. Achava que eu estava furioso com ele, e de certa forma era verdade, abstratamente; mas o que ele não sabia era que

eu estava experimentando uma espécie de orgulho. Por mais tolo que isso possa parecer, tinha montado meu cavalo e partido para salvá-lo. Havia agido bem, protegendo-o, tinha cumprido meu dever. Eu estava, na verdade, intimamente feliz pelo modo como tudo havia terminado. Depois de certa idade, é difícil fazer esse tipo de coisa pelos filhos; você tem vontade de protegê-los, mas não tem oportunidade. Estávamos agitados demais para dormir ou ver televisão. Para ser honesto, eu estava louco por uma bebida.

– Talvez a gente devesse tentar arrumar uma cerveja – eu disse.

Esperamos dez ou quinze minutos e voltamos a sair do hotel. Nenhum sinal do Camisa Amarela. Caminhamos apressados pela beira do parque, passamos pela *plaza* comercial, chegamos à *calle* Obispo e entramos pela transversal estreita que dava no mar. A cidade velha erguia-se de uma imensa e silenciosa esfera de calor.

– Era aqui que Ernest Hemingway costumava beber – eu disse, quando passamos em frente ao escuro El Floridita. – É uma armadilha para turistas hoje em dia, uma cerveja custa 10 dólares, mas na década de 1950 devia ser o melhor bar da cidade.

Passamos por alguns bares fechados, lugares que algumas horas antes estavam lotados e cheios de música, fumaça de charutos e vida. Depois por uma farmácia antiga, de madeira escura, com fileiras de potes de barro ao longo das prateleiras.

Logo estávamos diante do antigo hotel de Hemingway, o Ambos Mundos, no final da rua.

– Ele escreveu alguns de seus piores textos no quinto andar deste prédio – eu disse.

– Vale a pena ler? – Jesse perguntou.

– O que *diabos* você estava pensando, Jesse? – perguntei. – Saindo com aqueles cafetões daquele jeito?

Ele não respondeu. Dava para ver que seus pensamentos estavam confusos, e que ele, desorientado, tentava achar a coisa certa a dizer.

– Diga – pedi com suavidade.

– Eu achei que estivesse vivendo uma aventura. Fumar um cigarro e beber rum numa cidade estrangeira. Sabe como é?

– Você não imaginou que havia algo errado com aqueles caras, tão cordiais às três da manhã?

– Eu não queria que eles ficassem ofendidos – ele respondeu. (Como ele ainda é jovem!, pensei. Aquele corpo alto, aquele vocabulário bom eram enganosos.)

– Esses caras são mestres em fazer as pessoas se sentirem culpadas. Eles fazem isso o dia inteiro. É o trabalho deles.

Caminhamos um pouco mais, descendo a rua. Lâmpadas amarelas, varandas, roupas penduradas nas janelas, como pessoas à espreita.

– Se você for ler Hemingway – eu disse –, leia *O Sol Também se Levanta*. E alguns de seus contos. O resto é meio doido.

Olhei à minha volta. Dava para sentir o cheiro de alvenaria apodrecendo e ouvir as ondas do mar batendo nas pedras do outro lado da avenida del Puerto. Mas não achamos nenhum bar aberto.

– Dizem que é possível conseguir qualquer coisa a qualquer hora em Havana – falei –, mas aparentemente não é verdade.

Dentro do Hotel Ambos Mundos dava para ver o recepcionista da noite conversando com uma garota bonita.

Entramos a leste numa rua estreita com calçamento de pedra, prédios com a pintura em tons pastel caindo aos pedaços em ambos os lados, densas trepadeiras arrastando-se para baixo e uma brilhante lua cheia sobre nossas cabeças. Nenhuma estrela, apenas aquela única moeda enorme brilhando no meio de um céu negro. A noite estava no seu auge. Saímos numa praça com uma catedral marrom de aparência suja num canto e um café com as luzes acesas no outro, com três ou quatro mesas perto do meio da praça. Sentamos. Um garçom vestido de branco apareceu.

– *Señores?*

– *Dos cervezas, por favor.*

E lá estávamos nós, com duas cervejas geladas às quatro da manhã.

– Eu sinto muito pela encrenca de agora há pouco – Jesse disse.

– Há dois princípios invioláveis no universo – retruquei, subitamente falante (eu estava gostando de estar onde estávamos). – O primeiro é que você nunca consegue *nada que valha a pena* de um babaca. O segundo é que, quando um estranho se aproxima de você com a mão estendida, não é porque ele quer ser seu amigo. Está me acompanhando?

Como se um gênio sedento tivesse se juntado a nós, as garrafas de cerveja rapidamente se esvaziaram.

– Vamos pedir mais? – perguntei. Fiz um sinal para o garçom, balançando dois dedos no ar. Ele se aproximou.

– Como vocês as conservam tão geladas? – perguntei. Estava me divertindo.

– *Qué?*

– Tudo bem, *no importa*.

Um pássaro gorjeava numa árvore ali perto.

– O primeiro do dia – eu disse. Olhei para Jesse. – Está tudo bem com Claire Brinkman?

Ele se endireitou, e seu rosto ficou sombrio.

– Não é da minha conta – eu disse suavemente. – Estou apenas

puxando assunto.

– Por que a pergunta?

– Ela parecia um pouco aérea quando nos despedimos, só isso.

Ele tomou um grande gole de cerveja. Por um segundo vi naquele gesto o modo como ele bebia quando bebia com os amigos.

– Posso falar abertamente com você, pai?

– Não há motivos para não falar.

– A Claire é um pouco estranha.

Uma sombra não muito agradável passou por seu rosto, como um rato que passa correndo pela sala de uma casa nova.

– Você precisa ir com calma. As coisas têm sido difíceis para ela.

O pai de Claire, um escultor que eu havia conhecido na escola secundária, enforcara-se com uma corda de estender roupa alguns anos antes. Além disso, ele era um idiota, um alcoólatra, um irresponsável. Exatamente o tipo de cara que daria cabo da vida sem nem de longe se preocupar com os filhos, sem nem sequer pensar no impacto que isso teria sobre eles.

– Eu conheço a história – Jesse disse.

– Então trate-a com carinho.

Outro pássaro *começou* a cantar, dessa vez atrás da catedral.

– É que na verdade eu não gosto muito dela. Sei que deveria, mas não gosto.

– Você está se sentindo culpado em relação a alguma coisa, Jesse? Está com cara de quem acabou de roubar o colar da avó.

– Não.

– Não é justo tratá-la mal só porque você não gosta muito dela. Mas eu entendo a situação.

– Já senti algo parecido?

– É um tipo de desilusão.

Pensei que a conversa fosse terminar ali, mas era como se houvesse alguma coisa mal resolvida para ele, como um fio que ele precisasse conectar, para poder se livrar daquilo, fosse o que fosse. O silêncio talvez ajudasse.

Agora o céu tinha uma coloração azul-escura, com uma barra vermelha junto ao horizonte. Algo de uma beleza extraordinária, imaginei, e isso acontecia no mundo inteiro. Teria a ver com a existência de um Deus, e me vi pensando, ou era simplesmente o resultado casual de milhões e milhões de anos de existência do universo? Ou era simplesmente o tipo de coisa que você pensa quando está feliz às quatro horas da manhã?

Chamei o garçom.

– Vocês vendem charutos?

– *Sí, señor.* – Sua voz ecoou na calçada deserta. Ele pegou dois charutos de um pote sobre o balcão e os trouxe para nós. Dez dólares cada. Mas em que outro lugar eu encontraria um charuto àquela hora da manhã?

– É que eu andei telefonando para outra garota – Jesse disse.

– Ah. – Mordi a ponta de um charuto e o estendi a ele. – Quem?

Ele disse um nome, que não reconheci. Está com um jeito furtivo, desonesto, pensei.

– Só umas duas vezes – ele disse.

– A-hã.

Cof, cof. Rosto preocupado.

– Sou jovem demais para me prender a uma pessoa só, não acha?

– Acho que a questão não é essa, é?

No momento seguinte ouvimos uma música suave. Um jovem sentado nos degraus da catedral começou a tocar seu violão, os dedos percorrendo as cordas. Na luz azul da manhã, aquilo me lembrou um quadro de Picasso.

– Dá para acreditar nisso? – Jesse perguntou, impressionado. – Você já viu alguma coisa tão... – Ele procurou pela palavra. – Tão perfeita?

Fumamos nossos charutos em silêncio por um momento, prestando atenção na melodia que atravessava o ar morno de verão.

– Pai? – ele disse, subitamente.

– Sim.

– É para Rebecca que eu tenho telefonado.

– Entendo. – Pausa. *Cof, cof.* – E não para a outra garota que você mencionou.

– Eu não queria que você pensasse que sou um perdedor. Que estou obcecado por Rebecca Ng.

A cor do céu mudou para um azul mais claro; a lua desapareceu; acordes de violão.

– Será que estou obcecado pela Rebecca? – ele perguntou.

– Não há nada de errado em ficar obcecado por uma mulher, Jesse.

– Você já ficou?

– Por favor – eu lhe disse. – Nem me deixe começar a contar.

– Eu não contei à minha mãe. Ela vai começar a chorar e a falar sobre os sentimentos de Claire. Você ficou surpreso?

– Sobre Rebecca? Não. Na verdade eu sempre achei que essa história ainda teria uma continuação.

– Você acha mesmo? E isso é normal?

A ideia o excitava, e senti uma súbita ponta de preocupação, como se estivesse vendo Jesse dirigir um carro em direção a um muro, acelerando cada vez mais.

– Posso dizer apenas uma coisa?

– Claro.

– Histórias de amor que começam com sangue tendem a terminar com sangue.

O garçom apareceu, começou a recolher as cadeiras das mesas vizinhas e a levá-las para dentro do bar.

– Nossa, pai!

Quando voltei de Cuba, fiquei ligeiramente surpreso por não encontrar mensagens de Derek H. na secretária eletrônica. As primeiras filmagens do documentário sobre o Viagra estavam previstas para começar em um mês, e nós ainda não tínhamos o roteiro pronto. Esperei um dia, depois mais um, e então mandei a ele um *e-mail* cordial (num tom de camaradagem forçada). Ele respondeu quase imediatamente. Tinham lhe oferecido um documentário de duas horas sobre Nelson Mandela: total acesso para entrevistá-lo, bem como sua ex-mulher e até mesmo alguns de seus colegas de prisão. O fator tempo devia ser considerado – Mandela estava com 86 anos; é claro que eu podia entender. Ele sentia muito, Derek concluiu, mas tinha ficado “sem tempo”.

Fiquei frustrado. E, é claro, totalmente duro, depois da viagem “comemorativa” a Cuba. Também sentia que tinha sido enganado. Fui atraído para um projeto frívolo e indigno, que me fez parecer um tolo. Lembrei as palavras que disse a Jesse na praça da catedral, o zelo de missionário com que as tinha pronunciado: “Você nunca consegue nada que valha a pena de um babaca.”

Andei para um lado e para o outro na sala, com os punhos cerrados, prometendo vingança; Jesse escutava quieto, com um pouco de culpa, imagino. Fui para a cama bêbado; acordei às quatro da manhã para mijar. Quando fui dar a descarga, meu relógio escorregou do pulso e desapareceu no vaso. Eu me sentei e comecei a chorar. Tinha deixado Jesse abandonar a escola, prometera cuidar dele, e agora parecia incapaz de cuidar até de mim mesmo. Um fracasso, exatamente como o pai de Claire Brinkman.

Pela manhã, eu sentia uma espécie de terror corroendo meu peito como um veneno. Meu coração disparava; era como se um cinto estivesse, aos poucos, me apertando. Num determinado momento, eu não podia mais aguentar aquilo. Precisava fazer alguma coisa, me mexer. Peguei minha bicicleta e fui até a cidade. Era um dia abafado de verão, arrastado e cheio de pessoas desinteressantes na rua. Estava atravessando de bicicleta um beco estreito quando deparei com um entregador, vindo na direção oposta, devagar. Ele estava de óculos escuros, com uma grande bolsa tipo carteiro atravessada no ombro, luvas com os dedos à mostra. Mas o que me interessou nele foi que parecia ter a minha idade.

– Desculpe – eu disse. – Você é entregador, certo?

– Sim.

Perguntei se ele tinha tempo para responder a algumas perguntas. Quanto ele ganhava? Cento e vinte dólares por dia, mais ou menos. Por *dia*? Sim, se ele se empenhasse. Perguntei para quem ele trabalhava, e ele disse o

nome da empresa. Era um sujeito tranquilo, com dentes perfeitamente brancos.

– Você acha que eu conseguiria arranjar um emprego na sua empresa?
– perguntei.

Ele tirou os óculos escuros e me olhou com olhos azuis bem claros.

– Você não é o cara da televisão?

– Não no momento. – Ele disse:

– Eu costumava assistir sempre ao seu programa. Vi você entrevistar Michael Moore. Que babaca é aquele cara.

Eu disse:

– Mas, então, o que você acha?

Ele olhou em direção ao beco e pensou. Então falou:

– Bem, a verdade é que existe um limite de idade. Você tem que ter menos de 50 anos.

Perguntei:

– Você tem menos de 50?

– Não, mas já trabalho lá há muito tempo. Eu disse:

– Pode me fazer um favor? Pode falar com seu patrão sobre mim? Diga que não estou de brincadeira, pretendo ficar pelo menos seis meses no emprego, e estou em boa forma física.

Ele hesitou.

– Essa vai ser uma conversa bastante estranha.

Escrevi meu nome num pedaço de papel e meu número de telefone, e dei a ele.

– Vou ficar realmente agradecido – eu disse.

Passou-se um dia, depois mais alguns, e nada aconteceu. Nunca mais ouvi falar dele.

– Dá para acreditar nisso? – eu disse a Tina. – Não consigo arrumar uma porra de emprego nem como entregador.

No meio de um café da manhã silencioso, no dia seguinte, levantei da minha cadeira e voltei para a cama, vestido. Coloquei a cabeça debaixo dos lençóis e tentei voltar a dormir. Depois de alguns momentos, senti a presença de algo como um passarinho ao meu lado, na cama.

– Posso ajudar você nisso – Tina disse. – Mas você vai ter que deixar. Não pode reclamar nem brigar comigo.

Uma hora depois, ela me deu uma lista de vinte nomes. Editores de jornais, produtores de televisão a cabo, gente de relações públicas, redatores de discursos, até mesmo um político local que mal conhecíamos. Ela disse:

– Você tem que ligar para essas pessoas e dizer a elas que está disponível para trabalhar.

– Eu já fiz isso.

– Não, você não fez. Procurou apenas seus antigos colegas. – Olhei para o primeiro nome da lista.

– Esse babaca não. Não vou telefonar para *ele!* – Ela fez sinal para que eu me calasse.

– Você disse que não ia brigar.

Então não briguei. Eu me dei um dia para respirar, depois sentei à mesa da cozinha e comecei a dar os telefonemas. E, para minha surpresa, ela estava certa. Quase todos foram bastante decentes. Não tinham nada para mim no momento, mas foram amigáveis e encorajadores.

Num momento de otimismo exacerbado (dar telefonemas é melhor que ficar esperando), disse a Jesse:

– Este é o meu problema, não o seu.

Mas ele não era um preguiçoso ou um parasita, e dava para ver que estava sondando “o terreno”, e que ficava quase envergonhado quando precisava me pedir 10 dólares para fazer isso ou aquilo. Mas o que ele podia fazer? Jesse não tinha um tostão. Sua mãe estava ajudando, mas ela era uma atriz, e o teatro é instável. Além do mais, não cabia a Tina dilapidar sua poupança (iniciada quando tinha 16 anos) para sustentar meu filho, cuja postura despreocupada e irresponsável eu tão confiantemente estimulava. No meio da noite (quando pensar em qualquer coisa traz poucos resultados positivos), eu ficava imaginando como a situação poderia ficar desagradável, como a atmosfera poderia ficar realmente azeda em relação a dinheiro se minha sorte não mudasse logo.

O clube do filme continuou. Para aumentar o interesse de Jesse em assistir a mais filmes sem que isso parecesse um dever de casa, inventei um jogo, “aponte o grande momento”. Consistia em descobrir a cena ou o diálogo de cada filme que fazia você se inclinar na poltrona, com o coração batendo forte. Começamos com um filme fácil, *O Iluminado* (1980), de Stanley Kubrick, a história de um escritor fracassado (Jack Nicholson) que lentamente enlouquece num hotel isolado e tenta assassinar sua família.

O Iluminado é provavelmente o melhor filme do diretor Stanley Kubrick. Mas Stephen King, autor do romance, não gostou da adaptação e criticou Kubrick. Muitas pessoas fizeram isso; Kubrick era conhecido por ser um homem temperamental e egocêntrico, que fazia os atores repetirem as cenas infinitas vezes, com resultados duvidosos; quando estava filmando a cena em que Jack Nicholson persegue Scatman Crothers com um machado, Kubrick fez os atores repetirem-na quarenta vezes. Finalmente, vendo que Crothers, que já tinha 70 anos, estava exausto, Nicholson disse a Kubrick

que já tinham tomadas suficientes — ele não a faria de novo.

Mais tarde, Nicholson teve que refazer 58 vezes a cena da perseguição à esposa (Shelley Duvall) na escada, com a faca na mão, antes que Kubrick ficasse satisfeito. (Valeu a pena o esforço? A segunda ou a terceira tomada não teriam dado conta do recado? Provavelmente sim.)

Mas o mais importante é que Stephen King achava que Kubrick “não entendia nada” quando se tratava de horror, não fazia ideia de como isso funcionava. King esteve em uma exibição de *O Iluminado* antes da estreia e saiu de lá desgostoso. Ele disse que o filme era como um Cadillac sem o motor: “Você entra, sente o cheiro do couro, mas não pode ir com o carro a parte alguma.” Mais ainda, ele declarou que achava que Kubrick fazia filmes para “magoar as pessoas”.

De certa forma, eu concordo com isso, mas ainda assim adoro *O Iluminado*. Adoro a forma como ele foi filmado e fotografado, adoro o som das rodas do velocípede indo do carpete para o piso de madeira do hotel e de volta para o carpete. Fico sempre assustado quando as meninas gêmeas aparecem no corredor. Mas como grande momento, contudo, eu escolho a cena em que Jack Nicholson tem uma alucinação e conversa com um garçom do hotel, um sujeito do tipo mordomo inglês. O diálogo acontece num banheiro intensamente iluminado, com fortes luzes brancas e alaranjadas. A conversa começa de forma bastante inocente, mas então o garçom avisa a Jack que seu filho pequeno está “criando confusão”, e que talvez tivessem que “dar um jeito nele”. O garçom (Philip Stone) rouba a cena, com sua calma cerimoniosa e suas falas serenas; observe o jeito como ele fecha os lábios secos no final de cada frase. F, como um sinal de pontuação delicado e vagamente obscuro.

Ele teve problemas com suas próprias filhas, o garçom confessa. Uma delas não gostava do hotel e tentou incendiá-lo. Mas ele lhe deu um “corretivo” (com um machado). “E quando minha mulher tentou me impedir de fazer meu dever, eu também dei um ‘corretivo’ nela.” É uma atuação impecável. Diferentemente da de Jack, que não envelheceu tão bem desde que assisti ao filme pela primeira vez, em 1980. Nessa cena ele parece artificial, quase amador, surpreendentemente ruim, especialmente ao lado daquele excelente e contido ator inglês.

Esse não foi o grande momento de Jesse, contudo: ele escolheu a cena em que o garotinho entra no quarto do pai cedo, pela manhã, para pegar um brinquedo, e o encontra sentado do lado da cama, com aquele olhar alucinado. Jack repreende o filho, que se senta desconfortavelmente a seu lado. Olhando para o rosto do pai, com a barba por fazer, e seu olhar perturbado — usando um roupão azul, Jack parece pálido como um cadáver —, o garotinho pergunta por que ele não vai dormir.

Depois de um segundo, vem a resposta: “Eu tenho muita coisa para fazer.” O que significa, nós deduzimos, chacinar sua família, da mesma forma que o garçom.

— É esta cena — Jesse sussurrou. — Podemos vê-la de novo?

Assistimos a *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa* (1977), entre outros motivos, por causa da cena em que Diane Keaton canta “Seems Like Old Times” num bar escuro. Keaton é iluminada lateralmente e parece estar olhando para alguém fora do enquadramento. É uma cena que me provoca arrepios — Keaton parece cantar a música, acentuando com os olhos seus momentos dramáticos. E também um momento de autorrealização, pois sua personagem, Annie Hall, uma cantora novata, está alçando seu primeiro voo, de forma apreensiva, porém segura.

Alguns filmes são decepcionantes quando revistos; você devia estar apaixonado ou com o coração partido, devia estar magoado com alguma coisa quando assistiu pela primeira vez, porque depois, vistos de uma perspectiva diferente, eles não têm nenhuma mágica. Mostrei a *Jesse A Volta ao Mundo em Oitenta Dias* (1956), que, com aquele glorioso voo de balão sobre Paris ao entardecer, tinha me assombrado quando eu era da idade dele, mas que agora parecia datado e tolo.

Mas alguns filmes conservam sua força, deixam você arrepiado anos e anos depois. Mostrei a *Jesse Caminhos Perigosos* (1973), um filme que Martin Scorsese dirigiu no começo da carreira. É sobre crescer no violento bairro italiano de Nova York, Little Italy. Há uma sequência, bem no início, que eu nunca esqueci. Com os dramáticos acordes de “Tell Me”, dos Rolling Stones, ao fundo, a câmera acompanha Harvey Keitel quando ele entra num bar com luzes vermelhas. Qualquer um que já tenha entrado no seu bar favorito numa sexta-feira à noite conhece esse momento. Você reconhece todo mundo, algumas pessoas olham, chamam seu nome, e você sabe que tem a noite inteira pela frente. Keitel abre caminho entre os fregueses, dá alguns apertos de mão, diz uma piada aqui e ali; é como se estivesse dançando lentamente, apenas com os quadris, acompanhando a música; é o retrato de um jovem de bem com a vida, de bem com estar vivo numa sexta-feira à noite, com aquelas pessoas, naquele lugar. É uma cena que também transmite a alegria de um jovem cineasta, um momento de realização de alguém que está *realmente fazendo um filme*.

Havia outros grandes momentos: Gene Hackman aos brados num bar em *Operação França* (1971). “Popeye chegou!”, ele grita, e desliza a mão em uma revista brusca que varre a parte de baixo do balcão, de onde vai tirando plásticos de pílulas, canivetes, maconha, que caem pelo chão. Há a tomada dupla de Charles Grodin em *Ishtar* (1987), quando Dustin Hoffman pergunta a ele se a Líbia “fica perto daqui”. Ou o monólogo de Marlon

Brando em *O Último Tango em Paris* (1972) sobre um cachorro chamado Dutchie que costumava “pular e caçar coelhos” numa plantação de mostarda. Assistimos a *O Último Tango* tarde da noite, com uma vela acesa sobre a mesa, e no final da cena pude ver os olhos escuros de Jesse voltados para mim.

– É isso aí – eu disse.

Há Audrey Hepburn na saída de emergência de um prédio de tijolinhos em Manhattan em *Bonequinha de Luxo* (1961), com uma toalha enrolada na cabeça depois do banho, seus dedos tocando suavemente um violão. A câmera enquadra tudo, o vão da escada, os tijolos, a mulher esbelta, então muda para um plano médio, mostrando apenas Audrey, e aí, bum!, um grande close, com o rosto dela preenchendo a tela, com aquelas bochechas de porcelana, aquele queixo afilado, aqueles olhos castanhos. Ela para de tocar e olha para cima, surpresa, na direção de alguém fora do enquadramento. “Oi”, ela diz suavemente. É um daqueles momentos que fazem as pessoas saírem de casa para ir ao cinema; você vê aquilo uma vez, não importa sua idade, e nunca esquece. É um exemplo do que o cinema é capaz, de como os filmes podem vencer suas defesas e realmente atingir seu coração.

Eu me espreguicei quando o filme terminou, os créditos rolando na tela e a música-tema diminuindo, mas senti certa reserva por parte de Jesse, como se ele estivesse relutando em pisar num tapete com seus tênis sujos, por assim dizer.

– O que foi? – perguntei.

– É um filme estranho – ele disse, segurando um bocejo, como às vezes fazia quando se sentia pouco à vontade.

– Em que sentido?

– É um filme sobre uma garota e um garoto de programa. Mas o próprio filme parece não saber disso. Parece achar que é sobre alguma coisa doce e boba. – Aqui ele soltou uma risada. – Mas não quero ser desrespeitoso com um filme de que você gosta tanto...

– Não, não – eu disse, na defensiva. – Não gosto tanto assim dele. Eu gosto *dela*. – Continuei explicando que Truman Capote, o autor da novela em que o filme foi baseado, nunca aprovou a escalção de Audrey Hepburn para o papel. – Ele achava que a protagonista, Holly Golightly, fazia um estilo mais moleque, como Jodie Foster.

– Com certeza – Jesse disse. – Não dá para imaginar Audrey Hepburn como uma prostituta. E a mulher do filme é uma prostituta. E o cara também, o jovem escritor. Os dois fazem isso por dinheiro.

Holly Golightly, uma prostituta?

Uma vez Jesse me perguntou se eu não achava que Rebecca era areia demais para o caminhão dele. Eu disse que não, mas tinha algumas preocupações — que a competição por uma criatura tão atraente, particularmente a arena em que aconteceria a disputa (superficialidades estilosas), pudesse frustrá-lo. Lembro-me de seu rosto pálido e desesperado nas semanas após “o incidente” e dele dizendo: “Acho que Deus vai me dar tudo o que eu quiser na vida, menos Rebecca Ng.”

Então, quando ele finalmente “pegou” Rebecca, fiquei um pouco aliviado — porque isso significava que pelo menos por algum tempo ele não seria mais atormentado pela suspeita de que uma felicidade maior estava ao alcance de suas mãos, mas ele não podia tocá-la. Reconsiderando, imagino que tenham sido os comentários sobre Claire Brinkman que fizeram renascer o interesse de Rebecca por ele — pelo “fofo” Jesse. Comentários que acabaram afastando seu namorado nerd para bem longe e, infelizmente, levaram Claire junto.

A verdade é que, depois que você se acostumava com sua aparência incrível, Rebecca Ng era uma encrenca do tamanho de um bonde. Ela adorava criar confusão, semear intrigas e angústia, era uma criatura que parecia se alimentar do espetáculo de pessoas esganando umas às outras, todo mundo alterado — e falando sobre *ela*. Isso dava um colorido maior ao seu rosto de estrela de cinema.

Ela telefonava para Jesse tarde da noite somente para perturbá-lo. Tinha pensado melhor, e talvez fosse mais conveniente eles poderem “sair” com outras pessoas para “ver qual era”. Ela deixou esse assunto para os segundos finais da conversa. Era seu jeito de fazê-lo continuar na linha. Ela não suportava que fosse ele que dissesse: “Tenho que ir agora, tchau.”

Horas e mais horas passavam-se dessa maneira, em conversas que deixavam Jesse com raiva e se sentindo incomodado como se tivesse areia nos olhos. Eu receava que ela pudesse machucá-lo.

Existia, porém, alguma coisa *inacessível* em Jesse, algo que todos os outros rapazes ofereciam a ela de mão beijada, mas que ele, por razões que eu ainda não compreendo, preservava — como um único quarto escuro na mansão ao qual Rebecca não tinha acesso, e isso a obcecava. Sabia que, no momento em que ela chegasse lá, no momento em que soubesse que podia entrar e sair, instantaneamente aquele seria um quarto sem valor, e portanto *Jesse* também não teria mais valor, e ela iria embora. Mas, por enquanto, era um quarto trancado, e ela esperava do lado de fora, procurando a chave que abriria a porta.

Em tardes agradáveis, com pássaros cantando, aparadores de grama em

movimento, martelos batendo na igreja do outro lado da rua, Rebecca Ng aparecia na nossa varanda, seus cabelos pretos balançando com saúde e vitalidade. Por dois ou três minutos, ela batia um papo cordial e impessoal comigo, do tipo que se espera de um político em campanha. Blablablá. Ela me olhava nos olhos, sem medo. Era o tipo de garota que, no futuro, poderia dirigir uma cadeia internacional de hotéis, eu imaginava.

Dever cumprido, ela descia até o porão. A porta do quarto de Jesse se fechava com um clique suave, mas firme. Eu ouvia o murmúrio de suas vozes jovens e, então, imaginando se devia lembrar Jesse de escovar os dentes, ou de colocar uma fronha limpa no travesseiro (e decidindo não fazê-lo), ia para outra parte da casa, distante e à prova de som.

Como era perfeito, eu pensei, que Rebecca “nota 10” tivesse um caso amoroso completo com um garoto que largou a escola. Não era exatamente o que seus pais tinham em mente, quando deixaram o Vietnã num barco e vieram para a América?

Em outras tardes como aquela, enquanto ela se destacava num curso de administração ou preparava um debate com jovens conservadores, Jesse e eu assistíamos a filmes no sofá. Vejo, relendo nossas fichas amarelas, que passamos duas semanas num “módulo” (uma desprezível palavra do vocabulário acadêmico) chamado “O Talento Aflora”. Era simplesmente um pequeno grupo de filmes, às vezes nem muito bons, nos quais um ator ainda desconhecido tem uma atuação tão boa que, para colocar isso de uma forma simples, você sabe que é apenas uma questão de tempo até que ele ou ela se transformem numa grande estrela do cinema. Pense em Samuel L. Jackson como um viciado em *Febre da Selva* (1991), de Spike Lee. Você assiste por apenas trinta segundos e se pergunta: “Quem é esse cara?” Ou a participação de Winona Ryder em *Os Fantmas se Divertem* (1988).

O mesmo se aplica, é claro, à atuação de Sean Penn como um surfista doidão na comédia colegial *Picardias Estudantis* (1982), de Amy Heckerling. Observe a maneira como Penn olha as pessoas quando estão falando com ele. É como se um ruído em sua cabeça o deixasse surdo, ou como se ele tivesse um travesseiro tapando suas orelhas. Não é um papel principal, mas Penn parece tão consistente no meio daquele filme, seu talento é tão autêntico, tão brilhante, que todos os outros atores parecem coadjuvantes (é o mesmo efeito “de sombra” que Gary Cooper produzia em seus colegas).

— Será que *eu* tenho talento? — Jesse perguntou.

— De sobra — respondi.

— Esse tipo de talento? *O que dizer?*

— O truque — eu disse — para ter uma vida feliz é ser bom em alguma coisa. Você acha que pode ser realmente bom em alguma coisa?

— Não sei em quê.

Contei a ele sobre André Gide, o romancista francês que escreveu em seu diário como ficava com raiva quando, aos 20 anos, caminhava pelas ruas de Paris e as pessoas não percebiam, só pelo seu olhar, as obras-primas que ele viria a produzir.

Jesse se debruçou.

– *É exatamente assim* que eu me sinto – ele disse. Mostrei a ele Audrey Hepburn em *A Princesa e o Plebeu* (1953). Foi seu primeiro papel principal, quando tinha 24 anos e nenhuma experiência, mas sua química fácil e engraçada com Gregory Peck parecia resultar de uma inexplicável maturidade artística. Como ela se tornara tão boa em tão pouco tempo? Com aquele sotaque estranho e uma espécie de fragilidade emocional, ela lembra, curiosamente, a heroína romântica Natasha, de Tolstoi. Mas a srta. Hepburn também tinha aquela coisa que não se pode ensinar, uma relação intuitiva com a câmera, com um gesto atraente e bem-sucedido após outro.

Pedi novamente a Jesse que prestasse atenção no que acontece quando a câmera foca o rosto dela; dá a impressão de que encontrou o lugar exato, como se atraída pela gravidade. *A Princesa e o Plebeu* valeu a ela um Oscar.

Selecionei a estreia de um jovem cineasta como parte do nosso módulo “O Talento Aflora”. Até hoje, essa pequena produção para a televisão esquecida por todos continua sendo um dos mais fantásticos exemplos de filme jovem e atraente que conheço.

Filmes feitos para a televisão não costumam ser brilhantes, mas apenas alguns segundos após o início de *Encurralado* (1971) você sente que algo diferente está acontecendo. O espectador vê, do ponto de vista do motorista, um carro deixando um agradável subúrbio de alguma cidade americana e saindo lentamente de lá. E um dia quente, o céu está azul; casas e outros carros aos poucos saem de cena, o motorista está sozinho.

Então, do nada, surge um enorme caminhão de carga de nove eixos no espelho retrovisor. Seus vidros são escuros. Você nunca vê o motorista. Por um momento, podemos entrever suas botas de caubói, ou sua mão para fora da janela, mas o rosto nunca aparece.

Durante 74 minutos, como um monstro pré-histórico, o caminhão persegue o carro ao longo da paisagem que arde sob o sol. É uma espécie de Moby Dick caçando o capitão Ahab. Esperando no acostamento, escondendo-se atrás do tráfego, aparentemente desistindo para em seguida reaparecer de repente, o caminhão é um agente do mal irracional; é a mão debaixo da cama esperando para agarrar seu tornozelo. Mas por quê? (Uma pista: mesmo sendo tão jovem, o diretor tampouco sabia responder a essa questão.)

Um caminhão e um carro – e nenhum diálogo entre eles. Eles apenas correm pela estrada. Como, eu perguntei a Jesse, alguém poderia dar vida a

um material assim?

— É como tirar leite de pedra — ele disse.

Sugeri que a resposta poderia estar na abordagem visual do diretor. *Encurralado* obriga você a olhar. O filme parece dizer à plateia: existe algo de importância primordial acontecendo aqui; algo que vocês já temeram *antes* e aqui está, novamente.

Steven Spielberg tinha 24 anos quando dirigiu *Encurralado*. Tinha trabalhado na televisão (um episódio do seriado *Columbo* servira como seu cartão de visita), mas ninguém era capaz de prever que ele daria um tratamento tão precioso ao filme. Mais do que o caminhão, mais do que o motorista num crescente de pavor interpretado por Dennis Weaver, o diretor é a estrela de *Encurralado*. Como ao ler as primeiras páginas de um grande romance, você sente que está diante de um talento enorme, *incalculável*. Um talento que não poderia se pressupor nem se considerar tão esperto. Imagino que foi isso que Spielberg quis dizer alguns anos atrás, quando falou a um jornalista que tentava rever *Encurralado* a cada dois ou três anos, “para me lembrar de como fiz aquilo”. É preciso ser jovem, ele sugeriu, para demonstrar uma confiança tão arrogante.

É fácil entender por que os executivos dos estúdios deram uma olhada em *Encurralado* e lhe ofereceram a direção de *Tubarão* (1975), alguns anos depois. Se Spielberg era capaz de tomar um caminhão assustador, imagine o que poderia fazer com um tubarão. (Que, como o motorista do caminhão, fica a maior parte do tempo invisível. Vemos apenas as consequências: um cão que desaparece, uma garota que é puxada subitamente para dentro d’água, uma boia explodindo na superfície, coisas que anunciam a presença do perigo, mas nunca mostram sua face. Jovem ainda, Spielberg teve a intuição de que, se você quer assustar as pessoas, deve deixar a imaginação delas fazer o trabalho pesado.)

Assistimos também a um documentário sobre o filme, “The Making of *Duel*”, que veio com o DVD. Para minha surpresa, Jesse ficou intrigado ao ouvir Spielberg explicar a construção quadro a quadro do filme — quanta reflexão aquilo exigiu, e quanto trabalho duro: o plano de filmagem, as câmeras múltiplas e até mesmo testes com meia dúzia de caminhões, para escolherem o que parecesse mais cruel.

— Sabe, pai — Jesse disse num tom de admiração —, até agora eu sempre tinha achado que Spielberg fosse um babaca.

— Ele é um nerd do cinema — eu disse. — Uma espécie ligeiramente diferente. — Contei a ele a história de uma jovem e desinibida atriz que conheceu Spielberg, George Lucas, Brian De Palma e Martin Scorsese, na Califórnia, quando eles ainda estavam começando a carreira. E ela ficou surpresa, como contou mais tarde, porque nenhum deles parecia

interessado em garotas ou drogas. Tudo o que queriam fazer era se reunir para conversar sobre cinema. – Como eu disse, nerds.

Mostrei a Jesse *Uma Rua Chamada Pecado* (1951).^[3] Conteí a ele como, em 1948, um ator jovem e relativamente desconhecido, Marlon Brando, viajou de carona de Nova York até a casa de Tennessee Williams, em Provincetown, Massachusetts, para fazer um teste para uma produção da Broadway. Ele encontrou o célebre dramaturgo num estado de ansiedade terrível; estavam sem eletricidade no teatro, e com os banheiros interditados. Não havia água. Brando acabou com o problema de energia colocando moedas atrás dos fusíveis, e depois se agachou para resolver a questão do encanamento. Quando terminou, limpou as mãos e foi para a sala estudar o papel de Stanley Kowalski. Ele leu durante cerca de trinta segundos, reza a lenda, até que Tennessee, levemente embriagado, pediu que parasse e disse: “Está bem”, mandando-o de volta para Nova York com o papel.

E sua atuação? Alguns atores simplesmente abandonaram a carreira depois de verem Brando encenando *Um Bonde Chamado Desejo* num palco da Broadway, em 1949. (Do mesmo modo como Virginia Woolf pensou em desistir de escrever quando leu Proust pela primeira vez.) Mas o estúdio não queria escalar Brando para o filme. Ele era jovem demais. Ele resmungava. Sua professora de interpretação, Stella Adler, porém, já fizera a profecia de que aquele “estranho bonequinho” se tornaria o maior ator de sua geração. E foi o que aconteceu.

Anos mais tarde, estudantes que fizeram oficinas de interpretação com Brando lembraram seu estilo pouco ortodoxo, a maneira como podia recitar um monólogo de Shakespeare sem sair do lugar e, ainda assim, parecer mais verdadeiro, mais impactante que qualquer colega seu.

– *Um Bonde...* – expliquei – foi a peça em que deixaram o gênio escapar da garrafa; a peça, literalmente, transformou toda a escola de interpretação na América.

“Dava para sentir”, disse, anos depois, Karl Malden, que interpretou Mitch na produção original da Broadway. “A plateia queria Brando; eles vinham para ver Brando; e quando ele não estava no palco, a gente *sentia* que a plateia esperava que ele voltasse logo.”

Eu me dei conta de que estava perigosamente perto de propagandear demais o filme, então me forcei a parar de falar.

– Bem – disse a Jesse –, você realmente vai assistir a algo impressionante hoje. Prepare-se.

Algumas vezes o telefone tocava; eu odiava isso. Se fosse Rebecca Ng, o clima certamente seria estragado, como se um vândalo jogasse uma pedra contra o vidro da janela. Certa tarde, num dia quente em fins de agosto,

Jesse saiu da sala para atender a um telefonema no meio de *Quanto Mais Quente Melhor* (1959); ele demorou vinte minutos, e depois voltou distraído e triste. Coloquei o filme de volta, mas dava para ver claramente que ele tinha perdido o interesse. Ele olhava para a tela da televisão como uma espécie de âncora, para que seus angustiados pensamentos sobre Rebecca pudessem fluir livremente.

Desliguei o aparelho de DVD e disse:

– Sabe, Jesse, esses filmes foram realizados com um bocado de amor e dedicação. Foram feitos para ser assistidos de uma vez só, uma cena atrás da outra. Então, vou estabelecer uma regra aqui: de agora em diante, nada de telefonemas durante os filmes. Isso é desrespeitoso e chato.

– Está bem – ele disse.

– Não vamos nem olhar no bina para ver quem é, quando o telefone tocar de novo, certo?

– Certo, certo.

O telefone voltou a tocar. (Mesmo do outro lado da cidade, Rebecca parecia sentir quando a atenção dele estava em algum outro lugar.)

– Melhor você atender. Quer dizer, só desta vez.

– Eu estou com meu pai – ele sussurrou. – Depois ligo de volta. – Dava para ouvir um som parecido com o de um trompete saindo do aparelho. – Eu estou com meu pai – ele repetiu.

– O que é isso? – perguntei.

– Nada. – Em seguida, com um suspiro exasperado, como se estivesse prendendo a respiração, Jesse disse: – Rebecca sempre escolhe os momentos mais estranhos para querer conversar sobre as coisas.

Por um momento, pensei ter visto lágrimas brotarem de seus olhos.

– Que coisas?

– Nossa relação.

Voltamos ao filme, mas eu sentia que ele não estava mais ali. Estava vendo outro filme, sobre as maldades que Rebecca iria fazer porque ele a dispensara ao telefone. Desliguei a televisão. Ele me olhou, preocupado, como se pudesse estar metido numa encrenca.

– Tive uma namorada uma vez – eu disse. – Tudo o que fazíamos era falar sobre nossa relação. Era o que fazíamos, em vez de nos relacionarmos. Isso se torna realmente chato. Ligue de volta para ela e esclareça o assunto.

Certa manhã, depois de uma onda de calor que tinha durado quase uma semana, o ar ficou subitamente diferente. Havia orvalho sobre os carros; as nuvens pareciam artificialmente nítidas em sua procissão pelo céu. O outono estava chegando, irreversivelmente; não amanhã, nem na semana que vem. Eu cortava caminho por um prédio na rua Bloor quando vi Paul Bouissac sentado sozinho no café ao lado do elevador. Ele era um francês baixinho, com cara de coruja, que tinha sido meu professor num curso sobre surrealismo na universidade, trinta anos antes, e que fazia desde então comentários ligeiramente ofensivos sobre minha carreira na tevê. Deixava implícito que assistir ao meu programa estava além das suas possibilidades, mas seu namorado, um almofadinha suarento, era um grande fã meu. (Algo de que sempre duvidei um pouco, mas não importa.)

Bouissac levantou a mão branca e rechonchuda na minha direção e me acenou, chamando. Obedientemente, fui até ele e me sentei. Conversamos sobre diversos assuntos, eu fazendo as perguntas (*comme d'habitude*), ele debochando da minha ingenuidade. Nossas conversas eram assim. Quando o assunto Jesse entrou em pauta (*Et vous, vous tuez la journée comment?*), comecei a fazer meu discurso sobre como a aversão à escola era «difícilmente uma patologia», talvez até mesmo “*quelque chose d'encourageant*”, e sobre como eu lidava com um adolescente que não usava drogas nem gostava de televisão. Eu dizia que crianças felizes tendem a ter uma vida feliz etc. etc. etc. Continuei falando e, enquanto falava, senti uma estranha falta de ar, como se tivesse acabado de subir correndo um lance de escadas. Bouissac me pediu com um gesto para fazer silêncio, e eu senti como se ele tivesse jogado meu carro, por assim dizer, para o acostamento, sem piedade.

– Você está sendo defensivo – ele disse, num inglês cheio de sotaque. (Depois de quarenta anos em Toronto, ele ainda falava como Charles de Gaulle.) Discordei enfaticamente, e depois me tornei mais defensivo ainda. Expliquei coisas que não precisavam de explicação, defendendo-me de críticas que ele não tinha feito.

– Existe um período para o aprendizado. Depois que ele passa, é tarde demais – disse Bouissac, com a lucidez insuportável dos intelectuais franceses.

Tarde demais? Ele está querendo dizer, eu me perguntei, que a educação é como o aprendizado de uma língua, isto é, que você tem que “pegar” o sotaque certo até uma determinada idade (12 ou 13 anos), ou nunca vai falar direito? Pensamento preocupante. Será que deveríamos ter mandado Jesse para um colégio militar?

Perdendo interesse (e demonstrando isso claramente), Bouissac se despediu e saiu em busca de um par de luvas térmicas. Ia oferecer um jantar para um grupo de semiólogos internacionais naquela noite. O encontro me deixou surpreendentemente mal. Senti como se tivesse traído alguma coisa, como se tivesse me vendido barato. Eu estava, na verdade, sendo defensivo em relação a Jesse ou em relação a mim mesmo? Estava reagindo como um garoto de 10 anos quando é repreendido no colégio? Isso era tão transparente? Talvez fosse. Mas não queria que ninguém achasse que eu estava fazendo algum mal a Jesse (mas não conseguia afastar aquela imagem dele dirigindo um táxi enfumaçado, cheirando a maconha).

Três garotas apareceram, cheirando a chiclete e ar frio. Talvez, pensei, a influência que temos sobre nossos filhos seja superestimada. Como exatamente você pode forçar um adolescente de um metro e oitenta a fazer o dever de casa? Não, nós já tínhamos perdido aquela batalha, a mãe dele e eu.

Um desprezo por Bouissac me atingiu como uma súbita rajada de vento, e eu tive a nítida sensação de que aquela habitual deferência que eu nutria por ele estava próxima de passar por uma transformação radical.

Ali mesmo na mesa peguei uma caneta e fiz uma lista, num guardanapo, de todos os meus colegas de universidade que não tinham dado certo na vida. Havia B., que bebera até morrer, no México; G., meu melhor amigo de infância, que sob o efeito de drogas deu um tiro no rosto de um cara; M., um menino-prodígio em matemática, em esportes, em tudo, que agora passava os dias se masturbando em frente ao computador, enquanto a esposa trabalhava num escritório de advocacia na cidade. Era uma lista ao mesmo tempo dramática e confortadora. Até meu irmão aparecia nela, meu triste irmão, bom nos esportes, popular na universidade, que agora vivia num quarto de esquina em uma pensão, ainda reclamando, depois de tantos anos, das iniquidades da educação que recebeu.

Mas e se eu estivesse errado? E se o dia de Jesse sair do porão, decidido a “agarrar o mundo com as mãos” nunca chegasse? E se eu o tivesse deixado estragar sua vida inteira com base numa teoria equivocada, que podia não passar de preguiça disfarçada? De novo, imaginei-o um táxi seguindo bem devagar pela rua da universidade, numa noite chuvosa. O turno da noite. Jesse, um cara conhecido em todas as lanchonetes da área. “Ei, Jesse! O de sempre?”

Será que ele tinha aprendido *alguma coisa* durante o último ano, sob a minha “tutela”? Algo que valesse a pena saber? Vejamos. Ele sabia sobre Elia Kazan e a história da caça às bruxas, mas saberia de verdade o que significava ser comunista? Ele sabia que Vittorio Storaro iluminou o apartamento de *O Último Tango em Paris* colocando as lâmpadas do lado de

fora das janelas, e não dentro do set de filmagem, mas será que ele sabia onde ficava Paris? Ele sabia que devia deixar seu garfo virado para baixo até terminar a refeição, que os vinhos franceses tendem a ser ligeiramente mais ácidos que os da Califórnia (coisa importante). O que mais? Comer de boca fechada (irregular), escovar a língua pela manhã, e não somente os dentes (aprendendo). Limpar o óleo do atum que escorre pelo lado da pia quando se termina de fazer um sanduíche (quase).

Ah!, escute isso. Ele adorava o personagem psicopata de Gary Oldman em *O Profissional* (1994). Ele adorava Marlon Brando retirando os pratos da mesa de jantar em *Uma Rua Chamada Pecado*. “Meu lugar está limpo. Vocês querem que eu limpe o de vocês?” Ele adorava *O Preço da Ambição* (1994), com Kevin Spacey – não as primeiras cenas (“Uma bobagem”), mas a parte final (“É aí que o filme fica realmente profundo!”). Ele adorava Al Pacino em *Scarface* (1983). Ele adorava esse filme como eu adorava as festas de *O Grande Gatsby* – você sabe que elas são indecorosas e superficiais, mas mesmo assim gostaria de frequentá-las. Ele viu várias vezes *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*; cansei de encontrar a caixa do DVD vazia no sofá, pela manhã. Ele conhecia os diálogos do filme quase de cor, poderia recitá-los. O mesmo com *Hannah e suas Irmãs* (1986). Jesse gelou com *Lolita* (1997), de Adrian Lyne. Queria ganhar o filme no Natal. Eu deveria ficar feliz com essas coisas? Sim, deveria.

Mas então, um dia, quando a neve caía do lado de fora da janela da sala de estar, estávamos vendo novamente *Scarface*, a cena em que Al chega em Miami, quando Jesse se virou para mim e perguntou onde ficava a Flórida.

– Ahn? – Ele disse:

– Em relação a onde estamos. Como se chega lá, saindo daqui?

Depois de uma pausa judiciosa (será que ele estava brincando?), respondi:

– Você vai para o sul.

– Em direção a Eglinton ou à King Street?

– King Street.

– Sério?

Eu respondia com cautela respeitosa, como se pudesse estar sendo vítima de uma piada. Mas não era piada.

– Você desce até King Street e segue em frente até chegar ao lago; atravessa o lago e então chega aos Estados Unidos.

Esperava que ele me interrompesse.

– Os Estados Unidos ficam logo depois do lago?

– A-hã – Pausa. – Você continua descendo pelos Estados Unidos, talvez uns 25 mil quilômetros, cruza a Pensilvânia, as duas Carolinas, a Geórgia – eu continuava esperando que ele me interrompesse –, até

chegar a um estado com a forma de um dedo apontando para o mar. É a Flórida.

– Ah! – Pausa. – E o que tem depois?

– Depois da Flórida?

– É.

– Bem, vejamos. Você segue até o final do dedo e chega em outro grande volume de água. Avança algumas dezenas de quilômetros e está em Cuba. Lembra-se de Cuba? Foi onde tivemos aquela longa conversa sobre Rebecca.

– Foi uma ótima conversa.

– Continue me acompanhando – eu disse. – Depois de Cuba, após um longo caminho, você chega à América do Sul.

– Isso é um país? Pausa.

– Não, é um continente. Continue em frente, por milhares e milhares de quilômetros, atravessando florestas e cidades, mais florestas e cidades, e você chegará até o sul da Argentina.

Ele olhou para o vazio. Parecia estar vendo algo muito nítido na sua imaginação, só Deus sabe o que era.

– Aí é o fim do mundo?

– Mais ou menos.

Será que estou mesmo fazendo a coisa certa?

Já era primavera na rua de Maggie. As árvores, com novos botões de flores crescendo como unhas nos galhos, pareciam se virar na direção do sol. Foi enquanto assistíamos a um daqueles pretensiosos filmes de arte que aconteceu uma coisa muito estranha, uma ilustração perfeita da lição que o próprio filme tentava passar. Começou quando eu soube que a casa ao lado estava à venda. Não a de nossa vizinha Eleanor – a única maneira de ela sair dali seria morta –, mas a do casal do outro lado, a moça magra de óculos escuros e seu marido careca.

Por uma total coincidência, peguei naquela semana, para mostrar a Jesse, o clássico italiano *Ladrões de Bicicletas* (1948). A história mais triste de todos os tempos. Um sujeito desempregado precisa de uma bicicleta para conseguir trabalho, e consegue uma com muita dificuldade; seus problemas parecem diminuir, até sua confiança sexual melhora. Mas, no dia seguinte, roubam a bicicleta. Ele fica angustiado. O ator, Lamberto Maggiorani, tem o rosto de uma criança desesperada e impotente. O que ele pode fazer? Está sem bicicleta e sem trabalho. É quase insuportável vê-lo vagar pelas ruas da cidade, de mãos dadas com o filho, procurando a bicicleta perdida. Então

ele vê uma bicicleta desprotegida e a rouba. Em outras palavras, escolhe infligir a outra pessoa a mesma agonia que impuseram a ele. É para o bem de sua família, ele racionaliza — não é como o outro cara. A questão, eu explico a Jesse, é que às vezes relativizamos nossas posições morais, decidimos o que é certo e errado dependendo da nossa necessidade num determinado momento. Jesse concorda; a ideia o envolve. Dá para vê-lo pensando em acontecimentos de sua própria vida aqui e ali, buscando um paralelo.

Mas o ladrão de bicicleta é capturado — e publicamente. É como se toda a vizinhança se voltasse contra ele, querendo vê-lo preso. Inclusive seu menino, em cujo rosto aparece uma expressão que nenhum de nós jamais gostaria de ver em um filho.

Um dia depois de assistirmos ao filme, ou talvez alguns dias depois, surgiu um movimento de idas e vindas na casa ao lado. Vi um sujeito magro e com cara de rato xeretando no beco entre as casas minhas novas latas de lixo. Então, certa manhã, quando a cidade estava de um cinza estático, as ruas cheias de poças d'água e lixo, como se uma tempestade tivesse acabado de passar (você quase podia imaginar ver um peixe agonizante debatendo-se nas sarjetas), uma placa de à venda surgiu.

Eu me peguei imaginando, primeiro vagamente, depois cada vez com mais seriedade, se deveria vender meu *loft* de solteiro na fábrica de doces (numa área da cidade que tinha valorizado bastante) e me mudar para a casa ao lado, para ficar perto de meu filho e de minha querida ex-mulher. Considerando que eles gostassem da ideia, é claro. Quanto mais pensava no assunto, mais tinha vontade de agir, mais urgente aquilo parecia. Numa questão de dias, o assunto assumiu ares de vida ou morte. Poderia até sobrar algum dinheiro para outros gastos, depois de fechar o negócio. Não era exatamente o que eu havia imaginado para a minha vida, mas já tivera ideias piores. Talvez aquilo mudasse minha sorte, o fato de simplesmente morar perto deles. Uma vez, num fim de tarde, minha vizinha atraente apareceu de óculos escuros em seu pequeno carro do tipo utilitário esportivo e subiu as escadas correndo, com uma maleta na mão.

— Soube que vocês vão vender a casa — falei.

— É verdade — ela disse, sem diminuir o ritmo, enfiando a chave na fechadura.

— Será que posso dar uma olhada antes dos outros?

Dava para sentir que o corretor imobiliário com cara de rato a tinha prevenido exatamente contra isso. Mas ela era uma boa alma, e respondeu:

— Claro.

Era uma pequena casa decorada à francesa, limpa e acolhedora, mesmo nos nichos do porão (diferentemente do porão de Maggie, no qual, passando pela máquina de lavar, podia-se temer um ataque de crocodilo). Corredores

e escadas estreitos, quartos meticulosamente pintados, com detalhes feitos à mão, e um armário para medicamentos no banheiro que chamava a atenção – embora a compleição vigorosa da mulher, seu jeito de estar sempre se mexendo com algum propósito não sugerissem que ela fosse hipocondríaca.

– Quanto vocês estão pedindo? – perguntei.

Ela disse um valor. Era absurdamente alto, é claro, mas a avaliação do meu *loft* também subira bastante. A alta dos preços parecia moda, como outras que vinham acontecendo, associadas a jovens detestáveis e bem-sucedidos (celulares, barbas de três dias). Aquele era um lugar para vencedores, caras espertos. Resumindo, para babacas.

Expliquei minha situação. Queria muito morar perto de meu filho adolescente e de minha ex-mulher. Isso pareceu tê-la tocado. Eu poderia fazer a primeira oferta pela casa? Sim, ela respondeu. Ela falaria com o marido.

Começou um período de agitação em nossa casa. Telefonemas para o banco, conversas com Maggie no *loft* (uma luz agradavelmente verde brilhou em seus olhos úmidos), outra conversa com a proprietária. Tudo parecia bem encaminhado.

Mas, então, por razões que eu não podia compreender, a Magra e seu marido cabeça-de-ovo decidiram não mais me dar a chance da primeira oferta. Haveria duas visitas à casa, ele me disse uma noite, com um jeito falso. Depois poderíamos fazer uma oferta. Junto à dos outros. Eu não teria qualquer tipo de preferência. Más notícias. Greektown também estava ficando na moda; os preços estavam assustadores. Algumas casas chegavam a ser vendidas por 200 mil dólares acima do preço pedido.

Um dia ou dois antes da primeira “sessão de visitas”, puxei Jesse para um canto. Pedi a ele que reunisse um bando de amigos seus na varanda, à tarde. Cerveja e cigarros por minha conta. A partir das duas horas em ponto.

Dá para imaginar o espetáculo. A medida que potenciais compradores apareciam na casa ao lado, os garotos faziam mais barulho, bebendo e fumando. Aquele grupo de rapazes de aparência pálida e óculos escuros, na varanda, estava a apenas um metro de distância dos “futuros vizinhos”. Alguns carros paravam, faziam uma pausa para uma rápida inspeção, dois rostos congelados olhavam aquela cena através da janela e, então, seguiam em frente.

Depois de mais ou menos uma hora, o corretor com cara de rato se aproximou dos rapazes e perguntou se o proprietário estava em casa. Eu estava encolhido na sala, tentando ver o pouco de televisão, com um friozinho na barriga, como se um alarme de carro estivesse ligado dentro de mim. (Consciência pesada.)

“Não, não”, sussurrei para Jesse. “Diga a ele que não estou.”

Às quatro da tarde a sessão de visitas terminou. Vinte minutos depois, quando eu estava saindo para beber alguma coisa no restaurante grego local, ainda nervoso, o corretor apareceu. Ele tinha um rosto pequeno e ossudo, como se pensamentos dolorosos tivessem ressecado sua pele, dando a ela um tom sombrio. Os “cavalheiros na varanda”, ele disse, estavam criando um “problema sério”. Tentei mudar de assunto; num tom cordial, fiz perguntas a ele sobre o mercado imobiliário, sobre a valorização do bairro etc; talvez eu mesmo recorresse a ele — já que estava pensando em comprar uma casa nova. Dei minha risada de pirata, *rá, rá, rá*. Ele não se deixou enganar. De um jeito antipático, disse que os rapazes tinham espantado um bocado de compradores com aquela bagunça toda. “Nunca!”, eu disse, como se estivesse defendendo minha rainha.

Houve outra sessão de visitas no dia seguinte, um domingo. Uma chuva miúda caía, o céu estava cinzento, gaivotas voavam baixo sobre o parque, outras ficavam no chão com o pescoço esticado e o bico aberto, como se estivessem gargarejando. Apesar de um remorso profundo, dei continuidade à minha estratégia da véspera. Mais cerveja, mais cigarros, mais olhares apreensivos à meia distância. Não tive estômago para ficar perto daquilo e atravessei a ponte em minha bicicleta, para cuidar de alguns negócios imaginários. Só voltei para casa depois das quatro.

A chuva tinha parado. Eu estava passando em frente ao restaurante grego, onde comíamos com frequência, quando vi Jesse na calçada, caminhando na minha direção. Estava sorrindo, mas havia nele um ar de cautela quase defensiva.

— Tivemos um pequeno problema — ele disse.

Poucos minutos depois de começar a sessão de visitas, o sujeito careca aparecera — dessa vez era ele quem usava óculos escuros — e batera na nossa porta com as duas mãos. Sob o olhar dos visitantes com maus modos, ele pediu para falar comigo.

Comigo?

— Ele não está em casa — Jesse disse.

— Eu sei o que ele está tentando fazer — o careca rosnou. — Está tentando *assassinar* a venda.

Assassinar a venda? Palavras duras. Especialmente porque eram verdadeiras. Senti uma súbita e desconfortável onda de vergonha; pior ainda, tive aquela sensação adolescente, como chamas lambendo o interior de uma casa, de que eu estava numa “grande encrenca”. Como se tivesse pegado o carro do meu pai escondido e me envolvido num acidente. Eu também estava com aquela sensação desconfortável de que Jesse sabia que eu estava errado, sabia o tempo todo. Sem falar no fato de que eu o tinha

envolvido naquilo. Um exemplo deprimente de má orientação paterna. Como se comportar numa crise. Como conseguir o que você quer. “Deixe Jesse comigo, Maggie, vou endireitá-lo e fazê-lo andar na linha.”

– Mandei meus amigos entrarem – ele disse.

– É seguro voltar para casa?

– Eu esperaria um pouco. O cara está muito zangado.

Alguns dias depois, pedi a um amigo que me ajudasse, fingindo ser um comprador, e fizesse uma oferta pela casa. Mas eles devem ter percebido o esquema, pois mal o receberam. Tudo foi em vão: minhas maquinações, meu envolvimento num esquema estúpido com um grupo de garotos. Um casal gay, dono de uma floricultura, acabou comprando a casa, por quase meio milhão de dólares.

Será que esse episódio, eu me perguntei, seria uma das coisas das quais Jesse se lembraria pelo resto da vida? (Você nunca sabe ao certo o que vai ficar registrado, e não vale a pena correr o risco.) Puxei-o num canto no dia seguinte.

– Eu cometi um erro enorme – falei.

– Não tem nada de errado em querer morar ao lado de sua família – Jesse respondeu. Mas eu o interrompi.

– Se alguém fizesse aquilo comigo quando estivesse tentando vender *minha* casa, eu iria até lá com uma metralhadora.

– Continuo achando que você fez a coisa certa – ele disse. – Era difícil fazê-lo ver a situação de uma forma diferente.

– Estou parecendo aquele cara em *Ladrões de Bicicletas*. Faça uma coisa parecer certa só porque eu preciso que ela aconteça.

– E se *fosse* a coisa certa a fazer? – ele insistiu.

Mais tarde, quando saímos para fumar um cigarro depois de mais um filme, eu me peguei olhando furtivamente para os lados, para me certificar de que o careca ou sua mulher não estavam por perto.

– Você está vendo as consequências? – perguntei. – Agora vou ter que olhar para os lados toda vez que sair na varanda. Esse é o preço. Esse é o *verdadeiro* preço.

Preparei um módulo de “imobilidades” para assistirmos. Trata-se daqueles momentos em que um ator rouba a cena de todos os colegas à sua volta simplesmente ficando parado. Comecei, é claro, com *Matar ou Morrer* (1952). Acontecem acidentes felizes nos filmes, quando tudo parece se encaixar perfeitamente. O roteiro certo, o diretor certo, o elenco certo. *Casablanca* (1942) é um caso clássico; *O Poderoso Chefão* (1972) é outro; *Matar ou Morrer*, também. Um xerife, Gary Cooper, se prepara para deixar sua cidade com a noiva quando recebe a notícia de que um bandido realmente mau acaba de sair da cadeia e, ajudado por três capangas, está determinado a pegar” o sujeito que o colocou atrás das grades. Eles chegarão no trem do meio-dia. Cooper corre para lá e para cá por toda a cidade em busca de ajuda; todo o mundo tem um bom motivo para negá-la. No final, há apenas ele, numa rua deserta, contra quatro caras armados.

O filme foi feito na época dos primeiros faroestes em cores; a maioria daqueles *westerns* trazia um herói durão e inteligente, mais próximo de um personagem de histórias em quadrinhos que de um ser humano real. Então, de repente, apareceu *Matar ou Morrer*, filmado num preto e branco sombrio, sem crepúsculos bonitos nem paisagens montanhosas verdejantes; em vez disso, um vilarejo pequeno e feio servia como cenário. No centro da história havia outra coisa incomum: um homem que estava com medo de se machucar, e que mostrava isso.

Lembrei a Jesse que o filme foi rodado no começo dos anos 1950, e que era possível, portanto, estabelecer um paralelo com a caça às bruxas que estava acontecendo naquele período, em Hollywood. Muitas pessoas suspeitas de terem simpatias esquerdistas eram abandonadas por seus amigos da noite para o dia.

Hoje em dia é difícil acreditar, mas quando *Matar ou Morrer* foi lançado foi atacado por pessoas de todo tipo. Acusaram o filme de ser antiamericano. Reclamavam do fato de que, naquela história, o suposto herói abandonava a cidade no final. O roteirista, Carl Foreman, acabou se exilando na Inglaterra; foi rotulado de “simpatizante comunista” e ninguém mais queria contratá-lo. O ator Lloyd Bridges, que interpreta o jovem covarde de cabeça quente, ficou sem trabalhar durante dois anos; “antiamericano” era, de novo, o veredicto.

Observei que havia coisas maravilhosas e artisticamente refinadas no filme. A maneira como mostra os trilhos de trem vazios, de tempos em tempos. É uma forma silenciosa e criativa de produzir uma sensação de perigo. Cada vez que vemos os trilhos somos lembrados de que é daquela direção que o mal virá. O mesmo acontece com os relógios. *Tique-taque, tique-*

taque. Parecem andar mais devagar, à medida que anoitece.

E, é claro, há Gary Cooper. Atores que trabalhavam com ele frequentemente se surpreendiam com quão pouco ele fazia durante uma cena. Dava a impressão de que nem sequer estava interpretando, ou fazendo qualquer coisa. Mas, quando ele aparece na tela, transforma todos os outros em coadjuvantes que simplesmente desaparecem do seu lado.

“Observe para onde vai seu olhar durante as cenas dele”, eu disse a Jesse. “Imagine que você também é um ator, e tente competir com *aquilo*.”

Para variar um pouco, mostrei a ele *Justiça Cega* (1990), um malicioso *thriller* policial. Richard Gere interpreta um policial corrupto. Quando um colega, um pouco desequilibrado (William Baldwin), é convocado para depor, podemos perceber como Gere é capaz de criar um magnífico vilão. (Está melhor que o protagonista.) Com aqueles olhos pequenos, ele é um verdadeiro Iago do Departamento de Polícia de Los Angeles. A imobilidade de Gere — e o autocontrole moral que ela sugere — exerce uma atração magnética sobre a plateia. Isso aparece até mesmo na forma como o personagem lida com sua ex-mulher. Quando se sente ameaçado, ele se torna capaz *de tudo*. Disse a Jesse que prestasse atenção na cena em que, com apenas algumas frases pronunciadas casualmente, fazendo um pouco de graça, ele desperta o horror sexual na imaginação de Andy Garcia, o policial encarregado de investigá-lo.

“Não se deixe enganar pela boa aparência dele, ou pela conversa filosófica”, eu disse. “Richard Gere é o cara.”

Passamos a *A Hora da Zona Morta* (1983), de David Cronenberg. Christopher Walken faz um paranormal solitário e triste, um verdadeiro príncipe da imobilidade. E, em seguida, *O Poderoso Chefão II* (1974). O que posso dizer sobre o grande Al Pacino? Ele tem o autocontrole assustador de uma moreia que guarda a entrada de uma caverna. Espere só por aquela cena maravilhosa em que um senador não entende o significado da segunda oferta, mais baixa, que Pacino lhe faz para obter a licença para operar um cassino.

Mostrei também *Bullitt* (1968), de Peter Yates, um filme que já tem quarenta anos, mas que conserva sua enorme força. Steve McQueen nunca esteve mais bonito, com seus olhos azuis. Sob a direção de Yates, McQueen era um ator que entendia o valor de fazer muito pouco; ele ouve com a excitante imobilidade dos grandes protagonistas. Achei no porão uma antiga entrevista com o falante diretor canadense Norman Jewison, que dirigiu três filmes com McQueen.

“Steve não era o tipo de ator que poderia ficar sozinho no palco com uma cadeira e entreter a plateia. Era um ator *de cinema*. Adorava a câmera, e ela o adorava em retribuição. Era sempre autêntico, talvez porque estivesse

sempre interpretando a si mesmo. Steve nunca se incomodava se eu cortasse uma de suas falas. Desde que a câmera estivesse focada nele, ficava satisfeito, porque compreendia que o cinema é um meio visual.”

McQueen teve uma vida difícil. Na adolescência, passou dois anos numa instituição para menores delinquentes. Depois de um período na Marinha, mudou-se para Nova York e começou a ter aulas de interpretação. Em outras palavras, expliquei a Jesse, McQueen não era um sujeito do tipo sociável e político. O talento nem sempre aparece onde se espera.

Assistimos a *O Samurai* (1967), com Alain Delon; a Lauren Bacall em *A Beira do Abismo* (1946), de Howard Hawks, e, é claro, ao poderoso Clint Eastwood (qualquer vacilo com ele é a morte) em *Por um Punhado de Dólares* (1964). Dava para passar um bocado de tempo vendo os filmes de Clint. Comecei listando cinco coisas que admirava nele.

1. Adoro o jeito como ele mostra quatro dedos para o fabricante de caixões, em *Por um Punhado de Dólares*, e diz: “Me enganei. São quatro caixões.”
2. Adorei, como ressaltou o crítico britânico David Thomson, a postura de Clint ao lado do príncipe Charles no National Film Theatre, em Londres, em 1993. Para todo o mundo na plateia, ficou claro quem era o príncipe de verdade.
3. Adoro o fato de Clint nunca dizer “Ação!” quando dirige um filme. Ele diz calmamente, em voz baixa: “Quando estiverem prontos.”
4. Adoro ver Clint caindo de seu cavalo em *Os Imperdoáveis* (1992).
5. Adoro a imagem de Clint, no papel do detetive Dirty Harry, descendo a pé uma rua de São Francisco com uma arma em uma das mãos e um cachorro-quente na outra.

Contei a Jesse uma breve conversa que tive certa vez com William Goldman, que escreveu o roteiro de *Butch Cassidy* (1969) e, mais tarde, o de *Poder Absoluto* (1997), para Eastwood. Goldman o adorava: “Clint é o melhor”, ele me dissera. “Um profissional completo, num mundo dominado pelo ego. Com Eastwood, você chega, faz seu trabalho e volta para casa; geralmente volta cedo, porque ele quer jogar golfe. E ele almoça na lanchonete do estúdio, como todo mundo.”

Quando mostraram a Clint o roteiro de *Por um Punhado de Dólares*, em 1964, a proposta do filme já estava circulando havia algum tempo. Charles Bronson recusara, dizendo que era o pior roteiro que já tinha lido na vida. James Coburn não quis fazê-lo, porque as filmagens seriam na Itália e ele tinha ouvido coisas ruins sobre cineastas italianos. Clint aceitou o papel, por um cachê de 15 mil dólares. Mas — e eu enfatizei isso para Jesse — ele

insistiu em enxugar um pouco o roteiro, pois achava que o filme ficaria mais interessante se seu personagem não falasse.

– Consegue adivinhar por que ele fez isso? – perguntei.

– Claro. O espectador imagina todo *tipo* de coisas sobre um cara que não fala – Jesse disse. – No momento em que ele abre a boca, sua importância diminui.

– Exatamente.

Depois de alguns segundos de distração, ele acrescentou:

– Seria legal ser assim na vida real.

– Ahn?

– Não falar muito. Ser mais misterioso. As garotas gostam disso.

– Algumas gostam, outras, não – eu disse. – Você é conversador. As garotas também gostam de caras assim.

Três anos se passaram antes que Eastwood visse o filme terminado. Nessa altura ele até já o tinha esquecido. Convidou alguns amigos para uma exibição particular de *Por um Punhado de Dólares* e disse: “Provavelmente, ficou uma merda, mas vamos dar uma olhada.”

Depois de alguns minutos de projeção, um de seus amigos falou: “Ei, Clint, isso é material de primeira.” *Por um Punhado de Dólares* revitalizou o faroeste, que na época tinha se tornado uma espécie de casa de repouso para astros do cinema envelhecidos.

Depois de assistirmos ao filme, pedi a Jesse que nos permitisse rever a cena da corda, com James Dean, em *Assim Caminha a Humanidade*. Dean aparece cercado por astutos homens de negócios que tentam fechar uma proposta. Rock Hudson coloca 1.200 dólares sobre a mesa. “Você está rico agora, garoto.” Dean apenas fica lá sentado, mal se move.

– Quem rouba a cena? – perguntei. – Quem rouba o filme inteiro?

Fiz até mesmo uma incursão pela televisão, mostrando Edward James Olmos no papel do tenente Martin Castillo, chefe de polícia de terno preto em *Miami Vice* (1984-89). Eu disse:

– Este é um seriado estúpido e implausível, mas veja Olmos... é quase um milagre. Por não se mexer, ele parece estar guardando um segredo.

– Que segredo?

– Essa é a ilusão da imobilidade. Não *existe* segredo. Somente a sugestão de alguém que guarda um – eu disse. Estava começando a parecer um crítico de vinhos.

Desliguei o DVD.

– Eu não me importaria de ver o restante do episódio – Jesse disse. – Tudo bem?

Assim, enquanto os operários martelavam, serravam e usavam seus

maçaricos no segundo andar do condomínio do outro lado da rua (que ficava maior a cada dia), Jesse eu assistimos a três episódios seguidos de *Miami Vice*. Num determinado momento, nossa vizinha Eleanor passou em frente à casa e deu uma olhada pela janela. Me perguntei o que ela estaria pensando, ao nos ver assistindo à televisão dia após dia. Experimentei um desejo cretino de correr atrás dela e dizer: Não é televisão, é *cinema*. Naqueles dias, percebi em mim mesmo uma estranha e frequente tendência a dar explicações quando se tratava de Jesse.

Do ponto onde eu estava, na sala, dava para ver Rebecca Ng dobrar a esquina, junto ao estacionamento. De calça jeans branca, jaqueta jeans branca e camiseta verde-amarelada, o cabelo negro como a noite caindo na medida certa. Os operários da construção, ao lado da igreja, chamavam a atenção entre si para ela, e todos olharam enquanto passava. Um bando de pombos cinzentos alçou voo em direção ao Oeste.

Agora eu estava na fase do Novo Cinema Alemão. Naquele dia, víamos Aguirre – *A Cólera dos Deuses* (1972), de Werner Herzog. (Eu não podia me esquecer de prepará-lo para a cena em que o conquistador aponta os dedos para uma mancha de sangue em uma rocha.) Às vezes, eu me lembrava de detalhes assim meia hora antes de pôr o filme. Mas Jesse ainda estava na rua. E chegou em casa bêbado. Ele não disse nada, mas senti o cheiro quando subiu as escadas. Um de seus amigos, Morgan, tinha saído da prisão na noite anterior (trinta dias, assalto) e estava com ele. Tive que colocá-lo para fora, gentilmente, às quatro da manhã, e mandar Jesse para a cama.

Existia um equilíbrio delicado *chez nous*, e em alguns dias eu temia estar caindo no caos, na desordem e na irresponsabilidade com um chicote e uma cadeira. De fato, era como se uma selva estivesse crescendo ao redor da casa, e seus galhos ameaçadores entrassem pelas janelas, por baixo das portas e pelo porão. Mais de um ano já se passara desde que Jesse deixara a escola (agora ele estava com 17), e ainda não havia nenhum sinal de que estivesse disposto a sair e agarrar o mundo “com as mãos”.

Mas ainda tínhamos o clube do filme. As fichas amarelas sobre a geladeira, com uma linha riscando cada filme visto, me davam a sensação de que alguma coisa, pelo menos, estava acontecendo. Eu não estava me enganando. Sabia que não estava dando a Jesse uma educação sistemática em cinema. Não era esse o objetivo. Poderíamos estar praticando mergulho, ou começando uma coleção de selos. Os filmes simplesmente funcionavam como um pretexto para passarmos um tempo juntos, centenas de horas, e,

além disso, abriam portas para conversas sobre os mais variados assuntos – Rebecca, Zoloff, fio dental, Vietnã, impotência, cigarros.

Alguns dias, ele me fazia perguntas sobre pessoas que eu tinha entrevistado. Como era George Harrison? (Um cara legal, mas quando eu ouvia aquele sotaque de Liverpool era difícil não pular e gritar: “Você era um dos Beatles! Deve ter pegado *milhares* de garotas!”); Ziggy Marley (filho de Bob, um pequeno cretino mal-humorado); Harvey Keitel (grande ator, mas com o cérebro de um porco assado); Richard Gere (um típico ator pseudointelectual, que não se deu conta de que as pessoas prestam atenção nele por ser uma estrela de cinema, e não um pensador); Jodie Foster (entrevistá-la é como tentar arrombar o Forte Knox); Dennis Hopper (desbocado, engraçado, um grande sujeito); Vanessa Redgrave (calorosa, majestosa, entrevistá-la era como conversar com a rainha); o cineasta Stephen Frears (mais um inglês que não sabe dosar o uso de colônia pós-barba; não me surpreende que nenhuma mulher tenha conseguido colocar as mãos no cara); Yoko Ono (defensiva e convencida demais; quando perguntei sobre as motivações e implicações de seu último projeto, ela respondeu: “Você faria essa pergunta a Bruce Springsteen?”); Robert Altman (falante, culto, despreocupado; não me admira que atores trabalhassem para ele por qualquer trocado); o cineasta americano Oliver Stone (muito masculino, mais inteligente que os roteiros que escreve: “*Guerra e Paz?* Deus do céu, que tipo de pergunta é essa? São dez horas da manhã!”).

Conversávamos sobre a década de 1960, sobre os Beatles (muitas vezes, mas ele era indulgente comigo), sobre beber mal, beber bem, e, então, mais um pouco sobre Rebecca (“Você acha que ela vai me dar um pé na bunda?”), Adolf Hitler, o campo de concentração de Dachau, Richard Nixon, infidelidade, Truman Capote, o deserto de Mojave, o empresário de música Suge Knight, lésbicas, cocaína, o visual *heroin chic* dos anos 90, os Backstreet Boys (ideia minha), tatuagens, Johnny Carson, o *rapper* Tupac (ideia dele), sarcasmo, levantamento de peso, tamanho do pênis, atores franceses, o poeta e. e. cummings. Que bons tempos! Eu podia estar esperando por um emprego, mas não estava esperando pela vida. Ela estava ali, bem ao meu lado, na cadeira de vime. Sabia que aquilo era maravilhoso *enquanto estava acontecendo* – mesmo que pressentisse, de alguma forma, que a linha de chegada já nos aguardava, no final do caminho.

Hoje em dia, quando vou à casa de Maggie jantar, faço uma pausa nostálgica na varanda. Sei que Jesse e eu passaremos por ali, mais tarde, para tomar uma xícara de café, mas não será igual à época do clube do filme. Curiosamente, o restante da casa – a cozinha, o quarto, a sala e o banheiro – não guarda traços da minha presença. Não sinto nenhuma vibração,

nenhum eco de minha estada ali. Somente a varanda.

Mas onde eu estava? Ah!, sim, Rebecca aparecendo naquela agradável tarde de primavera.

Ela subiu os degraus suavemente; Jesse permaneceu sentado. Houve uma troca qualquer entre eles. Ela continuou com as mãos enfiadas nos bolsos da jaqueta, o rosto com a expressão de uma aeromoça que acha que acabou de ouvir alguma coisa desagradável, mas não está bem certa se entendeu direito. Um sorriso polido, mas cauteloso. Algo incomum estava acontecendo. A distância, eu podia ver um dos operários da construção parado, encostado numa escada, olhando em nossa direção.

Ouvi a porta da frente se abrir, e eles entraram. — Oi, David — Rebecca disse. Com serenidade, no controle. Ou ao menos tentando passar essa imagem. — Como você está se sentindo hoje? — ela perguntou.

Mais uma vez, isso me pegou de surpresa.

— Como estou me sentindo? Bom, deixe-me ver... Bem, eu acho. E a escola, como está?

— Estamos de férias agora, então estou trabalhando na Gap.

— Você vai acabar dominando o mundo, Rebecca.

— Apenas gosto de ter meu próprio dinheiro — ela disse. (Foi um recado?) Jesse esperava atrás dela.

— Bom ver você de novo, Rebecca.

— Você também, David — ela disse. Jamais dizia “sr. Gilmour”.

Então os dois desceram.

Subi para o segundo andar. Liguei o computador e chequei as mensagens pela terceira vez naquele dia. Maggie era a última pessoa na Terra que ainda usava internet por conexão discada, então havia sempre um período de espera, com sons, zumbidos, apitos e arranhões antes de eu estar conectado.

Li o jornal do dia *on-line*. Olhei pela janela dos fundos e vi nossa vizinha Eleanor remexendo seu jardim com uma enxada. Estava se preparando para a nova estação de plantio. A cerejeira dela estava florida. Depois de um tempo, fui até a escada. Dava para ouvir o sussurro de uma conversa vindo do porão. A voz de Rebecca estava animada; a de Jesse, estranhamente inexpressiva, inalterada, como se ele estivesse medindo bem as palavras. Falava com atitude.

Então veio o silêncio, seguido de passos em direção à porta. Passos de duas pessoas. Não trocaram mais nenhuma palavra. A porta da frente se abriu e fechou, com cuidado, como se não quisessem me incomodar. Ao descer as escadas, vi Jesse. Ele estava sentado, debruçado sobre os cotovelos, com uma expressão séria. A distância, Rebecca desaparecia, por trás do

estacionamento. Os operários da construção, mais uma vez, viraram a cabeça na direção dela.

Eu me sentei, e a cadeira rangeu. Ficamos sentados por alguns momentos. Então perguntei:

– O que houve?

Jesse virou-se para mim, mas dando um jeito de esconder os olhos com as mãos. Imaginei se ele estava chorando.

– Nós terminamos.

Era disso que eu tinha medo. Um cara novo, com carro e um apartamento legal, um jovem advogado que investia na Bolsa. Alguém mais apropriado para as aspirações profissionais de Rebecca.

– O que ela disse? – perguntei.

– Ela disse que ia morrer, sem mim.

Por um momento, achei que não tivesse entendido direito.

Ela disse o quê? Ele repetiu.

Foi *voce* que terminou? Ele assentiu.

– Mas por quê?

– Ela começou a querer discutir de novo a relação, e isso foi demais para mim, acho.

Olhei longamente para ele, seu jeito frágil, seus olhos cinematográficos. Depois de um momento, eu disse:

– Desculpe perguntar, mas eu preciso. Você bebeu hoje?

– Um pouco, mas isso não tem nada a ver com Rebecca.

– Deus do céu!

– Sério, pai, não tem nada a ver. Comecei a falar, com cuidado.

– Jesse, ao longo dos anos eu aprendi que nunca é uma boa ideia tomar uma decisão importante na sua vida sob o efeito do álcool. – Ele abriu a boca para dizer alguma coisa. – Nem quando ele está *indiretamente* envolvido. Como em uma ressaca.

Jesse olhou ao longe.

– Existe algo que você possa fazer para *voltar atrás*? – perguntei.

– Eu não quero. – Ele olhou para os operários da construção, e era como se aquela visão reforçasse algo dentro dele.

– Bom, me deixe falar só mais uma coisa, e então você faz o que quiser, tudo bem?

– Tudo bem.

– Quando a gente deixa uma mulher, acontecem coisas que parece que não terão importância. Mas quando elas acontecem *de verdade*, percebemos que importam muito.

– Tipo outros caras?

– Não quero ser duro em relação a isso – falei –, mas existem alguns

fatores que você deve levar em consideração antes de terminar com uma pessoa. Um desses fatores, o *mais importante*, em geral, é que a outra pessoa vai ficar com outros caras. E isso, acredite em mim, pode ser uma experiência bem pouco saborosa.

– O que você quer dizer?

– Uma experiência desagradável. Nesse caso, horrível.

– Eu sei que Rebecca vai arrumar outro namorado, se é isso que você quer dizer.

– Sabe mesmo? Você realmente *pensou* nisso?

– Sim.

– Posso contar uma história? Você se importa?

– Não, tudo bem.

Ele parecia distraído. Deus do céu, pensei, isso é apenas o começo.

– Eu tinha um amigo na faculdade – comecei. – Na verdade, você o conhece. Arthur Cramner, aquele que mora na Costa Oeste.

– Eu gosto do Arthur.

– Bom, muitas pessoas gostam do Arthur. Em parte, esse era o problema. Eu tinha uma namorada, isso foi há muito tempo; acho que era um pouco mais velho do que você é hoje. O nome dela era Sally Buckman. Um dia eu disse a Arthur, que era meu melhor amigo: “Acho que vou terminar com a Sally.” E ele disse: “Ah, é?” Ele gostava dela. Achava ela *sexy*. E ela era.

“Eu disse: ‘Se você quiser, sabe como é, *encontrar* Sally depois, por mim tudo bem.’ Eu também acreditava nisso. Já estava cansado dela. Então, algumas semanas depois, talvez um mês, eu realmente terminei com Sally Buckman e fui passar o fim de semana na casa de um amigo, no lago. Está me acompanhando?”

– Sim.

– Nessa época, Arthur e eu tocávamos numa banda de garagem. Eu tocava bateria, ele cantava e tocava gaita, assim como os astros do rock de que gostávamos. Achávamos que éramos irresistíveis.

“Voltei à cidade na noite de domingo, vindo da casa do lago, onde passara o fim de semana cuidando da plantação de maconha do meu amigo, e não sentira nenhuma falta de Sally, nem por um segundo. Para falar a verdade, em alguns momentos eu até me sentira aliviado por ela não estar lá.

“Fui diretamente para o ensaio da banda. E lá estava Arthur. O adorável e gentil Arthur, tocando sua gaita, papeando com o baixista, bancando o cara legal. Sendo Arthur. Durante todo o ensaio, fiquei olhando para ele, esperando uma oportunidade de perguntar: ‘Você ficou com Sally no fim de semana, enquanto eu estava fora?’ Mas não tive chance. Estava

ficando angustiado. De repente, em vez de aquilo ser algo que me provocava *curiosidade*, passou a ser uma coisa que me provocava *medo*.

“Então o ensaio acabou, os outros caras foram embora, e entrei no carro com Arthur. Finalmente me virei para ele e perguntei, tentando parecer despreocupado: ‘Então, você encontrou Sally no fim de semana?’ E, soando muito satisfeito, ele respondeu: ‘Encontrei sim’, como se aquela fosse uma pergunta interessante para a qual ele tinha uma resposta interessante. Então eu disse (e foi como se eu tivesse perdido o controle sobre as minhas palavras): ‘E tem alguma coisa acontecendo entre vocês dois?’ Ele respondeu, enfaticamente: ‘Sim, com certeza.’

“Jesse, vou dizer uma coisa. Foi como se alguém tivesse acelerado o tempo dez vezes. O mundo simplesmente começou a girar. Eu mal podia emitir um ruído. Ele disse: ‘Ei, tome um cigarro.’ O que, de certa forma, tornou as coisas ainda piores. Eu comecei a falar, muito rapidamente, sobre como estava tudo bem comigo, mas não era estranha a vida? Não era estranho como as coisas mudavam realmente depressa?

“Então pedi a ele que me deixasse no prédio de Sally. Ele me deixou bem em frente ao apartamento dela, na rua Brunswick. Ainda me lembro do número do prédio. Subi as escadas correndo, como se fosse apagar um incêndio, e bati, *toc, toc, toc*. Sally abriu a porta de camisola, parecendo, como vou dizer isso, *obscenamente tímida*. Como se dissesse: ‘Ah, havia uma bomba no pacote que eu enviei a você?’

“Acabei chorando, dizendo a ela quanto a amava, e que só então enxergava isso. Esse tipo de coisa. Disse tudo de forma atrapalhada, de uma vez só. Mas cada palavra era verdadeira. Pode imaginar a cena?

“Então, consegui reatar com ela. Fiz Sally colocar tudo em pratos limpos e me contar o que tinha acontecido. Vocês fizeram isso? Vocês fizeram aquilo? Perguntas desagradáveis. Respostas igualmente desagradáveis. (Nesse momento, Jesse riu.) Levei mais um mês para lembrar como ela era chata e terminei de novo o namoro. Dessa vez, de forma definitiva. Mas fiz questão de me certificar de que Arthur não estava na cidade, quando fiz isso. Eu estava certo de que ela usaria seus velhos truques, e não queria que ele estivesse por perto nessa hora.”

– E ela usou?

– Usou. Foi atrás do meu irmão maluco e transou com ele. Ela era uma encrenca, ouça o que digo, mas a questão não é essa.

A questão é que, às vezes, você não sabe como irá se sentir em relação a certas coisas, até que seja tarde demais. Não é uma experiência pela qual se deseja passar.

Eleanor apareceu em sua varanda e atirou uma garrafa de vinho vazia na lixeira. Ela olhou para o final da rua de forma sofrida, como se estivesse

vendo algo de que não gostasse, nuvens carregadas ou uma gangue de marginais, então olhou para nós.

– Ah! – Ela deu um salto. – Olá para vocês dois! Estão trabalhando no escritório, não é? – E deu um sorriso cheio de dentes.

Jesse esperou até que ela saísse.

– Eu não acredito que algum amigo meu vá ficar com Rebecca.

– Jesse, a questão é que ela vai ficar com *alguém*, e, acredite, vai dar um jeito de você saber. Já pensou sobre isso? – perguntei?

Com uma voz adulta, um tom abaixo do usual, ele disse:

– Acho que vai ser ruim por uma semana ou duas, mas eu vou superar.

Insisti:

– Tudo bem, então, só vou dizer mais uma coisinha e depois vou calar a boca. Você ainda *pode* voltar atrás. Pode pegar o telefone neste segundo e conseguir que ela volte aqui, e assim poderá poupar um bocado de sofrimento. – Eu o deixei pensar no assunto. – A não ser que você não a queira mesmo de volta.

Um momento de pausa.

– Eu não quero que ela volte.

– Tem certeza?

Ele pareceu hesitar por um momento, olhando para a igreja a distância, para as pessoas que estavam saindo. Achei que estivesse reconsiderando. Então ele disse:

– Você acha que chorar foi algo pouco masculino da minha parte?

– Como assim?

– Quando estávamos terminando. Ela também estava chorando.

– Posso imaginar.

– Mas você não acha que agi como um bebê, ou coisa parecida?

– Acho que haveria algo de errado com você, uma frieza realmente desagradável, se *não* chorasse nessa hora – eu disse.

Um carro passou.

– Você já chorou alguma vez na frente de uma garota?

– A pergunta certa é: existe alguma garota na frente de quem eu *não* chorei? – respondi.

Quando ouvi a risada dele, quando vi, pelo menos durante um segundo, a infelicidade desaparecer de seu rosto (era como se o vento varresse para longe a poeira sobre uma mesa bonita), isso me fez me sentir mais leve, como se uma ligeira náusea tivesse passado. Se ao menos pudesse mantê-lo assim, pensei. Mas eu já podia antever, ao longe, a imagem dele acordando às três da manhã e pensando nela, uma parede de concreto na direção da qual ele corria cegamente.

Mas não naquele momento. Naquele momento, estávamos na varanda, seu espírito temporariamente livre da prisão à qual voltaria, como fantasmas que voltam à noite, eu sabia. Estava pensando em mostrar a ele mais uma vez *O Ultimo Tango em Paris*, mas não me pareceu uma boa ideia. A cena da manteiga poderia levá-lo a todo o tipo de fantasias desagradáveis. O quê, então? *Tootsie* (1982), romântico demais; *Tio Vânia em Nova York* (1994), russo demais; *Ran* (1985), bom demais para correr o risco de ele não prestar atenção. Finalmente, decidi por um filme que dá vontade de pegar uma arma e atirar algumas vezes na porta de seu *próprio* carro. Um filme do tipo “foda-se”.

Coloquei *Profissão, Ladrão* (1981), de Michael Mann, no aparelho de DVD como se fosse um pente de nove milímetros. A sequência de abertura, uma das melhores de todos os tempos, mostra dois caras arrombando um cofre. Trilha sonora da banda Tangerine Dream, que lembrava o som de água correndo por canos de vidro. Luzes esverdeadas, rosa-shocking, azul-néon. “Observe como a ação é enquadrada”, eu disse, “o carinho com que os maçaricos e as brocas são iluminados e fotografados.” A câmera foca nesses objetos com a afeição de um carpinteiro que admira suas ferramentas.

E, é claro, há James Caan. Ele nunca esteve melhor. Preste atenção no momento maravilhoso em que ele entra no escritório de um agiota para pegar emprestado algum dinheiro e o cara finge não entender o que ele está falando. Observe a pausa que Caan faz. É como se ele estivesse tão furioso que precisasse tomar ar antes de pronunciar a frase seguinte. “Eu sou o último cara da *Terra* que você deve sacanear”, ele diz.

— Aperte os cintos — eu disse. — Lá vamos nós.

Rebecca voltou na tarde seguinte. Estava vestida em grande estilo, com uma blusa de seda preta, com botõezinhos dourados, e jeans escuro. Ela veio dar a Jesse uma última chance de vê-la, antes de virar a página. Eles se sentaram na varanda e conversaram brevemente. Eu fiquei lavando pratos e panelas na cozinha, nos fundos da casa, e coloquei o rádio bem alto. Acho até que cantarolei um pouco.

A conversa não durou muito tempo. Quando voltei para a sala (“para tirar a poeira dos móveis”), vi um espetáculo estranho. Jesse debruçado em sua cadeira de vime, numa atitude de desconforto físico, como se estivesse esperando um lugar num ônibus, enquanto abaixo dele, na calçada, uma animada Rebecca (agora ela parecia vestida como uma viúva-negra) cumprimentava um grupo de rapazes, todos amigos de Jesse que passavam por ali. Suas maneiras sugeriam que estava feliz e graciosamente à vontade,

algo incomum numa pessoa que acabara de perder o namorado, e naquele momento pensei que havia um quê de perigo nela. Jesse tinha sentido isso, e estava cansado. Talvez ele fosse, eu me vi pensando, alguém mais saudável do que eu. Jamais teria conseguido terminar com uma garota tão bonita, jamais abandonaria o prazer viciante de ter uma namorada mais bonita do que as de todos os meus amigos. Infantil, lamentável, digno de pena, eu sei. Eu sei.

Logo a varanda ficou cheia de adolescentes. Rebecca tinha partido. Chamei Jesse para dentro e fechei a porta com cuidado. Serenamente, eu disse:

– Tome cuidado com o que vai dizer a esses caras, certo? Ele me olhou com seu rosto pálido. Dava para sentir nele o cheiro do suor da aflição.

– Você sabe o que ela me disse? Ela disse: “Você nunca mais vai me ver de novo.”

Não dei importância.

– Tudo bem. Mas me prometa que vai tomar cuidado com o que vai dizer.

– Claro, claro — ele respondeu rapidamente, mas eu suspeitava, pelo seu jeito, que ele já tivesse falado demais.

Fizemos um festival de filmes de horror. Reconsiderando, pode ter sido uma iniciativa pouco adequada, já que Jesse estava provavelmente mais fragilizado do que admitia, mas eu queria mostrar a ele algo que não estimulasse ainda mais sua introspecção e tristeza, o que poderia acontecer com filmes menos movimentados. Comecei com *O Bebê de Rosemary* (1968), um pesadelo gótico sobre uma jovem nova-iorquina, Mia Farrow, que fica grávida do demônio. Eu disse a Jesse:

“Preste atenção na famosa tomada da velha senhora”, a atriz Ruth Gordon, “falando ao telefone. Com quem será que ela está conversando? Mas, o que é mais importante: observe a composição da cena em si. Uma porta obscurece um pouco a cena. Por que não podemos ver com clareza? Será que o diretor, Roman Polanski, cometeu um erro? Ou foi uma tentativa intencional de produzir um efeito qualquer?”

Conto a Jesse um pouco sobre a dolorosa vida de Polanski: a morte de sua mãe em Auschwitz, quando ele ainda era criança; seu casamento com Sharon Tate, que estava grávida quando foi assassinada por seguidores da seita de Charles Manson; sua fuga dos Estados Unidos, após a condenação por um suposto estupro a uma menina de 13 anos.

Jesse disse:

– Você acha que alguém deve ser preso por fazer sexo com uma garota de 13 anos?

– Sim.

– Não acha que depende da garota de 13 anos? Conheço algumas garotas dessa idade que são mais experientes do que eu.

– Não importa. É contra a lei, e é assim que deve ser.

Mudando de assunto, mencionei o fato curioso de que, quando Polanski atravessou de carro os portões da Paramount Pictures, no primeiro dia de filmagem de *O Bebê de Rosemary* – uma grande produção hollywoodiana, com estrelas de verdade, como Mia Farrow e John Cassavetes, uma prova de que ele tinha “chegado lá” –, sentiu uma estranha tristeza. Li para Jesse essa passagem da autobiografia de Polanski: “Eu tinha técnicos à minha disposição e era responsável por um orçamento gigantesco – pelo menos para os meus padrões até ali –, mas só conseguia pensar na noite em claro que eu passara na Cracóvia, anos antes, na véspera da minha primeira filmagem, do curta-metragem *A Bicicleta*. Nada jamais se compararia à excitação daquela primeira vez.”

– Que lição você tira dessa história? – perguntei.

– Que as coisas não acontecem sempre da forma que você quer.

– Mas o que mais? – insisti.

– Que, *agora*, você pode ser mais feliz do que imagina.

– Eu costumava pensar que minha vida só começaria de verdade quando eu me formasse na faculdade – eu disse. -Depois passei a pensar que seria quando eu publicasse um livro, ou ficasse famoso, ou alguma coisa tola assim.

Contei a Jesse algo impressionante, que meu irmão me dissera um dia: ele achava que sua vida só iria começar de verdade quando fizesse 50 anos.

– E você? – perguntei a Jesse. – Quando acha que *sua* vida vai começar de verdade?

– A minha? – Jesse perguntou.

– Sim, a sua.

– Eu não acredito em nada disso – ele disse, levantando-se, num sinal de agitação. – Sabe o que eu acho? Acho que sua vida começa quando você *nasce!*

Ele ficou parado no meio da sala, quase vibrando.

– Concorda? Acha que estou certo?

– Acho que você é um homem muito sábio.

De repente, num gesto de prazer incontrolável, ele bateu com as mãos uma na outra, *clap!*

– Você sabe o que *eu* acho? – perguntei. – Acho que você devia ir para a faculdade. Pois é isso que eles fazem lá. Ficam sentados, conversando sobre coisas assim. Com a diferença de que, aqui nesta sala, você só está com seu pai, enquanto lá estará com zilhões de garotas.

Diante disso, ele levantou a cabeça:

– Sério?

E, como naquele primeiro dia – que já parecia estar a séculos de distância –, quando vimos *Os Incompreendidos*, eu achei melhor parar a conversa por ali.

Mostrei a Jesse *O Padrasto* (1987), de Joseph Ruben, com Terry O’Quinn, uma produção de baixo orçamento com um argumento tolo, mas divertido. Espere aquela cena em que o corretor imobiliário – que acabou de chacinar a própria família – leva um potencial comprador para visitar uma casa vazia; observe seu rosto, à medida que ele gradualmente percebe que está conversando com um terapeuta, e não com um cliente.

Em seguida, vimos *O Massacre da Serra Elétrica* (1974), de Tobe Hooper, pobremente realizado, mas com uma ideia de fato assustadora, que atinge em cheio o inconsciente. Depois foi a vez de *Calafrios* (1975), um dos primeiros filmes de David Cronenberg. É sobre um experimento científico com parasitas que dá errado e gera uma onda de violência sexual num condomínio de luxo, em Toronto.

Uma cena de *Calafrios* foi precursora da explosão do estômago que

apareceu anos depois em *Alien – O Oitavo Passageiro* (1979), de Ridley Scott. Avisei a Jesse que prestasse atenção na tomada final, perturbadora, com carros que parecem larvas espalhando a epidemia fora do condomínio. Esse filme de baixo orçamento, estranhamente erótico, anunciou a chegada da sensibilidade única de Cronenberg: um cara talentoso com uma mente suja.

Passamos em seguida a *Psicose* (1960), de Hitchcock. Uma das coisas curiosas sobre experiências cinematográficas profundas é que você sempre lembra onde viu os filmes. Eu vi *Psicose* no cinema Nortown, em Toronto, quando o filme foi lançado, em 1960.

Eu tinha 11 anos, e mesmo que odiasse filmes assustadores e sofresse com eles de uma forma que chegava a preocupar meus pais, daquela vez eu fui, para fazer companhia ao meu melhor amigo, um garoto que tinha a pele dura como a de um rinoceronte.

Há momentos em que o medo deixa você paralisado, quando uma espécie de eletricidade percorre seu corpo como se você tivesse enfiado o dedo numa tomada. Foi isso que aconteceu comigo durante algumas cenas de *Psicose*. Não na cena do chuveiro em si, até porque nessa hora eu estava tapando os olhos com as mãos, mas no momento que a *antecede*, quando dá para ver, através da cortina do boxe, que *alguma coisa* entrou no banheiro. Lembro que, quando saí do cinema Nortown naquela tarde de verão, achei que houvesse algo de errado com a luz do sol.

Do ponto de vista acadêmico, observei a Jesse que *Psicose* foi propositalmente filmado e iluminado para parecer uma produção comercial barata. Também sugeri que *Psicose* era um exemplo cabal de como uma obra-prima pode ser estragada por um detalhe ruim. Por ora, eu não disse qual era esse detalhe. (Pensava naquele final terrível e verborrágico, mas queria que ele refletisse um pouco.)

Depois vimos um filme raro, *Onibaba, a Mulher Demônio* (1964). A ação se passa num mundo de fome e escassez, no Japão feudal do século XIV. É um filme de horror, em preto e branco, sobre uma mulher e sua nora, que sobrevivem matando soldados e trocando suas armas por comida. Mas o verdadeiro tema do filme é o sexo, a atração maníaca e a violência que ele pode provocar quando se ultrapassa algum limite. Enquanto eu falava, percebia que o interesse de Jesse ia desaparecendo, voltando-se para ele próprio. Provavelmente, estava pensando em Rebecca – imaginando o que ela estaria fazendo, com quem e onde.

– Em que você está pensando? – perguntei.

– No O. J. Simpson – ele disse. – Estou pensando que se ele tivesse esperado seis meses, não se importaria mais se sua mulher saísse com outro cara.

Alertei Jesse que se preparasse para uma cena horrível, quando uma velha tenta tirar do rosto uma máscara de diabo (que tinha encolhido por causa da chuva). A mulher puxa, estica e esfrega, o sangue escorrendo por seu pescoço, a nora golpeando a máscara, *pou, pou, pou*, com uma pedra pontiaguda. Comentei que aquela mesma máscara inspirou mais tarde o cineasta William Friedkin em seu retrato do demônio, no grande clássico dos filmes de terror, a coisa mais assustadora já concebida, *O Exorcista* (1973). Esse foi o filme que vimos em seguida, e que realmente acabou com a gente.

Da primeira vez que vi *O Exorcista* eu tinha 24 anos, e fiquei tão apavorado que deixei o cinema com apenas meia hora de projeção. Alguns dias depois, voltei e tentei de novo. Cheguei quase até a metade do filme, mas quando a garotinha começou a girar a cabeça, fazendo ruídos esquisitos, senti como se meu sangue tivesse congelado, e saí novamente. Foi só na terceira vez que consegui ver o filme inteiro, mesmo assim tapando o rosto com as mãos, ou tapando os ouvidos com os dedos, em alguns momentos. Por que eu continuava teimando em ver aquele filme? Porque tinha a intuição de que aquele era um “grande” filme — não no sentido intelectual, porque não estou bem certo de que seu diretor estivesse preocupado com isso, mas porque era um acontecimento artístico único. O trabalho de um diretor prodigiosamente dotado, no auge de sua maturidade artística.

Também observei que Friedkin, que tinha acabado de dirigir *Operação França*, era, em mais de um sentido, um sujeito doido, psicologicamente fronteiro e valentão. A equipe de filmagem se referia a ele como “Willie Maluco”. Diretor à moda antiga, ele gritava com as pessoas, espumava pela boca, demitia funcionários de manhã para voltar a contratá-los à tarde. Ele dava tiros de verdade no estúdio, para assustar os atores, e tocava fitas com trilhas bizarras — por exemplo, com o coaxar de sapos da América do Sul ou a trilha sonora de *Psicose* — num volume enervante. Isso deixava todo mundo no limite.

Ele administrou sozinho o orçamento de *O Exorcista* — originalmente fixado em 4 milhões de dólares — e estourou-o até o limite de 12 milhões. Um dia, quando estavam filmando em Nova York, conta-se que ele queria fazer um *close* de bacon fritando numa grelha, mas não ficou satisfeito com a forma como o bacon se dobrava. Então, fez sua equipe inteira percorrer a cidade atrás de um bacon sem conservantes, que permaneceria estirado. Friedkin trabalhava tão devagar que um membro da equipe ficou doente e faltou às filmagens por três dias. Quando voltou, descobriu que ainda estavam fazendo a tomada do bacon.

Os produtores queriam que Marlon Brando interpretasse o papel do padre Merrin, o exorcista veterano, mas Friedkin ficou preocupado, paranóico até, com a possibilidade de o resultado ser “um filme de Brando”,

e não um filme seu. (Almas pouco generosas disseram a mesma coisa a Francis Ford Coppola sobre *O Poderoso Chefão*, que acabara de ser lançado.)

Houve uma história que circulou durante anos: durante uma cena em que Friedkin estava usando um não ator para fazer o papel de um padre (na verdade, o homem era padre), não estava conseguindo o resultado que queria. Então disse ao padre: “Você confia em mim?” O religioso disse que sim, e Willie lhe deu uma bofetada no rosto — e assim conseguiu a tomada que queria. Dá para ver quando o padre Karras está fazendo os últimos preparativos do ritual de exorcismo, ao pé da escadaria. As mãos do outro sacerdote ainda estão tremendo.

O talento, como eu já tinha dito a Jesse, muitas vezes assume formas estranhas. Friedkin pode ter sido um cretino como pessoa, falei, mas não se pode negar sua sensibilidade artística. Todas as vezes que a câmera sobe a escada em direção ao quarto da garota, você sabe que algo novo e horripilante vai acontecer — algo ainda pior que na cena anterior.

Jesse dormiu no sofá nessa noite, com duas lâmpadas acesas. Na manhã seguinte, nós dois ainda estávamos ligeiramente perturbados e, depois dos horrores da noite da véspera, concordamos em suspender o festival por um tempo. Boas comédias, garotas malvadas, Woody Allen, *nouvelle vague*, qualquer coisa. Mas nada de terror. Existem momentos em *O Exorcista*, como as cenas em que a menina está sentada na cama, muito quieta, e fala calmamente com uma voz de homem, que dão a sensação de que você entrou num lugar aonde *nunca* devia ter ido.

Relendo o que escrevi, eu me dou conta de que posso ter dado a impressão de que pouca coisa acontecia na minha vida, além de assistir a filmes e acompanhar a vida de meu filho. Não era bem assim. Estavam começando a aparecer trabalhos, resenhas de livros, o roteiro de um documentário que precisava ser melhorado e mesmo uma temporada como professor substituto (uma experiência frustrante por natureza, é claro, mas não tão terrível para o ego quanto eu esperava).

Vendi meu *loft* na fábrica de doces e, no período de relativa bonança que veio em seguida, minha mulher e eu compramos uma casa em estilo vitoriano nas imediações de Chinatown. Maggie finalmente voltou para a casa dela. Que felicidade! Ela havia ficado ausente mais de um ano. Mesmo assim, porém, ainda sentia que Jesse precisava “morar com um homem”. Eu também. Bem como, graças a Deus, minha mulher. Numa festa familiar perto do Natal, uma tia minúscula e de voz esganiçada, diretora aposentada de uma escola secundária, me disse: “Não se deixe enganar. Garotos adolescentes precisam de tanta atenção quanto recém-nascidos. Com a diferença de que eles precisam que a atenção venha do pai.”

Jesse foi comigo e com Tina para o outro lado da cidade, levando três grandes sacos de lixo industrial repletos de roupas e CDs fora da caixa. Ele se instalou no quarto azul, no terceiro andar, com vista para o lago. Era o melhor quarto da casa, o mais tranquilo e o mais bem ventilado. Comprei para ele uma gravura de John Waterhouse, em que moças nuas nadam num lago, e pendurei-a numa parede, ao lado de pôsteres do Eminen (um rapaz com uma cara “família”, se você olhar de perto), do Al Pacino com um charuto (em *Scarface*) e de algum matador, com uma meia de náilon na cabeça, apontando uma pistola de nove milímetros para o seu rosto, com a frase “diga alô pros cara mauz”.

De fato, enquanto escrevo, estou a apenas alguns metros do quarto azul de Jesse, agora vazio, com uma de suas camisetas velhas ainda pendurada atrás da porta. O quarto está silencioso hoje em dia, com um DVD de *Amores Expressos* (1994), de Wong KarWai, abandonado na mesa de cabeceira ao lado de *Middlemarch* (ainda por ler); *Glitz*, de Elmore Leonard (pelo menos não foi parar num sebo); *Os cossacos*, de Tolstoi (ideia minha), e *Maus bocados*, de Anthony Bourdain, que Jesse deixou no quarto da última vez que ele e a namorada dormiram lá. Sinto a presença desses objetos como um conforto, como se ele ainda estivesse aqui, ao menos em espírito, e que ele ainda vai voltar, um dia.

Mesmo assim, e não quero soar sentimental, algumas noites, a caminho do escritório, eu passo pelo quarto dele e dou uma olhada. O luar cai sobre a

cama, o quarto está muito quieto, e não consigo acreditar que Jesse foi embora. Ainda havia coisas para fazermos naquele quarto, outras gravuras, outro gancho na parede para as roupas. Mas o tempo acabou.

Outono em Chinatown; as folhas estavam ficando vermelhas nas enormes florestas ao norte da cidade. Luvas começavam a aparecer nas mãos das mulheres que passavam de bicicleta em frente à nossa casa. Jesse conseguiu um trabalho de meio expediente como atendente de duas empresas de telemarketing que arrecadavam dinheiro para uma “revista dos bombeiros”.

Um dia, à tardinha, eu passei no “escritório”, um lugarzinho bagunçado com seis ou sete compartimentos onde se sentavam um garoto esquisito, um paquistanês e uma mulher acima do peso, com uma garrafa de Coca-Cola diante dela – todos trabalhando nos aparelhos de telefone. Deus do céu!, pensei. Esta é a empresa para a qual empurrei Jesse. Isto é o futuro.

E lá estava ele, no fundo da sala, com o fone no ouvido, sua voz rouca de tanto incomodar senhores de idade e donas de casa na hora do jantar. Jesse era bom em vender coisas pelo telefone, dava para ver. Ele segurava as pessoas do outro lado da linha, prendia sua atenção, brincava com elas até convencê-las.

Os chefes também estavam lá, um sujeitinho de rosto redondo de paletó amarelo e seu assistente, um cara bem-apegoado chamado Dale. Eu me apresentei. Jesse era o melhor funcionário, eles disseram. O número 1. Atrás de nós, eu ouvia pedaços de frases num inglês quase incompreensível, de uma voz com sotaque da Europa Oriental, um sotaque tão acentuado que parecia uma comédia; também tive a impressão de ouvir palavras em bengali, de outro compartimento. Então ouvi uma voz anasalada de mulher, pontuada pelo ruído de alguém sugando cubos de gelo com um canudinho. Parecia uma pá trabalhando o cimento.

Jesse veio falar comigo, com aquele andar descontraído de quando estava contente, olhando para os dois lados.

– Vamos bater um papo lá fora – ele disse, o que significava que não queria que eu ficasse conversando muito tempo com seus chefes, ou fizesse perguntas sobre a “revista dos bombeiros”. Do tipo: Tem algum exemplar da revista por aqui, para eu dar uma olhada? (Não tinha.)

Naquela mesma noite, eu o levei para jantar no Le Paradis. (Se eu tinha um vício, não era bebida, nem cocaína, nem revistas de ninfetas, mas comer em restaurantes mesmo quando estava duro.)

– Você chegou a ver essa tal revista dos bombeiros? – perguntei.

Ele mastigou seu filé por um momento, com a boca aberta. Talvez tenha sido a soneca ruim daquela tarde, mas o simples fato de vê-lo mastigando com a boca aberta, depois de ter dito a ele milhares de vezes para não fazer

isso, me provocou uma irritação profunda.

– Jesse – eu disse. – Por favor.

– O quê? – ele perguntou.

Fiz um gesto exagerado com a boca.

Normalmente ele teria rido (mesmo que aquilo não tivesse graça nenhuma), pedido desculpas e seguido adiante. Mas naquela noite houve uma hesitação. Vi seu rosto ficar levemente pálido. Ele olhou para baixo, em direção ao prato, como se estivesse tomando uma decisão, uma decisão difícil, para controlar uma sensação física. Então ele disse, simplesmente:

– Tudo bem.

Mas dava para sentir a tensão no ar. Era como se ele tivesse destampado uma chaminé e voltado a tampá-la.

– Se você não quiser que eu corrija suas maneiras à mesa... – comecei a dizer.

– Tudo bem – ele disse, encerrando o assunto. Sem olhar para mim. Pensei: “Ah, céus, eu o deixei envergonhado. Feri seu orgulho fazendo aquela cara estúpida.” Por alguns momentos, ficamos os dois comendo em silêncio, ele olhando para o prato, eu olhando para ele, com teimosia.

– Jesse – eu disse, gentilmente.

– Ahn?

Ele levantou os olhos, mas não com a expressão de quem olha para um pai, mas da forma como Al Pacino olha para um idiota em *O Pagamento Final* (1993), de Brian De Palma. Tínhamos ultrapassado algum limite, em algum momento. Jesse estava cansado de sentir medo de mim, e queria que eu soubesse disso. De fato, a situação estava mudando de uma forma dramática. Eu me sentia intimidado pelo desconforto que *ele* sentia.

– Você quer sair para fumar um cigarro e relaxar?

– Estou bem.

– Foi uma grosseria o que acabei de fazer, desculpe – eu disse.

– Tudo bem.

– Quero que você me desculpe, está bem?

Ele não respondeu. Estava pensando em outra coisa.

– Está bem? – repeti suavemente.

– Claro, tudo certo. Pronto.

– O que foi? – perguntei, ainda mais suavemente.

Ele estava remexendo no seu guardanapo, para lá e para cá, para lá e para cá, num canto da mesa. Estaria se lembrando daquela cena com James Dean brincando com a corda? Dizendo não a qualquer coisa que lhe pedissem?

– Às vezes eu acho que você exerce uma influência forte demais sobre mim.

– O que você quer dizer com isso?
– Não acho que outros garotos – Jesse parecia procurar a palavra certa – fiquem tão paralisados por causa de uma briga com os pais. Alguns colegas meus mandam os pais à merda.

– Não quero que seja assim entre nós dois – eu disse, quase sem fôlego.
– Não, nem eu. Mas eu não deveria estar sendo menos *influenciado* por você?

– Deveria?
– É por isso que nunca me meto em encrencas. Morro de medo da sua reação.

Não era o tipo de conversa que eu tinha planejado quando convidei Jesse para jantar num restaurante acima dos meus recursos.

– Medo de quê? Eu nunca bati em você. Eu nunca... – parei.
– Pareço um garotinho. – Seus olhos ficaram marejados de frustração.
– Eu não devia ficar tão nervoso perto de você.

Coloquei meu garfo no prato. Podia sentir a cor fugir do meu rosto.

– Você tem mais poder sobre mim do que imagina.

– Tenho? – disse ele.

– Sim.

– Tipo quando?

– Tipo agora.

– Você acha que tem poder *demais* sobre mim? – ele perguntou.

Eu estava me sentindo desconfortável, com dificuldade para respirar.
Disse:

– Acho que você quer que eu tenha uma boa imagem sua.

– Não acha que eu sou um bebezinho que tem medo de você?

– Jesse, você tem um metro e oitenta. Poderia, perdoe a expressão, me encher de porrada, se quisesse.

– Você acha mesmo?

– Eu não acho, eu sei.

Alguma coisa fez seu corpo inteiro relaxar. Ele disse:

– Acho que vou querer aquele cigarro agora – e saiu.

Eu podia vê-lo andar para lá e para cá, do lado de fora da porta francesa do restaurante, e depois de um tempo ele voltou, disse algo ao balconista, que riu, e depois atravessou o salão. Uma garota de cabelo preto o olhava com atenção. Dava para notar que Jesse estava feliz, olhando à sua volta, andando de forma descontraída até voltar a se sentar na nossa mesa. Pegou o guardanapo e limpou a boca. Dei a ele aquilo de que precisava por agora, pensei, mas em breve ele vai precisar de mais.

– Podemos falar sobre a revista dos bombeiros? – perguntei:

– Claro – ele disse, servindo-se de uma taça de vinho. (Geralmente

era eu quem servia.) – Adoro este restaurante – ele disse.– Se eu fosse rico, acho que jantaria aqui todas as noites.

Definitivamente, as coisas estavam mudando entre nós dois. Eu sabia que, no final do caminho, não muito longe, haveria um confronto, e eu sairia perdendo. Exatamente como aconteceu com todos os outros pais na história. Foi pensando nisso que escolhi nosso filme seguinte.

Você se lembra destas palavras: “Eu sei o que você está pensando – ele atirou seis vezes ou apenas cinco? Bem, para falar a verdade, com toda essa excitação, eu mesmo perdi as contas. Mas, como se trata de uma Magnum 44, a pistola mais poderosa do mundo, que ia explodir sua cabeça, você deve se fazer uma pergunta: ‘Estou me sentindo com sorte?’ Bem, você está, idiota?”

Quando o bom Deus chamar Clint Eastwood para sua morada, essa fala vai aparecer em todos os noticiários ao redor do mundo: Dirty Harry olhando para o tambor de sua arma e em seguida para um ladrão de bancos aposentado, a quem interroga.

Perseguidor Implacável (1971) – se não essa fala – alçou Clint Eastwood ao posto de grande ator americano, ao lado de John Wayne e Marlon Brando. Um ano depois, em 1973, um roteirista telefonou para Clint Eastwood dizendo que andara lendo algo sobre os esquadrões da morte no Brasil, policiais brutais que executavam criminosos sem se dar o trabalho de levá-los a julgamento. E se Dirty Harry descobrisse esquadrões da morte atuando no Departamento de Polícia de Los Angeles? Chamariam isso de *Magnum 44* (1973).

Fizeram o filme. Quando foi lançado, na temporada de férias do ano seguinte, teve uma bilheteria ainda maior que a de *Perseguidor Implacável*. Na verdade, arrecadou mais dinheiro para a Warner Bros. nas suas primeiras semanas em cartaz do que qualquer outro filme na história do estúdio.

Magnum 44, de Ted Post, é, de longe, a melhor das sequências de *Perseguidor Implacável*, e cimentou o caso de amor entre as plateias de cinema e a arma que podia “arrancar o motor de um carro em movimento, a noventa metros de distância”.

– Mas – eu disse a Jesse – não é por isso que estou mostrando o filme a você.

– Não? – ele perguntou.

Apertei a tecla de pausa numa cena logo no começo do filme, quando o detetive “Dirty” Harry Callahan está caminhando pela calçada de uma rua

ensolarada de São Francisco e se aproxima do carro de uma vítima de assassinato, o corpo ainda lá dentro, com um grande ferimento na cabeça. Atrás de Eastwood, na calçada, aparece um homem de barba e cabelos longos.

– Você o está reconhecendo? – perguntei.

– Não.

– É meu irmão – eu disse.

Era de fato meu meio-irmão, que por acaso estava passando por São Francisco quando o filme foi rodado. Ele havia dirigido rumo ao Oeste durante quatro dias, furiosamente, para ingressar em um culto religioso, não lembro qual. Mas, quando bateu na porta do templo, não o deixaram entrar. Então ele comprou um ingresso para uma gravação ao vivo do programa *The Merv Griffin Show* e foi até lá. Depois, voltou para Toronto, tão depressa quanto partiu. Mas, em algum momento daquele dia na cidade, ele perambulou até a locação de uma filmagem.

– Este é seu tio – eu disse.

Nós dois examinamos a tela; por trás da barba e do cabelo emaranhados, havia um jovem bonito, de 25 anos, parecido com Kris Kristofferson.

– Eu já estive com ele? – Jesse perguntou.

– Uma vez, quando você era garoto, ele apareceu aqui em casa querendo alguma coisa. Lembro de ter mandado você para dentro.

– Por quê?

Olhei novamente para a tela.

– Porque – eu disse – meu irmão tinha o talento de semear a discórdia entre as pessoas. Eu não queria que ele envenenasse seus ouvidos quando você tinha apenas 14 anos, dizendo coisas ruins sobre mim. Então achei melhor evitar que visse você.

Então voltamos para a história; o fotograma descongelou, o filme seguiu adiante, e meu irmão desapareceu da tela.

– Mas esse não foi o único motivo – eu disse. – A verdadeira razão é que, quando eu era menor que ele, ele me assustava muito. E você acaba odiando as pessoas que o assustam. Entende o que eu quero dizer?

– Sim.

– Não quero que isso aconteça com a gente – eu disse. – Por favor.

Esse “por favor” deu a ele algo melhor que cem explicações ou pedidos de desculpas.

Não havia nenhuma revista dos bombeiros; era um golpe. Poucas semanas depois, quando Jesse chegou no “trabalho”, o lugar estava interdito, e Dale e o baixote tinham sumido. Ele ficou no prejuízo em algumas centenas de dólares, mas não parecia se importar com isso. O emprego havia cumprido seu propósito: tinha sido o primeiro passo na

ruptura da dependência em relação aos pais. (Jesse compreendeu intuitivamente, acredito, que a dependência financeira cimenta a dependência emocional.)

Havia outros empregos piores à disposição, e em pouco tempo ele arrumou um. Outro trabalho de telemarketing, desta vez vendendo cartões de crédito para famílias pobres no “Sul profundo”: Geórgia, Tennessee, Alabama, Mississippi. Não fui convidado a aparecer e conhecer seu chefe. Algumas noites, quando Jesse chegava em casa, sua voz estava rouca de tanto falar e fumar. Eu o provocava. Dizia a ele:

– Pode me explicar por que a MasterCard confiaria num punhado de garotos com bonés de beisebol para vender cartões de crédito? Não consigo entender.

– Nem eu, pai – ele respondia. – Mas funciona. Enquanto isso, não havia qualquer sinal de Rebecca – nada sobre tê-la visto num bar, na rua, nenhum telefonema, nada. Era como se ela tivesse desenvolvido uma espécie de radar, que a alertava quando Jesse estava por perto, e ela simplesmente desaparecia. Quando ela disse: “Você nunca mais vai me ver de novo”, estava falando sério.

Acordei no meio de uma noite sem qualquer motivo especial. Minha mulher dormia ao meu lado, com a expressão de quem tenta resolver mentalmente um problema de matemática. Totalmente acordado e ligeiramente ansioso, olhei pela janela. Havia um círculo de névoa em volta da lua. Coloquei meu roupão e desci as escadas. Uma caixa de DVD aberta estava atirada no tapete. Jesse deve ter chegado tarde em casa e visto um filme, depois que nós já estávamos na cama. Caminhei até o aparelho para ver que filme era, e quando me aproximei senti certa tensão, como se estivesse entrando numa zona perigosa, como se soubesse que ia ver algo de que não iria gostar. Um filme pornográfico de quinta categoria, talvez, algo que colocaria em dúvida minha confiança na educação que estava dando ao meu filho.

Mas uma certa perversidade, curiosidade ou um sentimento de obrigação, não sei exatamente o quê, prevaleceu sobre minha cautela, e peguei o filme. E o que apareceu? Nada que eu esperasse. Era uma pequena produção de Hong Kong, *Amores Expressos*, que eu tinha mostrado a Jesse meses antes. Com cenas de uma garota asiática dançando sozinha, no apartamento de um estranho. Qual era a canção? Ah, sim, “California Dreamin’”, sucesso do grupo *The Mamas and the Papas*, que me pareceu melhor e mais vigoroso do que na década de 1960.

Senti um sobreaviso peculiar, parecia um puxão na manga, como se estivesse olhando alguma coisa que não era capaz de reconhecer. Como os inestimáveis selos em *Charada* (1963), de Stanley Donen. O que *era* aquilo?

De algum lugar da casa vinha um ruído muito baixo, uma espécie de clique. Subi as escadas, e o som ficou mais alto. Fui até o terceiro andar. Ia bater na porta de Jesse – não se entra no quarto de um rapaz, no meio da noite, sem antes se anunciar – quando o vi por uma fresta, pela porta entreaberta.

– Jesse? – sussurrei.

Nenhuma resposta. Uma luz esverdeada banhava o quarto; Jesse estava no computador, de costas para mim. Um som de insetos saía de seus fones de ouvido. Ele estava escrevendo uma mensagem para alguém. Um momento de privacidade, *clique-clique, clique, clique-clique*, mas tão solitário, às quatro horas da manhã... Sobre o que ele estaria falando, com uma pessoa a quilômetros de distância? Rap, sexo, suicídio? E mais uma vez eu o via caminhando em direção a um poço resplandecente, cercado de argamassa e tijolos, impossível de escalar (escorregadio demais) ou atravessar (duro demais), apenas a eternidade da espera por alguma coisa, um rosto, uma nuvem, uma corda atirada para baixo.

Compreendi subitamente por que aquele filme em particular tinha chamado minha atenção, *Amores Expressos*. Era porque a garota bonita que aparecia dançando o fazia se lembrar de Rebecca, e assistir ao filme era um pouco como estar com ela.

Voltei a descer as escadas e fui dormir. Tive pesadelos terríveis. Um garoto num poço úmido, esperando socorro.

Jesse não se levantou até eu chamá-lo pela terceira vez, no dia seguinte. Fui até o quarto dele e o sacudi levemente pelos ombros. Ele estava num sono profundo. Demorou vinte minutos até descer. Folhas caíam das árvores sob o sol da tarde. Era quase uma paisagem marinha, com aqueles verdes e dourados brilhantes, como se estivéssemos sob a água. Um par de tênis de corrida velhos pendia dos cabos de energia. No final da rua havia mais para se ver. Um garoto de camiseta vermelha pedalava sua bicicleta, desviando-se das pilhas de folhas. Jesse parecia apático.

Eu ia dizer: “Acho que você devia começar a frequentar uma academia”, mas me contive a tempo. Ele pegou um cigarro.

– Por favor, antes do café da manhã, não.

Ele se debruçou, balançando lentamente a cabeça para a frente e para trás.

– Você acha que eu devia telefonar para Rebecca? – perguntou.

– Você continua pensando nela? – (Pergunta estúpida.)

– Todos os segundos, todos os dias. Acho que cometi um grande erro.

Depois de um momento, eu disse:

– Acho que Rebecca era uma grande encrenca, e que você se afastou antes que ela pusesse fogo na casa.

Dava para ver que ele precisava de um cigarro, que não conseguiria se concentrar enquanto não fumasse um.

– Acenda um cigarro, se quiser. Mas você sabe que isso me deixa doente.

Mais calmo depois da primeira tragada (ele estava ficando cada vez mais pálido, eu achava), Jesse disse:

– Isso vai continuar para sempre?

– O quê?

– Essa saudade da Rebecca.

Pensei em Paula Moors, um antigo caso que não deu certo; perdi seis quilos em duas semanas por causa dela.

– Vai continuar até você encontrar outra garota de quem goste tanto quanto gosta dela – eu disse.

– Não basta simplesmente arrumar outra namorada?

– Não.

– E se ela for uma pessoa legal? É o que minha mãe diz. Essa observação – com o implícito de que uma garota “legal” faria Jesse esquecer sua atração sexual por Rebecca – captava bem um lado de Maggie que era ao mesmo tempo encantador e irritante. Ali estava uma mulher que tinha lecionado numa escola de ensino médio na pequena comunidade rural de Saskatchewan e que, aos 25 anos, decidiu ser atriz, deixou o emprego, despediu-se com tristeza da família numa estação e veio para Toronto – a mais de três mil quilômetros de distância – para realizar seu sonho.

Quando a conheci, ela estava atuando num musical punk e tinha os cabelos tingidos de verde. Mas, de alguma forma, quando conversava com nosso filho sobre a vida dele, especialmente sobre o seu “futuro”, Maggie esquecia todas as suas experiências para se transformar numa conselheira simplória e conservadora ao extremo (“Talvez você devesse ir para uma colônia de férias este verão”). A preocupação dela com o bem-estar de Jesse anesthesiava sua inteligência, em geral intuitiva e considerável.

O que ela fez de melhor por Jesse foi por meio de exemplos, passando a ele uma gentileza democrática, o hábito de dar às pessoas o benefício da dúvida – algo que o pai dele, geralmente muito rigoroso e predisposto a uma expressão em tom condenatório, não tinha.

Para resumir, ela adoçava sua alma.

– Sua mãe tem boas intenções – eu disse –, mas está enganada a esse respeito.

– Você acha que eu estou viciado em Rebecca? – ele perguntou.

– Não no sentido literal.

– E se eu nunca mais encontrar uma garota que me atraia da mesma maneira?

Mais uma vez, pensei em Paula Moors e na forma como ela desapareceu da minha vida. Ela era morena e tinha os dentes ligeiramente tortos, o tipo de defeito que pode dar a uma mulher um *sex appeal* inesperado. Deus, como senti falta dela! Chorei por ela. Tinha sonhos horríveis com ela, que me despertavam no meio da noite e me deixavam suado a ponto de precisar trocar de camiseta.

– Você se lembra de Paula? – perguntei. – Você tinha 10 anos quando ela foi embora.

– Sim, ela costumava ler para mim.

– Eu achava que ia ficar obcecado por ela o resto da vida, não importando com quem eu estivesse. Que sempre pensaria *Tudo bem, mas ela não é a Paula*.

– E...?

Escolhi as palavras cuidadosamente, não querendo simplificar demais a questão.

– Não foi com a primeira mulher, nem a segunda, nem a terceira. Mas quando aconteceu, quando a química foi perfeita e as coisas funcionaram, nunca mais pensei em Paula.

– Você estava meio confuso nessa época.

– Você se lembra disso?

– Sim.

– O que lembra?

– Lembro que você dormia no sofá depois do jantar.

– Eu estava tomando pílulas para dormir. Um grande erro – eu disse.

Pausa. – Você teve que se virar sozinho algumas vezes, não foi?

Pensei naquela primavera horrível, o sol brilhante demais, eu caminhando sem rumo pelo parque, como um esqueleto, Jesse me olhando timidamente. Uma vez ele me disse, segurando minha mão: “Você está começando a se sentir melhor, não está, pai?” Um menino de 10 anos tendo que cuidar de seu pai. Deus do céu.

– Eu sou como aquele cara em *O Último Tango em Paris* – Jesse disse.

– Imaginando se a mulher dele fez com o cara de roupão lá embaixo as mesmas coisas que fez com ele. – Eu podia senti-lo olhando para mim com insegurança, sem saber para onde ir. – Você acha que ela fez? – perguntou.

Eu sabia em que ele estava pensando.

– Eu acho que não faz sentido pensar nessas coisas – respondi.

Mas ele precisava de mais do que isso. Seus olhos procuravam meu rosto, como se estivesse em busca de uma pequena pista. Eu me lembrei das noites em claro, pensando nas imagens mais pornográficas possíveis, imaginando Paula fazendo isso ou aquilo. Eu fazia isso para esgotar meus

nervos, para chegar mais rápido até a linha de chegada, até aquele ponto em que não faria mais diferença o que ela pudesse estar fazendo com suas mãos ou com sua boca. Etc. etc.

– Esquecer uma mulher é algo que requer seu próprio tempo, Jesse. É como o tempo de crescimento das unhas. Você pode fazer o que quiser, tomar calmantes, conhecer outras garotas, frequentar a academia, não frequentar a academia, beber, não beber, nada parece fazer muita diferença. Nada disso faz as coisas *passarem mais rápido*.

Ele olhou para o outro lado da rua. Nossos vizinhos chineses estavam cuidando do jardim e conversando em voz alta.

– Eu deveria ter esperado até arrumar outra namorada – ele disse.

– Aí ela poderia lhe dar um pé na bunda primeiro. Pense nisso.

Ele olhou para a frente por um segundo, com os cotovelos apoiados nos joelhos, imaginando Deus sabe o quê.

– O que acha de eu ligar para ela?

Abri a boca para responder. Então me lembrei de um dia cinzento de fevereiro em que acordei cedo, depois de Paula ter partido. A neve escorria pela janela, e eu pensava que acabaria enlouquecendo diante do dia interminável que teria pela frente. *Você está lidando com material delicado. Aja suavemente.*

– Você sabe o que ela vai fazer, não sabe?

– O quê?

– Punir você. Ela vai lhe dar cada vez mais corda, e quando você se sentir à vontade, vai enforcá-lo.

– Você acha?

– Ela não é estúpida, Jesse. Ela sabe exatamente o que você quer. E não dará isso a você.

– Eu só quero ouvir a voz dela.

– Duvido – eu disse, mas então olhei para seu rosto angustiado e senti a tensão que parecia dominar seu corpo inteiro. Suavemente, continuei: – Acho que você vai se arrepender se começar a se encontrar com ela de novo. Você está quase conseguindo...

– Quase conseguindo o quê?

– Superar Rebecca.

– Não estou não. Não estou *nem perto* disso.

– Você está mais perto do que imagina.

– Como você pode saber? Não quero ser grosseiro, pai, mas como você pode saber?

– Porque passei por isso milhões de vezes, é assim que posso saber – eu disse, rispidamente.

— Eu nunca vou conseguir superar Rebecca — ele retrucou, entregando-se ao desespero.

Eu sentia algumas pontadas de irritação, que brotavam como suor na minha pele. Não porque Jesse estivesse me questionando, mas porque ele estava infeliz e eu não podia fazer nada, nada mesmo, para aliviá-lo. Isso me fazia sentir raiva dele, como quando a gente tem vontade de sacudir uma criança porque ela caiu e se machucou. Ele me deu uma olhadela, do tipo que eu conhecia bem havia muitos anos, um olhar preocupado que significava “Ah, não, ele está ficando zangado comigo...”.

— É como um sujeito que tenta parar de fumar — eu disse. — Passa um mês, ele enche a cara e pensa: “Quer saber?” Só no meio do segundo cigarro é que lembra por que tinha parado. Mas agora já está fumando de novo. Então, ele ainda precisará percorrer um longo caminho até voltar ao ponto em que estava antes de começar a fumar.

Jesse colocou sua mão no meu ombro, de forma amigável e carinhosa, e disse:

— Eu também não consigo parar de fumar, pai.

Passados poucos dias, eu fui jantar com Maggie. Fui de bicicleta até sua casa em Greektown, no início da noite, mas depois de comer e de beber vinho não quis correr o risco de pedalar de volta, embriagado, pela ponte. Então decidi pegar o metrô, com a bicicleta a reboque.

Não era uma viagem longa, apenas dez ou quinze minutos, mas eu já tinha feito aquele percurso tantas vezes que ficava terrivelmente entediado, e lamentei não ter levado um livro para ler. Olhava para meu reflexo no vidro da janela, para os outros passageiros que entravam e saíam, para os túneis, e de repente quem vejo? Paula Moors. Ela estava sentada de frente para mim, cinco ou seis fileiras adiante, no mesmo vagão do metrô. Não sabia há quanto tempo estava ali, nem em que estação havia embarcado. Olhei seu rosto por um momento, o nariz agudo, a arcada proeminente (alguém me dissera que ela colocara aparelho). O cabelo estava mais comprido agora, mas, de resto, não havia mudado tanto, desde a época em que me dissera aquelas palavras terríveis: “Acho que não estou apaixonada por você.” Que frase! Que escolha de palavras!

Durante seis meses, talvez um ano, já não lembro, senti sua falta com a aflição de uma dor de dente. Tínhamos cometido tantas intimidades no meio da noite, tínhamos dito tantas coisas secretas, e agora estávamos ali, nós dois, calados, no mesmo vagão do metrô. O que teria um sabor trágico quando eu era mais jovem — mas que agora parecia, sei lá, um fato normal da vida. Nada fantástico, nem indecente, nem engraçado, apenas algo comum: o mistério de alguém entrando e saindo de nossa vida, afinal, desmistificado. (Essas pessoas acabam indo para algum lugar.)

E como, eu pensava (enquanto uma mulher de traços indianos descia na estação de Broadview), como poderia fazer Jesse entender isso, como poderia acelerar os próximos meses da vida dele, o próximo ano, talvez, até aquele ponto maravilhoso em que você acorda e não sente mais a falta dela (aquela dor de dente sumiu), mas simplesmente boceja, põe as mãos atrás da cabeça e pensa “Preciso fazer uma cópia da chave de casa. É arriscado ter apenas uma chave”, ou algo parecido. Pensamentos lindamente banais e libertadores (será que eu fechei a janela do quarto?), que só aparecem quando a dor da queimadura já passou, e até a lembrança dela é tão remota que você não consegue entender por que aquilo durou tanto tempo, ou qual o sentido daquele sofrimento. (Olhe, o vizinho está plantando uma bétula nova!)

Como se a corrente que o prendia à âncora tivesse partido (você não consegue lembrar exatamente onde e quando, ou o que estava fazendo), você percebe de repente que seus pensamentos estão novamente sob

controle; sua cama não parece mais vazia, mas simplesmente sua, sua para dormir, ler o jornal ou... Ei, o que eu estava mesmo planejando fazer hoje? Ah, fazer a cópia da chave, claro! Sim!

Como conduzir Jesse até esse ponto?

Então, olhando novamente à minha volta, no vagão do metrô (uma jovem devorava um pacote de batatas fritas), reparei que Paula tinha ido embora. Tinha descido em alguma estação. Ligeiramente surpreso, me dei conta de que havia esquecido que ela estava lá, nós dois no mesmo vagão do metrô, atravessando túneis escuros, estávamos com a cabeça *em outro lugar* – estou certo de que isso se aplicava a ela também –, a ponto de ficarmos indiferentes à presença um do outro, e isso numa questão de cinco minutos. Não é... Qual a palavra? Não é *estranho*? Imagino que esta seja a palavra adequada. Mas mesmo esse pensamento foi imediatamente esquecido. Enquanto eu atravessava a plataforma, carregando minha bicicleta, o metrô se afastou de mim, e eu reparei que a moça das batatas fritas usava aparelho nos dentes. Ela mastigava com a boca aberta.

Jesse certa vez acordou antes do meio-dia, um acontecimento que eu celebrei mostrando a ele *007 Contra o Satânico Dr. No* (1962). Foi o primeiro filme de James Bond.^[4] Tentei explicar a ele a excitação que os primeiros filmes de Bond causavam, quando eram lançados. Eles pareciam tão urbanos, tão picantes. Quando você é muito jovem, os filmes têm um impacto diferente, expliquei; proporcionam uma experiência imaginativa de um modo que é difícil recapturar quando se fica mais velho. Você “compra” o filme de um jeito que mais tarde se torna impossível.

Quando vou ao cinema hoje em dia, estou consciente de tantas coisas: o sujeito algumas filas atrás, conversando com a mulher, ou alguém que acaba de comer sua pipoca e amassa o saquinho; estou consciente da edição e dos diálogos ruins, dos atores de segunda categoria. Às vezes, vejo uma cena com um monte de figurantes e me pergunto: será que eles são atores de verdade, gostam de fazer figuração ou estão tristes porque não têm um papel de verdade? Por exemplo, na central de comunicações de *007 Contra o Satânico Dr. No*, logo no início do filme, vemos uma garota: ela tem uma ou duas falas e não volta a aparecer no resto do filme. Pensando alto, perguntei a Jesse o que ele achava que tinha acontecido com toda aquela gente que aparecia nas cenas de multidão, ou de festas. O que teriam feito da vida? Será que desistiram de atuar e mudaram de profissão?

Tudo isso interfere na experiência de ver um filme. Antigamente, podiam disparar uma pistola bem do lado da minha cabeça e isso não teria

perturbado minha concentração, meu envolvimento com o filme que se desenrolava à minha frente. Eu volto aos filmes antigos não apenas para revê-los, mas também com a esperança de reviver as sensações de quando os vi pela primeira vez. (Isso não se aplica apenas aos filmes, mas a tudo na vida.)

Jesse parecia estar tremendo quando veio para a varanda. Já era novembro de novo, estávamos a poucos dias de seu aniversário de 18 anos. Como isso era possível? Dava a impressão de que ele fazia aniversário de quatro em quatro meses, como se o tempo estivesse realmente acelerando – e me empurrando diretamente para a cova!

Perguntei a ele sobre a noite; sim, correrá tudo bem, mas nada de especial. Foi ver um amigo. A-hã. Que amigo? Pausa.

– Dean.

– Eu não conheço Dean, conheço?

– É só um camarada.

Camarada? (Quando você ouve palavras que não combinam com quem as está dizendo, dá vontade de chamar a polícia.) Jesse sabia que eu o estava observando.

– E o que vocês fizeram?

– Nada demais. Vimos televisão. Foi meio chato.

Havia nas suas respostas a sensação de que ele estava tentando ficar fora do alcance de um radar, como se quisesse evitar ficar preso na conversa como uma unha num agasalho. Uma mulher com o rosto precocemente envelhecido passou pela calçada.

– Ela devia pintar o cabelo – Jesse disse.

– Você está parecendo um pouco debilitado hoje – falei. – O que vocês beberam na noite passada?

– Só cerveja.

– Nenhum destilado?

– Só um pouco, sim.

– Que tipo?

– Tequila.

– Tequila provoca uma ressaca forte – eu disse.

– Com certeza.

Outro silêncio. Era um dia estranhamente parado. O céu estava como um quadro, sem movimento.

– E rolou algum tipo de droga junto com a tequila, na noite passada?
– perguntei.

– Não – ele disse, hesitante. E depois: – Sim, rolou.

– Que tipo de droga, Jesse?

– Eu não quero mentir para você, certo?

– Certo.

Pausa. Preparar... Arremessar!

– Cocaína.

A mulher de rosto envelhecido passou de volta, carregando uma sacola de compras do supermercado.

– Estou me sentindo péssimo – ele disse.

Por um momento, achei que ia se desmanchar em lágrimas.

– Cocaína pode deixar você se sentindo muito sórdido – eu disse, devagar, e coloquei minha mão no seu ombro magro.

Ele se endireitou rapidamente, como se respondesse ao seu nome numa chamada.

– É isso, é exatamente isso. Eu estou me sentindo muito sórdido.

– E onde foi isso, na casa de Dean?

– O nome dele não é Dean. – Pausa. – É Choo-choo. *Que raio de nome é esse?*

– Como esse tal de Choo-choo ganha a vida? – perguntei.

– Ele é um rapper branco.

– Ah, é?

– É. Sério.

– Ele é um músico profissional?

– Não exatamente.

– Então ele é um traficante de coca?

Outra pausa. Um novo reagrupamento de tropas que havia muito levantaram acampamento.

– Eu voltei à casa dele na noite passada. Ele não parava de trazer mais.

– E você continuou usando?

Ele fez que sim, olhando envergonhado para o outro lado da rua.

– Você já tinha ido à casa desse Choo-choo antes?

– Não quero falar sobre isso agora, na verdade.

– Não me interessa se você não quer falar sobre isso agora. Você já tinha ido à casa do Choo-choo antes?

– Não. Sério.

– Já tinha usado cocaína antes?

– Não desse jeito.

– Não *desse jeito*?

– Não.

– Nós já não tínhamos conversado sobre esse assunto? – eu disse, após um momento.

– Sobre cocaína?

– Você sabe do que estou falando.

– Sim, tínhamos.

– Eu disse que se pegasse você com drogas nosso acordo estaria desfeito. Aluguel, mesada, tudo isso, acabado. Você se lembra disso?

– Sim.

– Você achou que eu estivesse brincando?

– Não, mas tem uma coisa, pai. Você não me *pegou*. Fui eu que contei a você.

Não encontrei uma resposta imediata para isso. Depois de um tempo, falei:

– Você telefonou para alguém? Ele pareceu surpreso:

– Como você sabe?

– É o que as pessoas fazem quando cheiram cocaína. Pegam o telefone. E estão sempre querendo se desculpar. Para quem você ligou? Foi para Rebecca?

– Não.

– Jesse, fale a verdade.

– Eu tentei ligar, mas ela não estava. – Ele se debruçou para a frente na cadeira. – Por quanto tempo isso vai continuar?

– Quanto você usou?

– A noite inteira. Ele não parava de trazer mais.

Eu entrei em casa e peguei um comprimido para dormir, no armário de remédios, e o levei para Jesse, com um copo d'água.

– Você não vai fazer isso de novo, entendeu? – eu disse. – Se fizer isso de novo, vai ter que sofrer as consequências. – Dei a ele o comprimido e mandei-o engolir.

– O que é isso? – Jesse perguntou.

– Não importa.

Esperei ele engolir até ter de volta sua atenção.

– Nós não vamos conversar sobre isso agora, combinado? Entendeu o que estou dizendo?

– Sim.

Fiz companhia a Jesse até ele se sentir sonolento. Ele começou a falar de forma arrastada.

– Você se lembra daquele trecho de *Sob o Vulcão*? – ele perguntou. – Quando o cônsul está de ressaca e imagina escutar as pessoas passando do lado de fora de sua janela, chamando seu nome com desdém?

Eu disse que lembrava, sim.

– Aconteceu a mesma coisa comigo, esta manhã. Logo que acordei.

Você acha que eu vou acabar ficando igual àquele cara?

– Não.

Então ele entrou e subiu as escadas. Eu o chamei e disse:

– Você vai se sentir um pouco deprimido quando acordar.

– Você está zangado comigo?

– Sim. Estou.

Fiquei em casa naquela tarde. Ele desceu algumas vezes, depois que escureceu. Estava faminto. Pedimos comida no Chicken Chalet. Quando terminamos de comer, ele limpou a boca e os dedos com um guardanapo e foi se deitar no sofá.

– Eu disse algumas coisas bem estúpidas na noite passada – ele falou. E continuou, como se precisasse torturar a si mesmo: – Eu estava achando que era algum tipo de estrela do rock ele resmungou. – Você já fez algo parecido?

Não respondi. Eu sabia que ele estava querendo me atrair para uma espécie de cumplicidade. Mas eu não estava a fim de brincar.

– Estava começando a clarear quando saí da casa de Choo-choo – ele disse. – Havia caixas vazias de pizza espalhadas por toda parte naquela merda de apartamento. Desculpe minha linguagem, mas era um verdadeiro chiqueiro. Eu me olhei no espelho. Você sabe o que eu estava usando? Uma espécie de bandana em volta da cabeça.

Ele ficou ponderando tudo aquilo por algum tempo.

– Não conte nada para minha mãe, está bem?

– Não vou esconder nada de sua mãe, Jesse. Quando você me contar alguma coisa, eu vou contar a ela.

Ele reagiu calmamente, assentindo com a cabeça, devagar. Sem surpresa, sem resistência. Não sei em que ele estava pensando; lembrando algo que tinha falado na noite da véspera, talvez, alguma atitude grotesca, alguma vaidade que é sempre mais prudente guardar para si. Mas eu queria deixar sua alma mais leve, varrer aquelas imagens de caixas de pizza e apartamentos sujos e todas as coisas feias que devem ter passado pela cabeça dele enquanto voltava para casa, de metrô, com o dia nascendo, cercado de pessoas bem-dispostas e despertas para um novo dia. Eu tinha vontade de virar Jesse pelo avesso e limpar todas aquelas impurezas com água quente.

Mas quanto ele *era* realmente feliz lá dentro? Me perguntei. Aquele rapaz de andar desengonçado. Será que faço alguma ideia de como aqueles quartos fechados dentro dele *realmente* se parecem? Às vezes acredito que sim, mas em outros momentos, quando o escuto falar ao telefone, em seu quarto, percebo algo estranho em sua voz, uma dureza, às vezes até um toque de maldade, e me pergunto: este é ele? Ou é apenas uma atitude

fingida? Ou a atitude fingida é a forma como ele se mostra *para mim*? Quem era aquele rapaz cheirando cocaína no apartamento sujo, se comportando como um roqueiro idiota e rebelde? Eu *conhecia* aquele cara?

– Tenho uma coisa para mostrar a você – eu disse, e liguei o aparelho de DVD.

Numa voz muito frágil, de quem não quer criar problemas com ninguém, uma voz de quem espera ser esbofeteado por estranhos a qualquer momento, Jesse disse:

– Eu não acho que esteja em condições de ver um filme agora, pai.

– Sei disso. Então só vou mostrar a você *uma cena*. É de um filme italiano. O filme preferido de minha mãe. Ela costumava ouvir a trilha sonora o tempo inteiro, em nossa casa de veraneio. Eu chegava do cais, escutava aquela música saindo da casa e sabia que minha mãe estava no deque, escutando o disco, enquanto bebia um gim-tônica. Sempre penso nela quando escuto essa música. E, não sei por quê, ela sempre me deixa feliz. Aquele deve ter sido um bom verão.

“Enfim, só quero mostrar a você a cena final do filme. Acho que vai entender bem rápido por quê. O personagem, interpretado por Marcello Mastroianni, andou enchendo a lata e se metendo em confusões, basicamente arruinando sua vida, noite após noite, e ele acaba vendo o nascer do sol numa praia, com um grupo de pessoas que saíam de uma festa. Você me fez lembrar dessa cena com aquela história de caixas de pizza espalhadas pelo apartamento de Choo-choo.

“Então lá está ele, na praia, de ressaca, ainda com roupa de festa, e ele escuta uma garota chamando seu nome. Ele se vira para ela, olha seu rosto, mas não consegue ouvir o que ela está dizendo. Ela é tão bonita, tão pura, é como uma encarnação do mar e daquela manhã radiante, ou talvez a encarnação de sua própria infância. Quero que você preste atenção nessa cena e se lembre dela. A vida desse cara já está na descendente; ele sabe disso, e a garota na praia também. Mas *você*, Jesse, sua vida só está começando, você tem tudo pela frente. Você não precisa estragá-la.”

Coloquei no aparelho de DVD *A Doce Vida* (1960), de Federico Fellini, e avancei até a cena final, com Marcello Mastroianni andando na areia e a garota a cem metros dele chamando seu nome, do outro lado da correnteza. Ele dá de ombros, gesticula com as mãos: “Não estou entendendo”, diz. Então volta a caminhar, se afastando: os amigos o estão esperando. Ele acena para a garota, se despedindo, de um jeito engraçado, com a ponta dos dedos. É como se a mão dele estivesse congelada. *Ele* está congelado. A garota o observa se afastar; ela ainda está sorrindo, primeiro de forma suave, com compreensão, depois com firmeza. Ela parece estar dizendo: “Tudo bem, se você quer assim.” Mas então, muito devagar, ela volta o olhar

diretamente para a câmera. E você?, aquele olhar diz para o espectador. E a sua vida?

A única coisa que quero dizer sobre cocaína é que, com ela, tudo sempre acaba mal: eu disse.

Na manhã seguinte, vimos *A Felicidade não se Compra* (1946), de Frank Capra. Eu sabia que Jesse ia odiar o filme no começo, com aquelas interpretações exageradas, aquela falsidade, aquela amabilidade consciente de James Stewart. Jesse não engoliria nada daquilo. Particularmente naquele estado, enxergando o mundo como uma espécie de – como poderíamos dizer hoje em dia?, ah!, sim –, enxergando o mundo como uma espécie de “depósito de lixo em liquidação”.

Mas quando o filme começou a se tornar sombrio, e James Stewart também (ele pode ser desconcertante, como alguém que joga um drinque na sua cara durante a festa dos seus pais), Jesse se interessou, a contragosto. Ele precisava saber como aquela história ia terminar, para seu próprio bem, porque num determinado momento aquela se tornaria *sua* história. E será que alguém – até mesmo um adolescente deprimido com ressaca de tequila e cocaína – consegue resistir às cenas finais desse filme?

Jesse arranhou um emprego de lavador de pratos num restaurante da avenida St. Clair, bem perto do bairro onde passei a infância. O aprendiz de cozinheiro, um jovem alto de bochechas vermelhas, conseguiu o trabalho para ele. Jack alguma coisa. Um “rapper” (parecia que todo mundo era rapper). Ainda não sei seu sobrenome, mas às vezes, após o turno da noite, eles apareciam na nossa casa em Chinatown; dava para ouvi-los improvisando, fazendo rimas e “sendo maus” no porão. Letras incrivelmente violentas e vulgares (para não dizer copiadas). É preciso começar por algum lugar, imaginei. Seria inútil mostrar a eles “I Want to Hold Your Hand”.

Eu não acreditava que Jesse fosse aguentar quatro dias lavando louças. *Un plongeur*. Não que ele fosse preguiçoso, ou fresco, mas aquele era o trabalho mais sem prestígio na hierarquia do restaurante, oito horas de pratos sujos e panelas cheias de gordura – e eu simplesmente não conseguia imaginar Jesse saindo da cama, se vestindo e pegando o metrô para fazer aquilo até meia-noite.

Mas eu estava errado, mais uma vez, como frequentemente acontece em relação a filhos. Você acha que os conhece melhor do que ninguém, depois de tantos anos perto deles, em tantos momentos tristes, felizes, preocupados. Mas não conhece. No final eles sempre mostram alguma coisa

escondida na manga, que a gente nem sequer imaginava existir.

Seis semanas depois, eu mal podia acreditar — ele apareceu em casa com aquele seu andar feliz e pesado e disse: “Fui promovido!” O que aconteceu foi que Jack havia pedido demissão para trabalhar em outro restaurante, e ele, Jesse, agora era o novo aprendiz de cozinheiro. Algo em mim relaxou, em relação a ele. Difícil explicar. Talvez a simples constatação de que, se fosse preciso, ele podia marcar um gol mesmo num emprego péssimo como aquele (diferentemente do pai).

Chegou o inverno, e a escuridão, que começava mais cedo, tingia as janelas. No meio da noite, percebi uma fina camada de neve sobre os telhados, o que dava às casas um ar de conto de fadas, como doces na vitrine de uma loja. Se um pedestre se aproximasse das janelas do meu porão após a meia-noite, poderia ouvir as vozes de dois jovens altos e zangados, cozinheiros durante o dia e rappers à noite, dando voz à indignação de crescer num gueto, usando heroína, assaltando lojas, vendendo armas: papai é traficante, mamãe é uma prostituta viciada em crack. Um retrato perfeito da infância de Jesse! (Por sua vez, o pai de Jack era um evangélico recém-convertido e assíduo frequentador da igreja.)

De onde eu ficava, no topo das escadas do porão (escutando quase clandestinamente), não podia deixar de perceber que a música deles estava começando a soar — não sei ao certo — legal. Eles tinham uma boa química, aqueles garotos compridos, com suas roupas largas. Meu Deus!, pensei, talvez ele tenha mesmo talento.

Em uma noite clara e fria, uma aura de entusiasmo subia do porão. Música alta, vozes estridentes. O Corrupted Nostalgia [Nostalgia Corrupta] (era assim que eles chamavam a si mesmos agora) estourou escada acima, usando bonés de beisebol, bandanas, calças largas, óculos escuros e agasalhos tamanho gigante, fechados. Dois caras muito maus a caminho de sua primeira apresentação.

Eu podia ir junto?

Sem chance. Nem a mais *remota* possibilidade.

E lá foram eles, tocar em algum lugar, Jesse com a cabeça inclinada para trás, como um negro ao falar com um policial de Los Angeles.

E, muito rapidamente, me pareceu, eles fizeram outras apresentações, e mais outras, em clubes imundos com pé-direito baixo e cheios de fumaça de cigarro.

— O que você acha das nossas letras? — Jesse me perguntou um dia. — Sei que já ouviu.

Eu sabia que esse momento estava para chegar havia semanas. Fechei os olhos (metaforicamente) e mergulhei.

– Acho que são excelentes!

(Apenas o estimule, guarde a poesia de T. S. Eliot para si mesmo.)

– Sério? – Seus olhos castanhos me examinaram, procurando algum traço de falsidade.

– Posso dar uma sugestão? – perguntei.

Uma sombra de desconfiança passou pelo rosto dele. Cuidado com o que vai dizer. Esse é o tipo de comentário que as pessoas lembram – e sobre os quais escrevem a respeito – cinquenta anos depois.

– Talvez você devesse tentar escrever sobre alguma coisa mais próxima da sua própria vida – eu disse.

– Como o quê?

Fingi refletir por um momento. (Eu tinha ensaiado essa parte.)

– Alguma coisa que provoque em você sentimentos fortes.

– Por exemplo?

– Por exemplo... Ahn... Rebecca Ng.

– O quê?

– Escreva sobre Rebecca.

– Pai!

Ele usou o tom de voz que a gente usa para repreender um tio bêbado que quer pegar o carro da família para dar um giro na noite.

– Você sabe o que Lawrence Durrell disse, Jesse. Se quiser se recuperar da perda de uma mulher, transforme-a em literatura.

Algumas semanas depois, eu estava perto da escada quando ouvi Jesse e Jack conversando sobre onde iriam tocar naquele dia. Seria depois da meia-noite (com meia dúzia de outras apresentações), num lugar ao qual eu fora uns trinta anos atrás, para pegar garotas.

Esperei até depois das onze e meia, então saí de casa, no ar gelado. Atravessei o parque (eu me sentia como um ladrão), cruzei o bairro de Chinatown (era noite de coleta de lixo, havia gatos por toda parte), então subi uma rua que dava na porta do clube. Uns dez jovens estavam parados em frente, fumando cigarros e soltando baforadas de fumaça, rindo ruidosamente, cuspidando no meio da rua. Eles estavam sempre cuspidando.

Lá estava Jesse, bem mais alto que a maioria de seus amigos. Entrei numa cafeteria do outro lado da rua, de onde podia observar tudo sem ser percebido. Era uma noite de sábado em Chinatown. Dragões verde-florescente, fogos, lanchonetes 24 horas com aquela horrível iluminação fluorescente. Do outro lado da rua, os mendigos da cidade zanzavam em frente a uma missão de caridade, com seus cobertores.

Passaram cinco minutos, depois quinze; um dos rapazes se inclinou

para a frente — ele parecia estar falando com alguém na escada, do lado de dentro do clube. Então Jack apareceu, com seu rosto redondo e muito vivo. Parecia um corista. Todos os rostos se viraram para ele. Ouvi alguns aplausos e assovios vindos de dentro do clube. De repente todo mundo entrou, com pressa, e o último rapaz atirou o cigarro no meio da rua depois de uma última tragada.

Esperei até não haver perigo e então atravessei a rua movimentada. Subi as escadas cautelosamente. Dava para sentir a atmosfera diferente, mais quente e pesada (com cheiro de cerveja e cigarro), a cada passo. De uma sala nos fundos vinha uma música gravada: as apresentações ainda não tinham começado. Espere do lado de fora até eles começarem, depois entre. No alto da escada, virei num corredor e dei de cara com um jovem falando num telefone público. Ele me olhou bem nos olhos. Era Jesse.

— Eu ligo de volta — ele disse no aparelho, e desligou. — Pai! — falou, como se estivesse me cumprimentando. Ele se aproximou, sorrindo, mas bloqueando com o corpo a passagem. Eu dei uma olhada por cima dos seus ombros.

— Então é este o lugar? — perguntei.

— Você não pode entrar esta noite, pai. Outro dia, talvez, mas hoje não.

Ele me pegou pelo braço gentilmente, e nós dois começamos a descer as escadas.

— Eu acho que os Rolling Stones tocaram aqui — falei, olhando para trás com esperança, enquanto o braço de Jesse continuava me puxando (como ele é forte!) para baixo, até chegarmos na calçada.

— Não posso ficar para ouvir só uma música? — pedi.

— Amo você, pai, mas esta não é sua noite — ele disse. (Eu já não tinha ouvido essa última frase em *Sindicato de Ladrões*, quando Brando conversa com seu irmão no banco traseiro de um táxi?) — Outro dia, eu prometo — encerrou ele.

Quando me deitei na cama sorratamente, vinte minutos depois, minha mulher falou, virando-se para mim na escuridão:

— Ele pegou você, não foi?

Foi uma observação casual, que Jesse fez uma noite. Nós estávamos caminhando para casa, depois de jantar, e paramos por um momento em frente a uma casa precária de um andar, onde tínhamos morado quando ele ainda era uma criança de cabelo ruivo e tinha uma namoradinha no final da rua.

– Você sempre para aqui? – perguntei.

– Não, na verdade não gosto muito dessa casa desde que outras pessoas passaram a morar nela. Dá a sensação de que foi invadida.

A casa não tinha mudado nada em nenhum canto – até a cerca de estacas malconservada permanecia na entrada.

– Eu nem lembrava que a casa era tão pequena. Quando era criança, parecia enorme – Jesse disse.

Ficamos ali mais um tempo, falando sobre a mãe dele e lembrando o dia em que foi preso por pichar o muro da escola do outro lado da rua. Depois, cheios de nostalgia, retomamos o caminho de casa.

Naquela noite, ainda sob o efeito da nossa conversa, fui até a locadora e peguei *American Graffiti – Loucuras de Verão* (1973), de George Lucas. Não disse a Jesse sobre o que era o filme – sabia que ele ia reclamar, ou ia pedir para olhar o CD e acharia, na caixa, algo de que não gostasse ou que fizesse o filme parecer “antiquado demais”. Eu não revia *Loucuras de Verão* havia anos, e receava que seu encanto e brilho tivessem desbotado com o tempo. Mas estava enganado. É um filme cativante, e até mesmo profundo, de uma forma que inicialmente me escapou. (Filmes bons são mais intelectualizados do que eu costumava pensar, pelo menos na sua concepção.)

Loucuras de Verão não trata apenas de um grupo de jovens numa noite de sábado. Quando o personagem de Richard Dreyfuss vai parar na estação de rádio local, há um momento maravilhoso: ele vê o locutor Wolfman Jack em ação, com sua voz grave. Dreyfuss de repente percebe o que o centro do universo *realmente* significa: não é um lugar específico, é a materialização do desejo de nunca perder nada – em outras palavras, não é um lugar aonde se possa *ir*, mas um lugar onde se quer *estar*. E eu adorei a fala do motociclista, quando ele diz que antigamente gastava um tanque inteiro de gasolina para “rodar” a cidade, mas que agora ele só levava cinco minutos. Sem ter consciência disso, ele está falando do fim da infância. O mundo foi sacudido, enquanto a gente olhava para o outro lado. (Como aconteceu com aquela casa precária, para Jesse.)

Eu não queria exagerar no elogio comparando *Loucuras de Verão* a Marcel Proust, mas de que outra maneira se pode entender aquela garota

bonita no Thunderbird, que a toda a hora aparece e desaparece do campo de visão de Dreyfuss, senão como um exemplo da reflexão proustiana de que o desejo e a posse são mutuamente excludentes, já que para aquela garota continuar sendo a garota ela precisa estar sempre fugindo?

– Pai, você acha que isso é verdade? Que não dá para ter e desejar uma mulher ao mesmo tempo? – Jesse perguntou.

– Não, não acho. Mas eu costumava achar, quando tinha sua idade. Não conseguia levar a sério por muito tempo alguém que realmente gostasse de mim.

– E o que mudou?

– Minha capacidade de sentir gratidão, por exemplo.

Ele ficou olhando para a tela apagada da televisão, distraído.

– Rebecca Ng é como a garota do Thunderbird, certo?

– Sim, mas você deve lembrar que isso funciona para os dois lados. Como você acha que sua ex-namorada Claire Brinkman, aquela dos patins, passou a enxergar você, depois que terminou com ela?

– Como um *cara* num Thunderbird?

– Provavelmente.

– Mas, pai, isso não significa que, se eu não tivesse terminado o namoro, ela não teria gostado tanto assim de mim?

– Significa que o fato de você não estar mais disponível pode ter feito ela gostar mais de você do que gostaria naturalmente.

Outra pausa pensativa.

– Eu não acredito que faça diferença para Rebecca Ng se estou disponível ou não.

– Tomara que não – eu disse, e passamos a falar de outros assuntos.

Uma vez perguntei a David Cronenberg se ele tinha “prazeres culpados” no cinema – isto é, filmes que ele sabia serem um lixo, mas dos quais gostava mesmo assim. Preparei o terreno para a resposta dele admitindo meu fraco por *Uma Linda Mulher* (1990), com Julia Roberts. Não existe no filme uma cena verossímil sequer, mas é uma história tão envolvente, contada de forma tão eficaz, com uma cena agradável atrás da outra, que mesmo sendo um filme idiota ele prende a atenção.

“Canais de televisão cristãos”, Cronenberg respondeu, sem pestanejar. Algo naqueles pastores evangélicos de bochechas rosadas, falando para uma multidão de fiéis, o hipnotizava.

Com receio de que o clube do filme estivesse ficando um pouco esnobe

(nós vimos cinco filmes seguidos da *nouvelle vague*), elaborei uma lista de prazeres culpados para assistirmos na primeira semana de fevereiro. Queria desviar Jesse do lugar-comum que é não ser capaz de encontrar prazer num filme bobo. É preciso aprender a se entregar a essas coisas.

Começamos com *Rocky III – O Desafio Supremo* (1982). Chamei a atenção de Jesse para o apelo barato, mas irresistível, do personagem Mr. T, suado, fazendo flexões e supinos em seu cubículo. Nada de pratos com guarnições de leito de cogumelos, nada de cappuccinos afrescalhados para ele! Em seguida vimos *Um Lance no Escuro*, de Arthur Penn, um filme *noir* de 1975 com Gene Hackman, no qual Melanie Griffith, aos 18 anos, faz o papel de uma ninfeta sedutora. Olhando a garota a distância, seu namorado “mais velho” diz a Hackman: “Isso devia ser proibido.” Ao que Hackman responde, sem mudar de expressão: “E é.”

Então vimos *Nikita – Criada para matar* (1990). Um filme ridículo sobre uma garota bonita e viciada que é transformada numa pistoleira a serviço do governo. E, no entanto, tem alguma coisa nesse filme – um certo apelo incompreensível, talvez ligado ao seu charme visual. Luc Besson era um jovem diretor francês promissor, que parecia ter uma compreensão visceral de onde colocar a câmera, criando uma experiência visual tão impactante, e com tanto charme, que a gente o perdoa pela tolice e pelo absurdo da história.

Observe como o filme começa – três caras subindo uma rua, arrastando um companheiro. É como um videoclipe de rock, ou como as alucinações lisérgicas de Gary Cooper em *Matar ou Morrer*. Preste atenção nos cortes e enquadramentos: na cena do tiroteio na farmácia, praticamente dá para sentir o deslocamento de ar provocado pelas balas.

Mas *Nikita* foi apenas um aquecimento. Agora que estávamos preparados para isso, mostrei o campeão dos prazeres culpados, um verdadeiro lixo que faz você se sentir envergonhado por assistir na sua casa. O horrível, incompetente e doentio *Showgirls* (1995), de Paul Verhoeven, é um filme do qual não se salva nada. Faz os espectadores balançarem a cabeça de incredulidade – a pergunta que eles se fazem é: O que pode acontecer *de pior* na cena seguinte, nessa história de uma garota que sai de casa (e que casa!) para trabalhar como dançarina em Las Vegas? Há um bocado de nudez, é verdade, mas no final do filme nem se presta mais atenção nisso, é impossível.

“*Showgirls*”, eu disse a Jesse, “é uma tolice cinematográfica, um prazer culpado sem sequer uma boa atuação.”

Quando o filme foi lançado, foi recebido com uivos de descrédito e desprezo, tanto da parte da crítica quanto do público. Abortou a carreira de sua protagonista, Elizabeth Berkley, antes mesmo de ela ter começado. O

ator veterano Kyle MacLachlan (de *Veludo Azul*, 1986) desgraçou a si mesmo, com um desempenho sofrível como o bigodudo “diretor de entretenimento”. Do dia para a noite, *Showgirls* entrou no topo da lista dos dez piores filmes de 1995 de todas as pessoas. As exhibições se tornaram interativas, já que a plateia gritava ofensas em direção à tela.

O golpe de misericórdia veio da comunidade gay de Nova York, quando *drag queens* promoveram reencenações do filme, nas quais sincronizavam suas bocas com o áudio de *Showgirls*, enquanto a obra-prima original era exibida numa tela ao fundo. Foi simplesmente a coisa mais engraçada desde *Mamãezinha Querida* (1981), com Faye Dunaway.^[5]

Eu disse a Jesse que contasse o número de vezes em que a senhorita Berkley sai correndo da sala, indignada. Chamei sua atenção também para a cena em que ela puxa uma navalha para o motorista de táxi. Uma atuação muito especial.

– Terribilidade instrutiva— disse Jesse. Seu vocabulário estava melhorando.

– *Showgirls* – concluí – é um filme que transforma cada um de nós num proctologista. Algumas pessoas insistem que *Plano 9 do Espaço Sideral* é o pior filme de todos os tempos, mas isso já virou um clichê. Meu voto vai para *Showgirls*.

Mais ou menos na hora em que a senhorita Berkley estava lambendo uma estaca de aço e tirando a roupa, percebi que tinha falado mais sobre esse filme do que sobre *Os Incompreendidos* e toda a *nouvelle vague*...

Continuamos a programação de prazeres culpados assistindo a *A Força em Alerta* (1992), uma tolice que reúne dois vilões, Gary Busey e Tommy Lee Jones, ambos excelentes atores, ambos com papéis horrorosos. Um verdadeiro desperdício. Dá a nítida impressão de que, nos intervalos das filmagens, os dois rolavam no chão de tanto rir. Eu disse a Jesse que prestasse atenção na cena em que Busey, que está sendo acusado de afogar seus companheiros de navio, responde: “Eles não gostavam de mim, de qualquer forma.”

Para concluir, alugamos alguns episódios do seriado de televisão *Os Waltons* (1972-81). Eu queria que Jesse ouvisse aqueles monólogos que vinham no final de cada episódio, com o narrador fazendo um balanço das coisas, em tom memorialístico, de uma perspectiva adulta. Por que aquilo era tão eficaz?, perguntei a ele.

– Ahn?

– Como eles conseguem fazer a gente se sentir nostálgico em relação a algo que nunca viveu?

– Pai, eu não sei do que você está falando.

Aquilo estava me deixando nervoso. Jesse e três de seus companheiros iam de carro até Montreal, para assistir a um show de rap. Dei a ele 100 dólares, disse que o amava e o vi sair pela porta da frente, agitado. Acenei em despedida, quando ele atravessava o jardim. Os três garotos juizadamente sentados no carro, que era do pai de algum.

Não lembro o que disse a ele, só sei que fez Jesse voltar pelo caminho congelado. Eu queria apenas uma pequena pausa, quinze ou vinte segundos, de forma que, se estivesse para acontecer alguma tragédia, ele escapasse por pouco – por uma questão de metros, ou segundos –, por causa daquele pequeno atraso de alguns instantes.

Jesse voltou para casa tarde, na noite da segunda-feira seguinte, contando uma história esquisita. Estava com uma aparência péssima, a pele cheia de erupções. E disse:

– Um dos caras que foi com a gente era amigo de Jack. Um sujeito gordo e negro. Nunca o tinha visto antes. Eu estava sentado do lado dele, no carro, e quando estávamos a uns 160 quilômetros de Toronto, o celular dele tocou. Adivinhe quem era. Rebecca. Era Rebecca Ng. Ela está morando em Montreal agora, fazendo faculdade lá.

– Nossa!

– O cara começou a falar com ela, bem do meu lado. Tentei ler, olhar pela janela... eu não sabia o que fazer. Não conseguia pensar direito. Achei que fosse ter um ataque do coração, ou que minha cabeça fosse explodir, como a daquele cara no filme do Cronenberg...

– *Scanners: Sua Mente Pode Destruir.*

– Isso. Aí ele disse a Rebecca: “Jesse Gilmour está aqui. Você quer falar com ele?”, e me passou o telefone. Ali estava ela. Passei mais de um ano sem ter nenhuma notícia de Rebecca, e ali estava ela. Rebecca. A minha Rebecca.

– Então, o que ela disse?

– Disse coisas engraçadas, me provocou, sabe como é o jeito da Rebecca. Ela disse: “Uau, que surpresa! Totalmente inesperada!” Aí ela me perguntou onde eu ia ficar hospedado em Montreal, e eu disse “Num hotel”, então ela disse: “O que você vai fazer hoje à noite? Não vai ficar de bobeira no hotel, espero.” E eu respondi: “Não sei ainda, depende dos rapazes.” E ela disse: “Bem, eu estou indo para a boate tal – por que você não aparece por lá?” Levamos seis ou sete horas para chegar a Montreal. Talvez mais, estava nevando. Chegamos lá e preenchemos as fichas do hotel, um lugar velho, como um Holiday Inn de segunda, mas bem no centro, onde ficam os estudantes universitários.

– Aí vocês saíram e compraram uma tonelada de cerveja...
– Nós saímos e compramos uma tonelada de cerveja e levamos de volta para o hotel. Estávamos todos no mesmo quarto, reservado pelo cara que conhecia Rebecca. Por volta das dez ou onze da noite...

– Quando todos vocês já estavam altos...

– Quando todos nós já estávamos altos, fomos para o bar. A boate de que Rebecca tinha falado. Em algum ponto no final da rua Saint Catherine. O lugar estava cheio de estudantes. Eu devia ter entendido o que isso queria dizer. Mas não entendi. Quando entramos no bar, um cara grande de bigode pediu nossas identidades. Meus amigos tinham, mas eu estava sem a minha.

E todos eles entraram; eu fui barrado. Argumentei que minha namorada estava lá dentro, e que a gente não se via fazia um tempão. Inventei um monte de coisas. Nada funcionou. Então, lá estava eu, plantado na calçada, todos os meus amigos lá dentro, Rebecca lá dentro, e pensei que aquela era a coisa mais cruel que já tinha acontecido em toda a minha vida.

“Mas, então, Rebecca apareceu na porta da boate. Estava mais bonita do que nunca, simplesmente bonita demais. Ela conversou com o segurança, você sabe como é Rebecca falando, bem perto dele, olhando para cima, fazendo charme. Realmente provocando. E o cara, o leão de chácara, deu um sorriso meio sem jeito e levantou a cordinha para me deixar passar, sem olhar para mim nem para ela.”

– Uau!

(O que mais eu podia dizer?) Ele continuou:

– Sentei no balcão, do lado de Rebecca, e comecei a beber muito, e depressa...

– Ela também estava bebendo muito?

– Estava bebendo, mas não muito. Rebecca não precisa beber muito.

– E aí...

– Aí eu fiquei realmente bêbado. Bêbado mesmo, de verdade. E nós começamos a discutir. De repente estávamos gritando um com o outro. O *barman* chamou minha atenção. E o segurança apareceu e disse que nós dois tínhamos que ir embora. Fomos os dois para a calçada, não estava mais nevando, mas estava frio. Quando faz frio em Montreal dá para ver a própria respiração condensada no ar. Nós dois continuávamos brigando. Aí eu perguntei se ela ainda me amava. Ela disse: “Não posso ter esse tipo de conversa com você, Jesse. Simplesmente não posso. Estou morando com alguém.” Ela fez sinal para um táxi e foi embora.

– E vocês voltaram a se encontrar?

– Calma, não me apresse. Outras coisas aconteceram.

Ele parou e olhou para a rua, como se tivesse acabado de se lembrar de

algo, ou como se tivesse visto alguém conhecido.

– O que foi? – perguntei, preocupado.

– Você acha que eu agi como um babaca por perguntar aquilo a ela?

Perguntar se ainda me amava?

– Não. Mas você sabe como é... – Pensei naquilo por um segundo, escolhendo as palavras para formular o que ia dizer.

– Como é o *quê*? – ele perguntou rapidamente, como se eu tivesse uma faca sob a jaqueta.

– É aquilo que eu venho dizendo a você há mais ou menos um ano. Ou seja, que nunca se deve ter uma conversa importante quando se está bêbado.

(Nossa, pensei, vejam só o que estou dizendo.)

– Mas é justamente nessa hora que dá vontade de conversar – ele disse.

– Sim, esse é o problema. Mas continue.

– Voltamos para o hotel, nós quatro. Um dos caras tinha uma garrafa de tequila.

– Deus do céu.

– Na manhã seguinte eu acordei com uma ressaca horrível. Garrafas de cerveja vazias estavam espalhadas por toda parte, eu ainda estava com a roupa da véspera, tinha gastado todo o meu dinheiro. Fiquei remoendo a conversa com Rebecca, quando perguntei se ela ainda me amava, e ela respondendo que “não podia ter aquele tipo de conversa” e indo embora num táxi.

– Horrível.

– Então tentei voltar a dormir.

– Fez bem.

– Acho que planejei um milhão de vezes o que ia dizer a ela quando a gente se encontrasse, e aí acontece isso.

Ele olhou a casa do outro lado da rua.

– Alguma vez na vida você fez algo parecido? – ele perguntou.

– O que aconteceu depois? – eu disse.

– Fomos tomar o café da manhã. Acho que eu ainda estava bêbado, porque, quando voltei para o quarto, vomitei tudo.

– E como você pagou o café?

– Peguei dinheiro emprestado com Jack. Não se preocupe, eu cuido disso.

Ele fez uma pausa e acendeu um cigarro. Deu uma baforada e disse:

– Eu não me lembro bem do que fizemos no dia seguinte; fomos para Mount Royai, eu acho, mas lá estava frio demais. Não levei o agasalho adequado, nem tinha luvas. Passeamos por lá um pouco; estava rolando

uma espécie de encontro de estudantes, e achamos que seria um bom lugar para conhecer garotas —, mas o vento estava muito forte, entrava pela minha roupa. Nessa noite fomos ao show de rap, que foi bem legal, exceto pelo fato de que eu fiquei procurando Rebecca o tempo inteiro. Era como se eu sentisse sua presença na casa de espetáculos, sabia que ela estava lá, mas não conseguia vê-la. Na manhã seguinte, o negro gordo disse que ia na casa dela, pegar alguma coisa.

— E você foi junto?

— Eu queria vê-la. Então, por que fingir? (Ele é mais corajoso do que eu, pensei.)

— Fomos até lá. No prédio onde ela mora com o namorado. Quando estávamos subindo de elevador, pensei comigo mesmo: este é o elevador que ela usa todos os dias, este é o corredor que ela atravessa todos os dias, esta é a porta...

— Deus do céu, Jesse!

— Ela não estava lá. Nem o namorado. Só uma garota que também morava lá, e que nos deixou entrar. Fui até o quarto dela e dei uma olhada. Não consegui evitar. Pensei: é aqui que ela dorme, é aqui que ela troca de roupa de manhã. Aí ela apareceu. Rebecca. Parecia ter passado uma hora em frente ao espelho, se arrumando, escolhendo a roupa que ia usar.

— O que provavelmente aconteceu.

— Fiquei sentado num canto, vendo Rebecca conversando com os rapazes. Sendo Rebecca. Rindo e provocando, e falando com todo mundo, menos comigo.

— E aí?

— Aí me levantei e saí, e viemos embora.

— Deve ter sido uma longa viagem.

Jesse concordou, ausente. Ele já estava novamente mergulhado naquela noite fria, na calçada, perguntando a Rebecca se ela ainda o amava.

E então o sol apareceu. Foi logo depois de algum filme de Kurosawa. *Ran*, provavelmente. Aliás, Jesse parecia mais envolvido por esse filme do que de costume. Ele adorou as cenas de guerra, adorou a decapitação da amante traiçoeira, e ficou de boca aberta com a cena final, em que o velho cego tenta se orientar à beira de um abismo.

Nos dias anteriores o comportamento de Jesse tinha mudado. Ele estava com aquela ansiedade típica de um jovem em busca de algo para fazer. Qualquer coisa que estivesse ao alcance da mão. Eu me perguntava se era por causa do tempo, dos dias bonitos e ensolarados da primavera, com aquele cheiro de terra molhada, deixando para trás um inverno rigoroso, que o humor dele tinha melhorado de forma tão transparente. Mas sabia que, fosse qual fosse o motivo, era particular; contudo, ao mesmo tempo, ele estava morrendo de vontade de falar sobre aquilo. Uma pergunta direta, eu achava, poderia intimidá-lo, fazer com que se fechasse.

Então, precisei me comportar passivamente, esperando pelo momento certo – quando bastaria um olhar meu para fisgar seus olhos e arrancar dele a história toda.

Sentamos na varanda, ainda com as imagens de *Ran* se dispersando em nossas mentes. Os passarinhos cantavam, nossa vizinha chinesa trabalhava no jardim, preparando a terra para suas plantas e frutos misteriosos; ela já tinha bem mais de 70 anos, e usava lindos casacos de seda. Lá no alto, o sol brilhava de forma incomum para aquela época do ano.

– O interessante no mês de março – eu disse, num tom tão didático quanto possível – é que a gente pensa que o inverno acabou antes da hora. Não importa há quantos anos você viva aqui, sempre comete o mesmo engano.

Percebi que Jesse mal tinha ouvido o que eu dissera, então insisti.

– Você pensa: bom, acabou. Superamos o inverno. E mal acaba de pensar nisso, Jesse, o que acontece?

Ele não respondeu.

– Vou lhe dizer o que acontece. Começa a nevar. E nevar e nevar e nevar.

– Estou com uma namorada nova – ele disse.

– A primavera é uma estação cheia de truques – continuei. (Eu mesmo estava me achando chato.)

– Você se lembra daquela história que me contou sobre Arthur Cramner, seu velho amigo? O cara que roubou sua namorada? – Jesse perguntou.

Limpei a garganta.

– Isso não tem importância, filho, aconteceu há muitos anos, mas não foi exatamente assim: ele não a *roubou* de mim. Eu a *dei* a ele, foi isso que aconteceu.

– Sei, sei. – (Ele estava disfarçando um sorriso?) – Mas aconteceu uma coisa parecida comigo.

Então Jesse perguntou se eu me lembrava de seu amigo Morgan.

– Seu amigo do trabalho?

– O cara que usava boné de beisebol.

– Ah, sim, esse cara.

– Então, ele tinha uma namorada, Chloë Stanton-McCabe; estavam juntos desde o ensino médio. Ele a tratava sem maiores preocupações. Eu costumava dizer: “Você devia tomar cuidado com ela, Morgan, ela é muito bonita.” E ele respondia “Sim, claro”, mas debochando, fazendo uma voz de bobo.

Eu continuei ouvindo.

– Ela estuda na universidade em Kingston. Cursa economia.

– E está com *Morgan*?

– Morgan é um cara legal – ele disse depressa (e um pouco sem jeito).

– Bom, mais ou menos um ano atrás eles terminaram. Poucos dias depois, Jack, o cara da minha banda...

– Um outro que usa boné de beisebol?

– Não, esse é Morgan.

– Eu sei, estou brincando.

– Jack é o cara com bochechas vermelhas.

– Eu sei, eu sei. Continue.

– Jack me telefonou uma noite e disse que tinha encontrado a garota num bar, uma noite, Chloë Stanton-McCabe, e que ela falava de mim sem parar, que eu era bonitinho, que eu era engraçado... Enfim, tudo de bom.

– É mesmo?

– E o mais estranho, pai, é que, quando fui dormir naquela noite, fiquei deitado imaginando como seria ficar com ela, *casar* com ela. Eu mal a conhecia. Só a tinha visto em algumas festas, ou em barzinhos, nunca tinha conversado direito com ela.

– Deve ter sido um ótimo telefonema para sair da fossa.

– Foi. Com certeza. Mas, uma semana depois, ela e Morgan voltaram. O que me deixou meio decepcionado. Não muito. Eu tinha outras garotas. Mas, pra dizer a verdade, fiquei decepcionado, sim. Bastante.

Ele olhou para a rua, pela janela. Lençóis e roupas de criança balançavam ao vento, num varal improvisado, no segundo andar da casa em frente. Dava para sentir uma brisa amena vir da rua. Jesse continuou:

– Aí um dia Morgan me disse (foi depois do trabalho, e ele estava um

pouco bêbado): “Minha namorada teve uma queda por você. Durou mais ou menos uma *semana*.” E caiu na gargalhada, como se fosse uma piada muito engraçada. Eu também ri. Vi Chloë algumas vezes, depois disso. Ela sempre jogava um charme para mim, mas continuava com Morgan. Uma vez eu estava de pé, num bar, e senti alguém beliscar minha bunda. Quando me virei, vi aquela garota loura, de costas, se afastando. Um dia perguntei a Morgan... Perguntei se ele se incomodaria se eu a chamasse para sair, e ele disse: “Tudo bem, não me importo. Só estou dormindo com ela, nada mais.” E ele não usou a palavra “dormindo”.

– Aposto que não.

– Mesmo assim eu estava supercuidadoso para me aproximar dela. Não queria ver Morgan rindo da minha cara e dizendo que eu era incapaz de ganhar a garota que ele *não queria*.

– Entendo.

– Bem. – Ele olhou para a rua, como se para organizar os pensamentos, e para tomar fôlego para dizer a coisa da forma correta. – No fim de semana passado fui a um bar na rua Queen. Parecia aquela cena de *Caminhos Perigosos*, do Scorsese. Eu tinha acabado de tomar banho e lavar a cabeça, estava com roupas novas e me sentia realmente bem. Fui para o bar e estava tocando aquela música de que gosto, eu realmente estava me sentindo capaz de fazer *qualquer coisa* que quisesse no mundo. E lá estava Chloë, tinha vindo passar o final de semana na cidade. Estava sentada numa mesa com as amigas, e todas disseram: “Aiiii, Chloë, olha quem está ali!”

“Então fui até lá, beijei-a no rosto e disse: ‘Oi, Chloë’, mas não fiquei com ela. Caminhei até o fundo do bar e tomei um drinque. Pouco depois ela veio atrás de mim e disse: ‘Vamos lá fora fumar um cigarro?’”

“Saímos. Sentamos num banco em frente ao bar e eu disse, na lata: ‘Eu realmente queria beijar você.’”

“E ela perguntou: ‘Mesmo?’”

“E eu respondi: ‘Mesmo.’”

“Então ela disse: ‘E o Morgan?’”

“‘Eu cuido do Morgan’, falei.”

– Então, ele já sabe?

– Contei a ele no dia seguinte. Ele disse que... – Jesse baixou um pouco a voz – Disse que não se importava. Mas naquela noite nós fomos tomar uma cerveja, depois do trabalho, e ele logo ficou muito bêbado. Ele disse: “Você está se achando o máximo porque ficou com a Chloë, né?”

“Ele me ligou na manhã seguinte, e foi um pouco triste, mas também corajoso. Ele disse: ‘Olha, cara, só estou me sentindo um pouco estranho por você estar com ela.’”

“E eu disse: ‘É, eu também.’”

Jesse acendeu um cigarro e o segurou com a mão mais afastada de mim.

– É uma história e tanto – eu disse (a brisa fazia a roupa balançar suavemente no varal).

Ele se recostou, olhando para o infinito, pensando em Deus sabe lá o quê. Ficar com Chloë, fazer uma turnê com o Eminem...

– Você acha que eu e Morgan vamos sobreviver a isso? Quero dizer, nossa amizade. Você e Arthur Cramner continuaram amigos.

– Tenho que ser sincero com você, Jesse. Mulheres podem ser um esporte sangrento.

– Como assim? – ele disse. Ele queria continuar falando sobre Chloë Stanton-McCabe. Ele havia contado toda a história depressa demais.

Foi um bom verão para nós dois. Eu pegava uns trabalhos aqui e ali (parecia ser um momento adequado para isso), alguns bicos para a televisão, uma viagem para Halifax para um programa sobre livros no rádio, outra entrevista com David Cronenberg e um artigo para uma revista masculina que me levou até Manhattan. Eu ainda não tinha equilibrado o orçamento, mais dinheiro saía do que entrava, porém não havia mais aquele sentimento de descontrole financeiro, de que algo muito triste, ou mesmo trágico, me aguardava dentro de cinco ou seis anos.

E então aconteceu algo que parecia o ponto final de uma fase ruim, e que me deu a sensação de que a má sorte tinha ficado para trás. Para quem estivesse de fora, não parecia nada do outro mundo. Fui convidado para escrever críticas de cinema para um jornal de distribuição nacional. A remuneração era baixa, e era pegar ou largar, mas – como explicar? – era uma coisa que eu sempre tivera vontade de fazer. Às vezes, isso tem um valor muito maior que o financeiro. Como um professor que sonhasse fazer uma conferência na Sorbonne, ou um ator que sonhasse contracenar com Marlon Brando (mesmo que o filme fosse horrível, não teria importância).

Jesse estava trabalhando no turno da noite. Ele ainda era aprendiz de cozinheiro, cortava e lavava legumes, limpava lulas, mas às vezes deixavam-no operar o forno, o que para ele parecia ser tão fascinante quanto eram para mim as resenhas de cinema. Essas coisas são incrivelmente arbitrárias.

Os caras do forno são durões, muito machos; eles gostam de suar, beber, trabalhar demais e dizer “xoxota” e coisas do gênero. Jesse se sentia um deles, agora. Ele gostava de ficar de uniforme, à toa depois de seu turno – era sua hora favorita –, fumando e conversando sobre a noite; como

tinham ficado sobrecarregados depois das nove (vários clientes haviam chegado ao mesmo tempo), como tinham deixado uma garçonete “na marca do pênalti” (atrasando seus pedidos). Nunca brinque com os caras da cozinha.

Havia uma espécie de brincadeira estranha e “pseudogay” na cozinha – em todas as cozinhas, Jesse achava. Os caras chamavam-se uns aos outros de bicha, se mandavam reciprocamente tomar no cu etc. etc. Mas não se podia chamar ninguém de babaca. Isso sim era grave, um verdadeiro insulto.

Ele gostou quando Chloë foi pegá-lo na saída do trabalho: parecia Marilyn Monroe com um piercing de diamante no nariz. Todos os caras sentados por ali, observando.

– Você gosta dela? – Jesse me perguntou uma noite, com o rosto bem perto do meu.

– Gosto – eu disse.

– Você hesitou.

– Não, de forma alguma. Acho ela ótima.

– Mesmo?

– Mesmo.

Ele pensou por um momento.

– Se ela terminar comigo, você vai dizer a mesma coisa?

– Se ela terminar com você, eu vou ficar do seu lado.

– O que isso significa?

– Significa que vou dizer o que for preciso para fazer você se sentir melhor.

Pausa.

– Você acha que ela vai terminar comigo?

– Meu Deus, Jesse!

Nós continuávamos vendo filmes, mas não com a mesma frequência agora. Talvez dois por semana, às vezes menos. Era como se o mundo estivesse nos puxando para fora de casa, e eu tinha a sensação de que algo precioso estava chegando naturalmente ao fim. *Fin de jeu*. A linha de chegada.

Comecei um módulo de “Tesouros Enterrados”.

Mostrei a Jesse *Quiz Show – A Verdade dos Bastidores* (1994), de Robert Redford, que fica melhor e mais rico a cada vez que você assiste. É a história de um professor universitário bonito e encantador, Charles Van Doren (Ralph Fiennes), que se envolve num escândalo num programa de

conhecimentos gerais na década de 1950, que era uma fraude: os competidores recebiam as respostas antes de cada apresentação. Esse escândalo foi uma facada no coração do ingênuo e crédulo público americano, ainda mais dolorosa por ter sido protagonizada por um “garoto dourado” – filho de um proeminente acadêmico, Mark Van Doren (interpretado pelo grande Paul Scofield).

Como *O Grande Gatsby*, estrelado por Robert Redford, *Quiz Show* conduz o espectador a um mundo moralmente ambíguo, mas faz isso com tanta competência que você entende, em primeiro lugar, por que as pessoas fazem esse tipo de coisa, e por que continuam fazendo. Chamei a atenção de Jesse para a química incrível entre Rob Morrow, que interpreta o investigador do Congresso, e Ralph Fiennes, que comete o erro de dizer sim, uma única vez, a algo a que devia dizer não.

Alguns dos melhores momentos do filme, os mais poderosos, vêm dos olhos de Ralph Fiennes. (Em algumas cenas, dá a impressão de que ele está usando alguma maquiagem especial na região dos olhos.) Eu disse a Jesse que prestasse atenção na hora em que perguntam a Fiennes o que o “honesto Abe Lincoln” faria num programa de perguntas na televisão. Veja o que Fiennes faz com os olhos. Veja como eles se mexem quando ele conversa com Rob Morrow. Eles têm uma característica única; ele olha para o jovem à sua frente como se estivesse se perguntando: Quanto será que ele já sabe? Quanto será que ele já sabe?

Há uma cena em que eles jogam pôquer; Fiennes faz sua aposta e Morrow diz: “Eu sei que você está mentindo.” Quase dá para sentir as batidas do coração de Fiennes quando ele responde, de forma desconfiada, quase perdendo a respiração: “Blefando. A palavra é blefando.” Faz a gente pensar no Raskolnikov de *Crime e Castigo*, de Dostoiévski.

– Você sente falta de aparecer na televisão? – Jesse me perguntou, quando o filme acabou.

– Às vezes, sim – respondi. Expliquei que sentia falta do dinheiro, é claro, mas aquilo de que eu realmente sentia falta era de ter dezenas de conversas superficiais de trinta segundos com pessoas que eu mal conhecia. – Isso acrescenta um tempero ao seu dia – eu disse. – Acredite ou não.

– Mas você sente falta de *aparecer* na televisão?

– Não. Eu nunca sinto falta disso. Você sente?

– Se eu sinto falta de ter um pai que aparece na televisão? Não, não sinto. Eu nunca nem pensei sobre isso.

Depois de dizer essa frase, Jesse se levantou e subiu. Seu jeito de andar casual, seu porte físico, seus movimentos – pelo menos naquele momento – não eram mais os de um adolescente.

Mais Tesouros Enterrados. É como comer um pedaço de torta cremosa de banana diretamente da geladeira (nem precisa pegar um prato). A *Última Missão* (1973), de Hal Ashby.

“Aqui estão cinco motivos”, eu disse, “por que adoramos Jack Nicholson:

1. “Porque, usando palavras dele próprio, ‘Não é difícil chegar no topo. O que é difícil é permanecer lá’. Jack faz cinema há 45 anos. Ninguém consegue ter ‘sorte’ ou enganar os outros durante tanto tempo. É preciso ser bom.
2. “Adoro o fato de Jack Nicholson interpretar um detetive com um curativo no nariz durante uma parte significativa de *Chinatown* (1974).
3. “Adoro aquele momento de *O Iluminado* em que Jack pega a esposa lendo as páginas com o texto demente de seu romance e pergunta a ela: ‘O que você está achando?’
4. “Adoro o fato de Jack ter esperado fazer 50 anos para começar a jogar golfe.
5. “Adoro quando Jack saca sua arma no bar, em *A Última Missão*, e diz: ‘Eu sou o filho da puta da patrulha costeira!’

Há quem considere que Jack fez o melhor papel de sua vida em *A Última Missão*. Ele interpreta “Bad Ass” Buddusky [Buddusky Bundão], um cara que gosta da vida no mar, de fumar charutos e de falar obscenidades — um sujeito muito agitado — e que tem como tarefa escoltar um jovem condenado pelo país, até a prisão. Jack quer proporcionar ao garoto alguma diversão, deixá-lo encher a cara e pegar uma mulher antes de começar a cumprir sua pena.

Quando o filme foi lançado, o crítico Roger Ebert escreveu que Nicholson “cria um personagem tão completo e tão complexo que a gente para de pensar no filme e só presta atenção no que ele fará em seguida”. Alguns filmes elevam os palavrões ao status de arte. Pense no sargento raivoso de *Nascido para Matar* (1987), de Kubrick. Há tantas maneiras de dizer “porra” numa frase quanto de preparar um ovo, e você observa várias delas em *A Última Missão*. Os executivos do estúdio queriam suavizar o roteiro antes de começar as filmagens. Estavam horrorizados com a quantidade de palavrões e achavam, com razão, que Jack Nicholson ia cuspi-los como uma metralhadora. Um diretor da Columbia Pictures

declarou, na época: “Nos primeiros sete minutos, o verbo ‘foder’ aparece 342 vezes. Não devíamos ter esse tipo de linguagem aqui, nem sexo.”

Robert Towne (*Chinatown*), que escreveu o roteiro de *A Última Missão*, comentou: “Se você fizesse uma cena de sexo para a Columbia Pictures, tinha que ser a trezentos metros de distância. Mas os filmes estavam mudando, e aquela era uma boa oportunidade de mostrar esses caras da Marinha do jeito que eles realmente falam. O chefe do estúdio me levou para um canto e disse: ‘Bob, será que *vinte filhos da puta* não seriam mais eficazes do que *quarenta filhos da puta*?’ Eu respondi que não, porque essa é a maneira como aquelas pessoas falam quando estão impotentes para agir. Elas xingam.” Towne levou a melhor. Nicholson o apoiou — e como Jack era a maior estrela por ali, foi assim que se encerrou a conversa.

Indicar filmes às pessoas é um negócio arriscado. De certa forma, é algo tão revelador quanto escrever uma carta para alguém. Mostra como você pensa, aquilo que o motiva, e algumas vezes pode mostrar como você acha que o mundo o enxerga. Então, quando você recomenda com entusiasmo um filme a um amigo, e diz: “Ah, é bom demais, você vai adorar”, é uma experiência desconcertante quando você o encontra no dia seguinte e ele diz: “Você achou aquilo *engraçado*?”

Eu me lembro de ter recomendado uma vez *Ishtar* a uma mulher que eu achava interessante, para, no nosso encontro seguinte, ela me fulminar com um olhar que dizia: “Ah!, é assim que você é.”

Assim, ao longo dos anos, aprendi a manter a boca fechada em videolocadoras, onde às vezes me dá vontade de fazer comentários sobre filmes com pessoas que nunca vi antes, ou de lhes arrancar um filme das mãos, para assegurar a elas que aquele outro, aquele ali, seria uma escolha muito melhor. Mas tenho, contudo, algumas cartas na manga, filmes que sempre recomendei e que nunca se voltaram contra mim. *A Última Investigação* (1977), de Robert Benton, é um deles. Foi o que mostrei a Jesse em seguida.

É um filme de suspense simples, no qual um detetive particular (Art Carney) e uma jovem paranormal (Lily Tomlin) se envolvem numa série de assassinatos em Los Angeles. Embora o filme tenha sido feito há trinta anos, praticamente ninguém parece ter assistido. Mas, quando o veem, pelo menos as pessoas a quem eu o recomendo, sempre reagem com agradável surpresa e satisfação. Em certos casos, acho que algumas pessoas até reavaliaram a opinião que tinham a meu respeito.

Quando preparava *A Última Investigação* para Jesse assistir, encontrei a

crítica original de Pauline Kael, publicada na revista *The New Yorker*, Ela adorou o filme, mas teve dificuldades para classificá-lo. “Não é exatamente um *thriller*”, ela escreve. “É um filme único no seu gênero – um poema de amor e ódio à vileza.”

Os Amigos de Eddie Coyle foi lançado em 1973 e rapidamente esquecido. É difícil encontrá-lo em locadoras, mesmo naquelas especializadas, que têm em catálogo até filmes de terror da Finlândia. É um filme dirigido por Peter Yates (o mesmo de *Bullitt*), mas o verdadeiro motivo de eu querer revê-lo era a atuação mágica de Robert Mitchum, que interpreta, com seu olhar sonolento, o vigarista de segunda classe Eddie Coyle. Todo mundo conhece alguém como Eddie, um cara que nasceu com a vocação para tomar as decisões erradas. Uma espécie de tio Vânia piorado.

À medida que o tempo passa, Robert Mitchum parece sempre melhorar – com aquele tronco largo, aquela voz profunda, aquele jeito de atravessar o filme com a serenidade de um gato que passeia numa festa ao ar livre. Ele tinha muito talento, mas, ao mesmo tempo, parecia sentir um estranho prazer em negá-lo: “Ouça, eu só tenho três expressões faciais: olhando para a esquerda, olhando para a direita e olhando de frente”, dizia. Charles Laughton, que o dirigiu em *O Mensageiro do Diabo* (1955), dizia que toda essa história grosseira de “não me importo” era pura encenação. Mitchum, segundo ele, era culto, charmoso, gentil, um homem que falava bem e que teria interpretado Macbeth melhor que qualquer ator vivo. Mitchum pensava diferente: “A única diferença entre mim e meus colegas atores é que eu passei mais tempo na cadeia.”

Enquanto assistíamos a esses filmes, contudo, eu às vezes tinha a sensação de que Jesse estava ali por obrigação, mais do que antes. Depois de trinta minutos de *Memórias* (1980), de Woody Allen, dava para perceber, pela postura, pelos ombros caídos, que ele estava achando o filme chato. Comecei a suspeitar de que Jesse via o filme apenas para me agradar e me fazer companhia.

– Adivinhe quem foi o diretor de fotografia de *Memórias* – eu disse.

– Quem? – ele perguntou.

– O Príncipe das Trevas.

– Gordon Willis?

– O mesmo cara de *O Poderoso Chefão*.

– O mesmo cara de *Klute: O Passado Condena* – ele disse, de forma distraída.

Depois de uma pausa diplomática, eu disse gentilmente:

– Não creio que ele tenha fotografado *Klute*.

– É o mesmo cara.

– Aposto cinco pratas com você que Gordon Willis *não* fotografou *Klute*

– eu disse.

Ele ganhou a aposta e ficou todo feliz, mas sem tirar onda: quando colocou o dinheiro no bolso de trás, nem sequer olhou para mim.

– Eu sempre achei que Michael Ballhaus tivesse fotografado *Klute* – eu disse, impressionado.

– Entendo – ele falou. – Talvez você estivesse pensando nos primeiros filmes de Fassbinder.^[6] São um pouco granulados.

Olhei para Jesse, até que ele me encarou.

– O que foi? – ele perguntou. Mas sabia perfeitamente o que era.

Outono de 2005. Chinatown. Chloë, após mudar para o curso de administração e negócios, voltou a frequentar as aulas em Kingston, Ontário. Pouco depois, Jesse anunciou que pretendia largar o emprego no restaurante e viajar para o Norte, onde passaria um mês escrevendo músicas com um amigo, um guitarrista que eu mal conhecia. O pai do rapaz era um advogado de artistas do ramo musical e tinha um casarão no lago Couchiching. Também tinha um barco. Eles ficariam lá de graça e conseguiriam uns trocados lavando louça em restaurantes locais. O que eu achava? Não era bem uma pergunta — nós dois sabíamos disso. Então eu disse que sim, claro.

E então, simplesmente, ele partiu. Pensei: “Bom, ele já tem 19 anos, é assim que funciona. Pelo menos ele sabe que Michael Curtiz filmou dois finais diferentes para *Casablanca*, para o caso de o final triste não funcionar. Isso provavelmente vai ajudá-lo, no mundo lá fora. Ninguém vai poder dizer que deixei meu filho partir indefeso.

Pela primeira vez, o quarto de paredes azuis no terceiro andar em Chinatown estava vazio. Era como se toda a energia da casa tivesse sido subitamente sugada para fora. Mas, então, por volta da segunda semana, comecei a gostar daquilo. Nenhuma bagunça na cozinha, nenhuma marca de dedos gordurosos na porta da geladeira, ninguém subindo as escadas ruidosamente às três da manhã.

De vez em quando, ele telefonava, mais ou menos por obrigação. As árvores estavam sem folhas, o lago estava gelado, mas o emprego era bom. Tudo mais corria bem. Eles estavam escrevendo muitas canções. Os dois ficavam no barco à noite, enrolados num cobertor, olhando as estrelas, seu amigo dedilhando um violão acústico. Talvez ele e Joel (era este o nome do músico) procurassem um apartamento para dividir, quando voltassem para a cidade. Chloë iria passar um fim de semana lá.

Então, um dia (gente passava de bicicleta em frente à casa, usando luvas de novo), o telefone tocou e ouvi a voz de Jesse. Trêmula, como a de um homem desorientado, que não sabe onde está, ou como se caminhasse sobre gelo fino prestes a se quebrar.

— Acabei de levar um pé na bunda — ele disse.

— Do seu emprego?

— Não, de Chloë. Ela acabou de me dispensar.

Eles tinham discutido por telefone (ela se queixando da falta de direção da vida dele e de seus amigos fracassados, “garçons e funcionários de aeroporto”, ela disse). Um dos dois bateu o telefone na cara do outro. Geralmente, ela ligava de volta (isso já tinha acontecido antes). Mas não

dessa vez.

Alguns dias se passaram. Na terceira manhã, num dia brilhante, em tons acobreados, ele acordou com a convicção de que Chloë estava com outro cara. Tinha tanta certeza disso como se tivesse visto a cena num filme.

— Então eu liguei para o celular dela — ele disse. — Ela não respondeu. Eram oito horas da manhã. — Não era um bom sinal, eu pensei, mas fiquei calado.

Ele continuou ligando para ela durante o dia, da cozinha do restaurante, e deixou várias mensagens. “Por favor, me telefone. Eu pago as ligações.” Enquanto isso, sua convicção de que alguma coisa muito séria tinha acontecido *umentava* como uma mancha de tinta, dominando seu corpo inteiro. Ele sabia que estava pisando em terreno desconhecido.

Finalmente, perto das dez da noite, ela ligou de volta. Dava para ouvir barulhos no fundo. Música, vozes abafadas. Onde ela estava? Num bar.

— Ela estava telefonando de um bar? — perguntei.

Ele perguntou a ela se havia alguma coisa errada; ele mal conseguia controlar a voz. Era como falar com uma estranha. “Precisamos conversar sobre algumas coisas”, ela disse. Palavras incompreensíveis. Parecia, mas ele não tinha certeza, que ela havia colocado a mão sobre o fone para pedir um martini ao *barman*.

Ele não perdeu tempo (nesse ponto, Jesse sempre me impressionou) e foi direto ao assunto. “Você está terminando comigo?”, ele perguntou. “Sim”, ela disse.

Então ele cometeu um erro. Desligou o telefone na cara dela, esperando que ela ligasse de volta, chorando. Ficou andando para lá e para cá na sala de casa, olhando para o telefone. Falando sozinho. Mas nada de ela ligar. Ele ligou de novo para ela. “O que está acontecendo?”, perguntou.

Aí ela fez seu papel. Tinha pensado muito a respeito ultimamente, disse. Eles não eram feitos um para o outro; ela era nova, ia começar a faculdade, estava à beira de “um excitante futuro profissional”. Um clichê atrás do outro, todos naquele tom de garota descolada; ele já conhecia aquele tom de voz, mas agora isso não o fez querer esganá-la — isso o fez ter medo dela.

“Você vai se arrepender disso, Chloë”, ele disse. “Talvez”, ela respondeu friamente. “Então é isso? Eu estou fora da sua vida?”

— Aí você sabe o que ela me disse, pai? Ela disse: “Tchau, Jesse.” Disse meu nome tranquilamente. Ouvir ela dizendo meu nome daquele jeito me deixou muito chateado. “Tchau, Jesse.”

O amigo dele, Joel, chegou em casa tarde naquela noite, bem depois do telefonema. Jesse contou tudo a ele. “Sério?”, Joel disse. Ele ficou ouvindo por uns dez minutos, enquanto tirava acordes de seu violão acústico, e

então, aparentemente, perdeu o interesse no assunto e tentou falar de outras coisas.

– Você conseguiu dormir depois disso? – perguntei.

– Sim – Jesse respondeu, surpreso com a pergunta.

Eu sabia que ele queria me pedir alguma coisa, mas ao mesmo tempo sabia que seria algo que eu não poderia lhe dar; o máximo que eu podia fazer era indicar para onde direcionar aquele veneno que vinha se acumulando no seu corpo naqueles últimos dias.

Finalmente, eu disse:

– Quería poder ajudá-lo.

Então ele começou a falar. Não consigo lembrar o quê, nem é importante: ele apenas falava, falava, falava.

– Talvez você devesse voltar para casa – falei.

– Não sei.

– Posso dar um conselho?

– Claro.

– Não procure uma saída nas drogas ou em bebedeiras. Tome umas cervejas. Eu sei que você está se sentindo péssimo, mas se entrar numa de se embriagar vai acordar depois achando que está no inferno.

– Eu acho que já estou no inferno – ele disse, com uma risada amarga.

– Acredite em mim – eu disse. – Pode ficar muito pior.

– Espero que você ainda me ame.

– É claro que amo. – Pausa.

– Você acha que ela está com outro cara?

– Não tenho a menor ideia, filho. Mas acho que não.

– Por quê?

– Por que o quê?

– Por que você acha que ela não está com um namorado novo?

– Seria rápido demais, só isso.

– Mas ela é muito bonita. Os caras olham pra ela o tempo inteiro.

– Isso é diferente de ir para a cama com eles.

Lamentei imediatamente minha escolha de palavras. Elas abriam a janela para várias imagens desagradáveis. Mas ele já estava pensando em outra coisa.

– Você sabe do que eu tenho medo?

– Sim, eu sei.

– Não – ele disse. – Do que eu *realmente* tenho medo.

– De quê?

– Tenho medo de que ela esteja dormindo com o Morgan.

– Não acho que isso vá acontecer – eu disse.

– Por que não?

– Parece que ela terminou mesmo com ele.

– Não me incomodaria tanto se fosse com outra pessoa. – Eu não disse nada. – Mas eu ficaria realmente mal se fosse o Morgan. – Houve uma longa pausa. Dava para imaginá-lo naquela casa de campo, o lago deserto, as árvores desfolhadas, um corvo crocitando na floresta.

– Talvez você devesse voltar para casa.

Outra pausa longa e pensativa; eu podia sentir Jesse imaginando coisas terríveis.

– Podemos conversar mais um pouco? – ele perguntou.

– Claro – respondi. – Tenho o dia todo.

Às vezes, quando o telefone tocava tarde da noite, eu hesitava por um segundo. Eu me perguntava se estava preparado para lidar com aquilo da forma certa. Com aquela angústia irreparável de Jesse. Algumas vezes, chegava a pensar em não atender. Melhor falar com ele amanhã. Mas, então, eu me lembrava de Paula Moors e daquelas apavorantes manhãs de inverno em que eu acordava cedo demais, com todo um dia terrível pela frente.

– Você se lembra de ter dito que Chloë enchia seu saco, às vezes? – perguntei a ele, numa daquelas noites, ao telefone.

– Eu disse isso?

– Você disse que estava com medo de viajar com ela, porque ficaria entediado no avião. Dizia que costumava afastar o telefone da orelha, porque não aguentava mais a lenga-lenga carreirista dela.

– Não consigo nem me lembrar de ter sentido isso.

– Mas você disse. Essa é a verdade. – Longa pausa.

– Acha que estou sendo infantil, por conversar com meu pai sobre isso? Não posso falar com meus amigos. Eles só dizem coisas estúpidas. Não fazem de propósito, mas tenho medo de que digam algo que vá realmente me magoar, você entende?

– É claro.

Uma ligeira mudança de tom, como um homem que finalmente confessa um crime.

– Liguei pra ela – ele disse.

– E?

– Eu perguntei a ela.

– Isso foi muito corajoso.

– Ela respondeu que não,

– Não o quê?

– Não, ela não está dormindo com ninguém, mas não seria da minha

conta se estivesse.

– Algo desagradável de se dizer – falei.

– *Não é da minha conta?* Poucos dias atrás estávamos juntos, e agora isso não é da minha conta?

– O que você... – Parei de falar por um segundo. – O que ela *acha* que você fez para deixá-la tão irritada?

– Morgan a tratava como merda. E a traía o tempo todo.

– Sério?

– Sério.

– Mas o que *voocê* fez, Jesse?

– Você acha que algum dia vou achar outra namorada tão bonita como ela?

E assim por diante. Eu tinha outras preocupações na minha vida naquele outono: minha mulher, um longo artigo sobre Flaubert para uma revista, telhas caindo do telhado da casa, as críticas de cinema para “aquele jornal”, um inquilino no porão que nunca pagava o aluguel em dia, um dente molar precisando de uma coroa (e o plano de saúde de Tina só reembolsaria metade do valor). Mas havia algo na desventura sexual de Jesse que não me deixava tirar aquele assunto da cabeça.

As pessoas diziam: “Ele vai ficar bem. A vida é assim. Acontece com todo mundo.” Mas eu *conhecia* aqueles filmes que passam na cabeça da gente, no meio da noite – sabia que eles podem deixar qualquer um maluco de tanto sofrimento.

E era curioso que Jesse, de certa forma, reaparecesse justamente quando eu estava me acostumando com sua ausência, com o fato de ele ter saído para descobrir o mundo e amadurecer. E eu não queria que fosse assim. Ficaria muito mais feliz se eu fosse o último na sua agenda social, o pai com quem você sai para jantar quando todos os seus amigos estão ocupados.

Ele voltou para casa algumas semanas depois, num daqueles dias frios em que, na nossa rua, o vento soprava cada hora numa direção; como um assaltante traiçoeiro, esperava que você saísse e, quando estivesse suficientemente longe de casa, ardidamente o agarrava pelo colarinho, atingindo-o em cheio. Lembro-me muito bem daqueles primeiros dias: Jesse prostrado numa cadeira de vime, o olhar perdido no espaço, rearrumando a mobília dentro da cabeça, tentando encontrar algum sentido para as coisas, uma saída para o agora inaceitável.

Eu me sentei na varanda, com ele. O céu cinzento parecia uma extensão da rua, como se os dois fossem se encontrar além do horizonte. Contei a Jesse todas as histórias horríveis que já tinha vivido: Daphne, na oitava série (a primeira garota que me fez chorar); Bárbara, no ensino médio (que me dispensou numa roda-gigante); Raissa, na universidade (“Eu te amei, querida, te amei de verdade”) – ao todo, uma meia dúzia de punhaladas.

Contei a ele essas histórias de forma cuidadosa, enfatizando que eu tinha sobrevivido a todas. Sobrevivido a tal ponto que era quase divertido falar sobre elas agora, sobre o horror e a “desesperança daqueles momentos”.

Contei a Jesse essas histórias porque – e isto eu fiz questão de martelar na cabeça dele – queria que ele entendesse que, *hoje, eu não gostaria de estar* com nenhuma daquelas gatas com picador de gelo na mão, nenhuma daquelas garotas e mulheres que me fizeram chorar e sofrer como um verme.

– Elas estavam certas, Jesse. No final das contas, elas tiveram razão em me deixar. Eu não era o cara certo para elas.

– Você acha que Chloë fez bem em me deixar, pai?

Erro de cálculo. Eu não esperava que a conversa tomasse esse rumo.

Às vezes, Jesse ouvia com a ansiedade de um homem que, debaixo d’água, respira por um canudo; como se sua própria sobrevivência dependesse de ouvir a história, como se aquilo lhe desse oxigênio. Em outras ocasiões – e eu tinha que ser cuidadoso ao identificar esses momentos –, a história podia provocar nele fantasias terríveis.

Era como se Jesse tivesse um caco de vidro cravado no pé; ele simplesmente não conseguia pensar em mais nada. “Desculpe por continuar falando sobre isso”, dizia, e em seguida voltava a falar.

O que eu evitei dizer a ele era que, muito provavelmente, aquilo ia piorar, piorar bastante até ele ficar bom, até ele desembarcar no doce presente e pensar: Humm, acho que tenho uma bolha no meu calcanhar. Deixe-me ver... Sim! Eu tenho. Que paraíso voltar a assumir o controle!

Quem acreditaria que isso voltaria a acontecer?

Eu precisava ser cauteloso com os filmes que selecionava para assistirmos. Mas, mesmo quando eu escolhia um que não tinha nada a ver com sexo ou traição (não existem muitos por aí, receio), dava para ver que Jesse usava o monitor da televisão como uma espécie de trampolim para suas fantasias angustiadas; que, ao descansar o olhar naquela direção, ele podia me enganar, fingindo que estava prestando atenção, quando a verdade é que estava mais agitado, dentro de sua cabeça, que um siri preso numa lata. Às vezes, dava até para ouvi-lo gemer baixinho, dolorosamente. “Está tudo bem por aí?”, eu perguntava. Ele esticava o corpo comprido no sofá. “Sim, tudo bem.”

Eu lhe dei outra dose de Tesouros Enterrados, como se estivesse dando a uma criança a sobremesa antes da refeição principal. Qualquer coisa para atrair sua atenção e distraí-lo daquela agonia. Qualquer coisa para fazer Jesse rir um pouco.

Mostrei a ele *Ishtar*. Já fui muito criticado por gostar desse filme de Elaine May, mas continuo firme. Ninguém discorda de que a história tropeça quando os dois músicos fracassados, Warren Beatty e Dustin Hoffman, chegam no reino de Ishtar, no meio do deserto, e se envolvem na política local. Mas, antes e depois disso, há muitas pérolas cômicas – como Warren e Dustin cantando e dançando com turbantes. É o paraíso. *Ishtar* é um filme maravilhoso, cuja carreira foi abortada no nascimento só porque algum jornalista metido a besta estava com inveja das belas namoradas de Warren.

Mas o filme não ajudou Jesse. Era como se eu tivesse lhe mostrado um documentário sobre uma fábrica de pregos.

Assistimos a vários Tesouros Enterrados ao longo das semanas seguintes. Dava para sentir a agitação de Jesse, sentado no sofá ao meu lado. Às vezes, seu corpo se encolhia, como o de um animal à espreita, no escuro. Então, eu parava o filme e perguntava: “Quer continuar a ver?” “Claro”, ele respondia, como se sáísse de um transe.

Sempre gostei de uma história que ouvi sobre Elmore Leonard, o escritor de romances policiais. Na década de 1950, ele trabalhava como redator publicitário da Chevrolet. Para criar uma campanha atraente para uma linha de caminhões de meia tonelada, Leonard saiu a campo a fim de entrevistar os sujeitos que dirigiam aqueles caminhões na vida real. Um rapaz disse: “Não dá para dirigir o mesmo filho da puta sempre. A gente acaba cansando, e compra outro.”

Os executivos da Chevrolet riram quando Leonard lhes apresentou essa frase, mas disseram: “Não, obrigado.” Aquilo não era exatamente o que tinham em mente para mostrar em anúncios do país inteiro. Mas foi

exatamente esse tipo de conversa que apareceu nos romances de Leonard mais de dez anos depois, quando ele passou a se dedicar à ficção policial. Esses diálogos captavam o espírito das pessoas comuns, sem ser exatamente ordinários.

Eu me lembro de um trecho do romance de 1990 de Elmore Leonard, *Get Shorty*^[7]: Quando roubam um casaco caro de Chili Palmer num restaurante, ele não diz: “Ei, onde está meu casaco? Ele custou 400 dólares!” Nada disso. Chama o gerente num canto e diz: “Você está vendo um casaco de couro preto, comprido e com lapela de paletó? Não está vendo? Então você me deve 379 pratas.” Este é um típico diálogo de Elmore Leonard. Divertido e específico.

E que tal aquele pequeno trecho de seu *thriller Cárcere privado*, de 1995, no qual o delegado federal Raylan Givens, que trabalhava para o Grupamento de Apreensão de Foragidos de Palm Beach, encontra dois sujeitos insuspeitos roubando um carro? Leonard escreve: “Raylan apontou sua arma para os dois caras... E fez uma coisa que todo homem da lei sabe que é uma garantia de atenção e respeito. Ele engatilhou a arma, para a frente e para trás, e aquele som metálico, muito mais eficaz do que o sopro de um apito, mostrou aos caras que o negócio deles tinha acabado.”

Já foram feitos muitos filmes baseados em romances de Elmore Leonard. *Hombre*, em 1967, com Paul Newman; *Desafiando o Assassino*, em 1974, com Charles Bronson; *Um Homem Destemido*, em 1985, com Burt Reynolds; e *A Hora da Brutalidade*,^[8] em 1986. Na maior parte dos casos, os filmes mais antigos não assimilam o humor negro e os diálogos extraordinários que caracterizam os romances de Leonard. Foi preciso mais de uma geração até que novos diretores, mais jovens, fizessem a coisa direita. Quentin Tarantino fez um filme admirável, embora um pouquinho longo demais, chamado *Jackie Brown* (1997); *O Nome do Jogo* (1995) capturou o tom de Elmore Leonard; vale lembrar também, *en passant*, que foi John Travolta, a estrela do filme, que insistiu em que os diálogos do roteiro fossem fiéis ao romance.

Depois, em 1998, Steven Soderbergh dirigiu *Irresistível Paixão*, com George Clooney e Jennifer Lopez. Os críticos amaram o filme, mas a bilheteria não foi boa e, em mais uma história triste, ele foi rapidamente esquecido. O que foi muito ruim, porque era um dos melhores filmes daquele ano. É um clássico *Tesouro Enterrado*, e foi por isso que eu quis mostrá-lo a Jesse.

Antes de seguir adiante, pedi que ele prestasse atenção num ator do filme chamado Steve Zhan. Ele interpreta um perdedor completo chamado Glenn. Não sei se chega a roubar o filme de Jennifer Lopez e George Clooney, mas chega bem perto disso. Era um ator desconhecido, aliás

formado em Harvard, que nem sequer conseguiu participar pessoalmente dos testes para o elenco — ele gravou um vídeo e enviou a fita ao diretor. Soderbergh assistiu durante quinze segundos e disse: “Este é o nosso cara!”

Mais uma vez, não sei quanto do filme Jesse realmente viu. Ele parecia se desligar a toda a hora da história, e acho que ficou aliviado quando o filme terminou. Então subiu as escadas correndo.

Mas acertei na escolha seguinte: mostrei um filme que era tão bom, que teve um impacto tão grande em Jesse, que por algumas horas ele parecia ter parado totalmente de pensar em Chloé.

Anos atrás, descendo a rua Yonge, em Toronto, num dia de verão, encontrei um velho amigo. Não nos víamos havia bastante tempo, e decidimos ver um filme de repente — esta é a melhor forma de ir ao cinema. Ali perto, seis filmes estavam em cartaz.

— Você precisa ver este aqui — ele disse. — Simplesmente precisa.

Foi o que fizemos. *Amor à Queima-roupa* (1993), de Tony Scott, é um filme quase insuportável de tão bom. Do tipo que você é obrigado a rever pelo menos duas vezes por ano. Quentin Tarantino tinha 25 anos quando escreveu o roteiro, que envolve cocaína, assassinato e amor. Foi o primeiro roteiro de Tarantino. Durante cinco anos, ele tentou vendê-lo, sem êxito. O texto tinha um tipo de frescor que os mandachugas dos estúdios confundiam com “fazer da forma errada”. Foi só depois que Tarantino dirigiu *Cães de Aluguel* (1992), quando a mídia se interessou por ele, que o diretor inglês quis o roteiro.

Amor à Queima-roupa tem uma cena de oito ou nove minutos que mostra um encontro entre Dennis Hopper e Christopher Walken, que eu considero a melhor sequência da história do cinema (e eu sei que só se pode dizer isso uma vez, portanto, guardei para esta ocasião). É emocionante ver o que bons atores são capazes de fazer quando contam com a “arquitetura” de um bom diálogo. Dá para perceber, também, o prazer que eles estão sentindo em trabalhar juntos. Eles mostram tudo o que têm. Sentado no escuro do cinema, quando a cena começou, e Christopher Walken falou: “Eu sou o anti-Cristo”, meu amigo se esticou na poltrona e disse: “Lá vamos nós.”

Há outras qualidades consideráveis no filme: um Gary Oldman teatral interpretando um traficante com *dreadlocks* no cabelo; ali está um homem tão acostumado com a violência que é capaz de “comer comida chinesa com pauzinhos segundos antes daquilo acontecer”, como Jesse observou. Há também Brad Pitt como um maconheiro californiano, Val Kilmer vivendo o fantasma de Elvis Presley, e assim por diante.

Disse a Jesse que prestasse atenção na declaração de amor ao final do filme, Christian Slater e Patricia Arquette namorando numa praia mexicana,

o sol brilhando como um incêndio dourado, nuvens de um vermelho-sangue atravessando o céu. Ele diz, simplesmente: “Você é demais, você é demais, você é demais.”

Essa última cena fez Jesse se sentir melhor. Deu a ele uma espécie de alívio, como se uma garota bonita estivesse lá fora, esperando para *agarrá-lo* num bar numa noite qualquer, exatamente quando a canção certa estivesse tocando, e também dissesse a ele: “Você é demais.”

Mais tarde tivemos que colocar casacos; a primeira nevada caía em flocos brilhantes, que se desfaziam quando tocavam o solo.

– Eu nunca gostei de ver filmes com Chloë – Jesse disse. – Odiava as coisas que ela dizia.

– Não dá para ficar com uma mulher com quem você não pode ir ao cinema – eu disse (soando como o vovô do seriado *Os Waltons*). – Que tipo de coisas ela dizia?

Ele ficou olhando a neve cair por alguns momentos, e seus olhos pareciam muito brilhantes, à luz das lâmpadas da rua.

– Coisas estúpidas. Ela ficava tentando me provocar. Fazia parte da sua atitude de jovem profissional.

– Parece um pouco cansativo.

– E é quando você está vendo um filme que realmente ama. Você não quer que a outra pessoa fique tentando parecer “interessante”. Quer simplesmente que ela também goste do filme.

Sabe o que ela disse uma vez? Disse que a versão de *Lolita* de Stanley Kubrick, de 1962, é melhor que a de Adrian Lyne, de 1997. – Ele balançou a cabeça e se debruçou para a frente. Por um segundo, parecia um jovem soldado. – Aquilo tem de estar errado. A *Lolita* de Adrian Lyne é uma obra-prima.

– É sim.

– Então mostrei a ela *O Poderoso Chefão* – ele continuou. – Mas antes de começar eu disse: “Não quero ouvir nenhuma crítica sua a este filme, o.k.?”

– O que ela disse?

– Que eu estava sendo “controlador”. Que tinha o direito de ter sua própria opinião.

– O que você disse?

– Eu disse: “Não sobre *O Poderoso Chefão*, você não tem esse direito.”

– E o que aconteceu?

– Tivemos uma briga, acho – ele disse, distraído. (Todos os pensamentos levam a Roma.) A neve parecia cair com mais força agora; espalhava-se pela calçada; dava para vê-la brilhar contra os faróis dos carros que passavam na nossa rua.

– Eu só queria que ela gostasse do filme. Simples assim.

– Não sei, Jesse... Isso não está me parecendo uma verdadeira história de amor. Não conseguem ir ao cinema juntos porque ela irrita você. E não podem sair para passear, porque ela o aborrece.

Ele sacudiu a cabeça.

– É engraçado – ele disse após um momento. – Não consigo pensar em nada disso agora. Só lembro que era muito bom estar com ela.

Minha mulher chegou, a luz da varanda foi acesa, ouvimos o barulho da cadeira sendo arrastada no piso. A conversa foi interrompida, mas recomeçou logo depois. Ela queria participar. Depois de um tempo, deixei os dois sozinhos e entrei. Pensei que Tina talvez tivesse alguma coisa para dizer a ele, algo que pudesse fazer com que se sentisse melhor. Nos anos da universidade, tinha sido uma jovem bastante festeira. Eu sabia que ela podia ajudar a resolver aquele assunto do Morgan, mas algo me dizia que não deveria estar presente, quando ela começasse a falar. Houve um momento em que olhei para fora, pela janela da sala; eles estavam sentados muito próximos um do outro. Ela falando, ele ouvindo. Então, para minha surpresa, ouvi algo que não esperava: o som de risos – eles estavam rindo.

A partir daquele dia, tornou-se uma espécie de ritual para os dois terminar o dia com um papo e um cigarro na varanda. Eu nunca os acompanhei; sabia que era algo particular, e estava aliviado por ver que Jesse tinha agora uma mulher mais velha – e bastante experiente – com quem conversar. Sabia que ela lhe dizia coisas que eu provavelmente desconhecia sobre os seus “anos de gandaia”, como ela os chamava. Eu nunca perguntei sobre o que eles conversavam. É melhor manter algumas portas fechadas.

Consultando minhas fichas amarelas, vejo que pensei em mostrar a ele de novo *A Felicidade não se Compra*, mas, receoso de que ele enxergasse Chloé no papel de Donna Reed, mudei de ideia na última hora e escolhi *O Sopro no Coração* (1971). Eu estava relutando em mostrar um filme de arte francês – sabia que Jesse precisava se distrair –, mas aquele era um filme tão bom, pensei, que valia a pena correr o risco.

Da mesma forma que *Os Incompreendidos*, *O Sopro no Coração*, de Louis Malle, fala sobre o crescimento, sobre a estranha inaptidão, a extravagantemente rica vida interior de rapazes na fase da descoberta do sexo. É um período de notável vulnerabilidade, que os escritores adoram – talvez porque seja uma época em que as coisas ficam gravadas mais profundamente, quando o cimento ainda é fresco.

O garoto de *O Sopro no Coração* parece carregar essa vulnerabilidade no próprio corpo, nos ombros ligeiramente curvados, nos braços finos e compridos, na forma desajeitada com que vai abrindo seu caminho no

mundo, desengonçado como uma girafa. Há nesse filme um incrível sentimento de nostalgia, como se o diretor, Louis Malle, estivesse contando um período de sua vida em que foi muito, muito feliz, mas do qual só se deu conta muitos anos depois. É também um filme que faz o espectador saborear pequenos detalhes da adolescência com um olhar tão perspicaz que tudo parece familiar – todo mundo se identifica e reconhece situações, como se cada um de nós também tivesse crescido numa família francesa, numa pequena cidade na década de 1950.

E que clímax! É difícil acreditar que alguém possa terminar um filme da forma como Louis Malle escolheu terminar esse. Não vou dizer mais nada, exceto observar que às vezes um acontecimento na sua vida faz você perceber que, mesmo que julgue conhecer alguém muito bem, a ponto de achar que entende cada momento importante de sua vida, na verdade, você não conhece, nem entende.

“Meu Deus!”, Jesse disse, olhando-me primeiro com incredulidade, depois com uma certa alegria desconfortável, finalmente com admiração. “Esse é um diretor corajoso!”

Enquanto assistíamos a esses Tesouros Enterrados, Jesse fazia comentários aqui e ali, e eu fiquei surpreso ao constatar quanto ele já tinha aprendido sobre cinema naqueles três anos. Não que isso importasse muito para ele; Jesse teria trocado todo aquele conhecimento, acredito, por um telefonema.

– Sabe de uma coisa? – perguntei depois que o filme acabou. – Você se tornou um excelente crítico de cinema.

– Sério? – ele retrucou, distraído.

– Você entende mais de cinema do que eu entendia quando era o crítico nacional da CBC.

– Mesmo?

Não senti muito entusiasmo. (Por que nunca queremos fazer as coisas que fazemos bem?)

– Você poderia ser um crítico – eu disse.

– Eu apenas sei do que gosto, nada mais. Após um momento, eu disse suavemente:

– Posso fazer um teste?

– Tudo bem.

– Você sabe me dizer de cabeça três inovações que a *nouvelle vague* trouxe para o cinema?

Ele piscou os olhos e se sentou.

– Humm, baixos orçamentos...?

– Sim.

– Câmera na mão...?

- Sim.
- As filmagens passando dos estúdios para as ruas?
- Você consegue citar três diretores da *nouvelle vague*? – perguntei.
- Truffaut, Godard e Eric Rohmer. (Ele estava entrando no jogo.)
- O que quer dizer *nouvelle vague*?
- Nova onda.
- Qual é sua cena favorita de *Os Pássaros*, de Hitchcock?
- A cena que mostra uma floresta vazia por trás dos ombros de Tippi Hedren, e no momento seguinte ela se enche de pássaros.
- Por que essa cena é boa?
- Porque ela sugere à plateia que alguma coisa ruim está para acontecer.
- E como se chama isso?
- Suspense – Jesse respondeu. – Como a segunda escadaria construída por Hitchcock em *Interlúdio*.

Ele acertava todas, e sua segurança o deixava visivelmente satisfeito e *blasé*. Por um momento, tive a impressão de que Jesse estava fantasiando que Chloë estava ali na sala, ouvindo tudo.

- Quem era o diretor de fotografia favorito de Bergman?
- Essa é fácil. Sven Nykvist.
- Nykvist trabalhou com Woody Allen em qual filme?
- Na verdade foram dois: *Crimes e Pecados* e *A Outra*.
- O que tornava um filme bom, segundo Howard Hawks?
- Três cenas boas e nenhuma ruim.
- Em *Cidadão Kane*, um homem descreve algo que viu numa doca, em New Jersey, cinquenta anos antes. O que era?
- Uma mulher com uma sombrinha.
- Última pergunta. Se você acertar, terá direito a jantar fora de novo. Diga o nome de três diretores do movimento New Hollywood.

Ele esticou o dedo indicador.

- Francis Ford Coppola – pausa –, Martin Scorsese – pausa mais longa –, Brian De Palma.

Depois de algum tempo, eu disse:

- Entende o que eu quero dizer?

Isso deve ter criado alguma energia no ar, porque mais tarde, naquela noite, Jesse colocou um CD-ROM no meu computador.

- É forte – ele disse, como introdução.

Era uma canção que ele havia escrito no norte, numa daquelas noites

em que o vento batia na janela, quando Chloë tinha ido embora para nunca mais voltar. A música começava com uma frase de violino que se repetia várias vezes, então entravam a bateria e o baixo, e depois a voz dele.

Eu sei que a maioria das pessoas acha que seus filhos são uns gênios, mesmo quando não são (é por isso que penduramos seus desenhos malfeitos na parede como se fossem telas de Picasso). Mas sobre essa canção, “Angels” – outro dia a escutei de novo, muito tempo depois daquela história com Chloë –, posso afirmar o seguinte: tem alguma coisa realmente boa naquela mensagem para uma jovem mulher traçoeira. Havia uma segurança na dicção que não parecia vir *daquele* garoto sentado ao meu lado no sofá, murmurando a letra.

Mas não foi isso o que mais me impressionou, e sim a letra da música. Ora recriminando, ora implorando, aquelas palavras eram duras, feitas para ferir, obscenas, como se o compositor estivesse se virando do avesso, debatendo-se como um peixe. Mas ela era, sobretudo, *verdadeira*; nada daquela baboseira sobre crescer no gueto, ou sobre a ganância das corporações, ou sobre abrir caminho na vida em meio a agulhas e preservativos no quintal da sua infância. “Angels” era a vida como ela é, como se alguém arrancasse um pedaço da própria pele e gravasse o grito de dor.

Ouvindo a canção, eu me dei conta – com alívio, estranhamente, mais do que com desconforto – de que Jesse tinha mais talento do que eu. Quero dizer, talento natural. E foi a angústia provocada por Chloë que revelou isso nele. Ela havia queimado a gordura infantil da sua escrita.

Quando a voz no CD diminuiu, e o violino plangente parou de tocar (era como uma serra indo e vindo, como uma ferida sendo sempre reaberta), ele perguntou:

– O que você acha?

Devagar, pensativamente, de forma que ele pudesse saborear cada momento, respondi:

– Eu acho que você tem muito talento para queimar.

Ele se levantou exatamente da mesma maneira como fizera quando lhe perguntei se queria parar de ir à escola.

– Não é ruim, né? – ele perguntou, excitado, e eu pensei que aquele seria o caminho para esquecer Chloë.

Cheguei em casa tarde, naquela noite. A luz da varanda estava apagada. Eu não o vi até praticamente tropeçar nele.

– Meu Deus – eu disse. – Você me assustou.

Pela janela, eu podia ver Tina na cozinha levemente iluminada, e fui falar com ela.

Normalmente, Jesse, ansioso por conversar, teria me seguido pela casa, falando sobre assuntos variados. Às vezes ele ficava plantado do lado de fora do banheiro, falando através da porta. Contei à minha mulher as boas notícias do dia (um trabalho aqui, outro ali, propostas que surgiam de vários lugares) e voltei a sair. Acendi a luz da varanda. Jesse virou a cabeça para mim, com um sorriso apertado nos lábios.

– Você sabe aquilo que eu tinha medo que acontecesse? – perguntou.

– Sim.

– Aconteceu.

Um amigo tinha telefonado e lhe dera a notícia.

– Tem certeza?

– Sim.

– Como você sabe que é Morgan?

– Porque ele contou ao meu amigo.

– E seu amigo contou a você?

– Isso.

– Deus, por que ele faria isso?

– Porque ainda gosta dela.

– Quer dizer, por que seu amigo contaria a *you*?

– Porque ele é meu amigo.

A chinesa do outro lado da rua apareceu com uma vassoura, e começou a varrer seus degraus com vigor. Eu mal ousava olhar para Jesse.

– Acho que ela está cometendo um erro terrível – eu disse, impotente.

A chinesa continuava varrendo, balançando a cabeça para lá e para cá, como um passarinho.

– Eu jamais vou aceitá-la de volta agora. Jamais.

Ele se levantou da cadeira e desceu os degraus da varanda, e nesse momento reparei nas suas orelhas. Estavam vermelhas, como se ele as estivesse esfregando, debruçado na cadeira. Havia algo com suas orelhas vermelhas, com a forma de andar, afastando-se – como se não soubesse para onde ir, como se tudo no mundo, todas as ações possíveis fossem fúteis diante *dela*, como se todo o seu horizonte se resumisse a um estacionamento de carros vazio. Tudo isso me apertava o coração, me dava vontade de gritar seu nome.

(1947), mas ele queria ver *Amores Expressos*. Ele trouxe o filme de seu quarto.

– Você se importa? – ele disse. – Eu quero ver alguma coisa da época em que ainda *não conhecia* a Chloë. – Mas, na metade do filme, na cena em que uma garota magra dança e cantarola “California Dreamin’” em seu apartamento, ele quis parar de assistir. – Não está funcionando – ele disse. – Eu achava que esse filme ia me inspirar.

– Em que sentido?

– Você sabe... Eu superei a Rebecca; agora vou superar a Chloë.

– Mesmo?

– Mas não consigo. Não consigo me lembrar de como era *gostar* de Rebecca. Isso só me faz pensar ainda mais em Chloë. O filme é romântico demais. Está me fazendo suar nas mãos.

Ele não voltou para casa na noite seguinte, deixando, em vez disso, um recado na secretária eletrônica com um tom bastante tenso e solene, avisando que passaria a noite no “estúdio”. Eu nunca vi esse lugar, mas sabia que era pequeno, “sem espaço para um gato se lambar”. Ou seja, onde exatamente Jesse iria dormir? E havia ainda o tom de sua voz, com aquela estranha gravidade. A voz de um jovem confessando que roubou um carro.

Dormi mal aquela noite. Perto das oito, na manhã seguinte, ainda perturbado, liguei para o celular de Jesse e deixei uma mensagem, dizendo que esperava que ele estivesse bem e pedindo que ligasse para o seu pai, quando tivesse um tempinho. Então, sem qualquer motivo especial, acrescentei que sabia que ele estava se sentindo péssimo, mas que, se ele usasse drogas de qualquer espécie, especialmente cocaína, provavelmente acabaria num hospital. Ou talvez morresse.

“Com a cocaína não tem volta”, eu disse, andando para lá e para cá no meu quarto vazio, o sol começando a iluminar a varanda, lá fora. “Não existem atalhos.” Eu soava pomposo e bastante convincente. Mas, ao colocar o fone no gancho, eu me sentia mais calmo, sentimentalmente por ter falado a verdade. Ao menos eu falei.

Vinte minutos depois, Jesse ligou de volta. Estranho ele estar acordado tão cedo. Mas lá estava ele, parecendo um pouco melancólico e desconfiado, como se alguém estivesse apontando uma arma para ele, ou o vigiando bem de perto enquanto falava comigo.

– Está tudo bem? – perguntei.

– Sim, tudo muito bem.

– Você não parece tão bem, pela sua voz.

Isso provocou uma reação súbita.

– Na verdade, estou passando por algo bem desagradável aqui.

– Eu sei que sim, Jesse. – Fiz uma pausa. Ele não mordeu a isca. –

Então a gente se vê à noite.

– Talvez eu esteja ensaiando – ele disse.

– Bom... Gostaria de ver você depois. Podemos tomar uma taça de vinho com Tina.

– Vou fazer o possível – ele disse.

Fazer o possível. (Eu não estou pedindo uma doação para o banco de sangue, filho!)

Tive a forte impressão de que não devia pressioná-lo, pois Jesse estava longe, muito longe, sobre uma camada de gelo muito fina, que podia se quebrar a qualquer momento. Então eu me despedi.

O dia estava estranhamente bonito, muito ensolarado: as árvores viçosas, as nuvens recortando o céu. Um dia irreal.

O telefone tocou novamente. Uma voz apática, sem nenhuma inflexão.

– Desculpe por ter mentido para você – Jesse disse. Pausa. – Eu *realmente* usei drogas na noite passada. Agora estou no hospital. Achei que estivesse tendo um ataque cardíaco. Minha mão esquerda ficou dormente, então chamei uma ambulância.

– Puta que o pariu – foi tudo o que consegui dizer.

– Desculpe, pai.

Onde você está agora? Ele disse o nome do hospital.

– E onde diabos fica isso?

Deu para perceber que ele cobriu o fone com a mão. Depois voltou e me deu o endereço.

– Você está na sala de espera?

– Não, estou com enfermeiras. Na cama.

– Fique onde está.

Momentos depois, quando eu estava me vestindo, a mãe de Jesse ligou. Estava ensaiando uma peça no fim da rua e perguntou se podia aparecer para almoçar.

Peguei Maggie no carro de Tina e fomos para o hospital, onde estacionamos e andamos cerca de um quilômetro pelos corredores, até falarmos com alguém na recepção da emergência. Portas abriam e fechavam, grupos de médicos, enfermeiras e paramédicos de uniforme azul passavam para lá e para cá. Viramos à esquerda, depois à direita, até o leito número 24. Lá estava ele. Mais pálido que a morte. Os olhos vidrados, os lábios brancos e rachados, as unhas sujas. Um monitor de batimentos cardíacos fazia bipes sobre a cabeça dele.

Maggie o beijou ternamente na testa. Eu olhei para ele com frieza, depois para o monitor. Perguntei:

– O que os médicos disseram? – Eu não conseguia tocá-lo.

– Disseram que tive uma taquicardia. Meu coração estava acelerado,

mas não foi um ataque cardíaco.

– Eles disseram que não foi um ataque cardíaco?

– Eles acham que não.

– É o que eles acham ou o que eles *sabem*?

Maggie me lançou um olhar de censura. Coloquei minha mão sobre a perna dele. E disse:

– Foi bom você ter chamado uma ambulância. – E quase disse, em seguida (mas parei a tempo), que esperava não ter que pagar aquilo.

Então Jesse começou a chorar. Ele olhava para o teto pintado de branco, e as lágrimas corriam por suas bochechas.

– Ela venceu – ele disse.

– Quem?

– Chloë. Ela venceu. Ela deve estar se divertindo com seu antigo namorado, enquanto estou aqui nesta droga de hospital. Ela venceu.

Parecia que um par de dedos fortes estava arrancando meu coração. Achei que fosse desmaiar. Então me sentei.

– A vida é longa, Jesse. Você não sabe quem vai vencer, no fim das contas.

– Como isso foi acontecer? – ele soluçou. – Como isso pôde *acontecer*?

Pude sentir meu peito começar a tremer. E pensei: “Deus, por favor, faça-o parar de chorar.”

– Ela ligou para esse cara e transou com ele – ele disse, me olhando de um jeito tão sofrido que tive de desviar o rosto.

– Sei que as coisas estão parecendo péssimas – falei.

– Elas são péssimas – ele gritou. – Realmente desoladoras. Não me sinto capaz sequer de dormir ou fechar os olhos. Não consigo tirar essas imagens da minha cabeça. Ele vai morrer por causa disso, pensei. E disse a ele:

– Em parte, tudo parece tão ruim por causa da cocaína, filho. Acaba com todas as suas defesas. Faz as coisas parecerem ainda piores do que são.

– Palavras inúteis, desprezíveis, vazias. Como pétalas de flores no caminho de um tanque de guerra.

– Sério? – ele perguntou, e seu estranho tom de voz, como o de um homem que procura um salva-vidas, me estimulou a ir adiante. Falei durante quinze minutos; os olhos de Maggie não se desviaram do rosto dele um instante sequer. Eu falava, falava e falava, colocando para fora tudo o que podia dizer. Eu me sentia como se estivesse tateando num quarto escuro, procurando com meus dedos aqui e ali, num bolso, sobre uma mesa, sob uma peça de roupa, atrás do abajur, tentando adivinhar a combinação certa de palavras que pudesse prolongar aquele alívio momentâneo.

– Você pode superar essa garota, mas não vai conseguir fazer isso

usando cocaína — eu disse.

— Eu sei — ele concordou.

Eles tinham acabado de entrar no estúdio para ensaiar, ele contou. Durante o dia inteiro estava com a sensação de que Jack sabia de alguma coisa que não queria contar a ele. Talvez Chloë o estivesse enganando havia muito tempo, talvez Morgan fosse o melhor do mundo... enfim. Então ele perguntou:

“Você sabe de alguma coisa que não quer me contar?”

E Jack, cuja namorada mal conhecia Chloë, disse que não. Jesse colocou mais pressão. Não, não havia novidades, apenas o que ele já tinha contado pelo menos cinco vezes: que ela tinha ligado para Morgan, que ele pegou um ônibus e foi para Londres, que eles passaram a noite no apartamento ouvindo alguma música “realmente legal”. E, então, ela transou com ele. Essa era a história, de verdade, e era tudo o que ele sabia.

Nesse momento alguém apareceu com a cocaína. E, de repente, sete horas depois, todos estavam dormindo, Jesse ajoelhado no chão procurando no carpete por vestígios de cocaína que pudessem ter caído da mesa. Foi aí que ele começou a sentir a dormência no braço. Ele saiu para a rua, o sol forte refletia nos vidros dos carros. Achou um bar aberto e disse que precisava chamar uma ambulância; o balconista disse: “Nós não fazemos isso aqui.”

Aí ele procurou uma cabine telefônica — já era quase meio-dia agora, tudo estava muito acelerado, muito assustador. Ele ligou para a emergência, sentou na calçada e esperou a ambulância chegar. Eles o colocaram na parte de trás e o levaram para o hospital; pela janela da ambulância ele podia ver as ruas ensolaradas ficando para trás; uma enfermeira lhe perguntou o que ele tinha tomado e pediu o telefone de seus pais; ele se recusou a dar.

— E aí eu simplesmente desisti — ele disse. — Desisti e contei tudo a eles.

Por um momento, ninguém disse nada; apenas ficamos olhando nosso filho tão pálido, cobrindo o rosto com as mãos.

— Foi a única coisa que eu pedi para ela não fazer — ele disse. — A única coisa. Por que ela foi fazer justamente isso?

Dava para ver nos seus traços pálidos e infantis: *Ela faz isso com ele, ele faz aquilo com ela.*

— Foi realmente péssimo ela fazer isso — falei.

O médico entrou, um jovem italiano, com cavanhaque e bigode, muito sólido. Perguntei a Jesse:

— Você pode ser sincero com o médico, se ficarmos aqui?

— Isso é importante, ser sincero — o médico disse, como se alguém tivesse falado algo muito inteligente.

Jesse respondeu que sim. O médico fez algumas perguntas, auscultou seu coração e suas costas.

– Seu organismo não gosta de cocaína – ele disse, sorrindo. – Parece que não gosta de cigarros, também. – Ele se levantou. – Você não teve um ataque cardíaco – ele disse, explicando alguma coisa que eu não entendi, e imitando o coração com seu punho fechado, para demonstrar como seria uma parada cardíaca. – Mas vou lhe dizer uma coisa. Sempre que alguém da sua idade *tem* um ataque cardíaco, é por causa de cocaína. Sempre.

Então o médico saiu. Três horas depois, nós também fomos embora; deixei a mãe dele na estação do metrô e levei Jesse de volta para minha casa. Quando entramos no carro, Jesse voltou a chorar.

Eu sinto tanta falta dela! – ele disse. – Tanta! Então eu também comecei a chorar. E disse a ele:

– Eu faria qualquer coisa para ajudar você, qualquer coisa. – E continuamos os dois a chorar.

E então um milagre aconteceu (mas não chegou a ser uma surpresa para mim). Chloë, a carreirista em ascensão social, aparentemente estava começando a repensar as coisas. Segundo os boatos, ela tinha dispensado Morgan. Sentimentos afloraram. A melhor amiga dela “encontrou” Jesse numa festa e lhe disse que Chloë estava sentindo muita falta dele, “de verdade”.

Tive a impressão de que a cor havia voltado ao rosto de Jesse; até mesmo seu jeito de andar mudara, com uma alegria que ele não conseguia esconder. Ele me mostrava músicas e músicas. O *Corrupted Nostalgia* parecia ser, como se diz no mundo dos negócios, uma aposta quente. Eles fizeram uma apresentação num bar no final da rua Queen. Eu continuei de fora.

Sentindo que seu interesse pelas nossas sessões de Tesouros Enterrados estava esfriando, tentei enxergar mais longe. Algo que exercitasse sua escrita, já que agora ele parecia estar seguindo nessa direção. É claro, pensei: veríamos um grupo de filmes com roteiros extraordinariamente bem escritos. Começaríamos por *Manhattan* (1979), de Woody Allen. Daríamos então uma olhada em *Pulp Fiction* – *Tempo de Violência* (1994), de Tarantino, sublinhando a diferença entre um roteiro engraçado e um roteiro real. Por mais divertido que seja, por mais espertos e ágeis que sejam seus diálogos, não existe sequer um momento verdadeiramente humano em *Pulp Fiction*. Pensei que deveria contar a Jesse que Tchekov, quando assistiu à peça *Casa de Bonecas*, de Ibsen, num teatro em Moscou, virou-se para um amigo e disse: “Veja, Ibsen não é um dramaturgo de verdade... Ele não conhece a vida. A vida simplesmente não é assim.”

Então, por que não mostrar a Jesse *Tio Vânia em Nova York*, de Louis Malle? Ele era muito novo para Tchekov – o filme poderia entediá-lo, de fato. Mesmo assim, achava que Jesse poderia gostar do Vânia rabugento, romântico e um pouco louco interpretado por Wally Shawn, especialmente da cena em que ele resmunga sobre o professor Seribriakov. “Não podemos fazer tudo ao mesmo tempo, falar, escrever e trabalhar, como se fôssemos máquinas!”

Sim, Jesse gostaria do tio Vânia. “Tempo excelente para um suicídio!”

Depois, como sobremesa, eu lhe mostraria *Uma Aventura na Martinica* (1944). Que credenciais! Baseado no romance *Ter e não ter*, de Ernest Hemingway (na época solitário, enxugando martinis e se entupindo de remédios para escrever textos absurdos às quatro da manhã); com roteiro do apreciador de Lolitas, William Faulkner, e com aquela grande cena com a dupla Humphrey Bogart/Lauren Bacall, quando ela se oferece a ele num

hotel à beira da praia dizendo o seguinte: “Você não precisa fazer nada, nem dizer nada. Talvez apenas assoviar. Você sabe assoviar, não sabe, Steve? Basta apertar os lábios e soprar.” Texto exibicionista da melhor qualidade.

Falando nisso, eu também lhe mostraria *O Sucesso a Qualquer Preço* (1992),^[9] escrito por David Mamet (isso, sim, exibicionismo). Numa agência imobiliária de terceira categoria, corretores fracassados duelam verbalmente com um “motivador”. “Largue já esse café”, Alec Baldwin diz a um atordoado Jack Lemmon. “Só se toma café quando se fecha um negócio!”

Era isso que eu planejava. Em seguida, talvez, mais um pouco de cinema *noir*, *Anjo do Mal* (1953)... Tínhamos tudo isso pela frente.

Então chegou a época do Natal. Eu e Jesse do lado de fora da casa, vendo a neve cair. Luz de holofotes rodopiando no céu invernal, à procura de Deus sabe o quê, celebrando Deus sabe o quê. Ele ainda não tinha visto nem falado com Chloë Stanton-McCabe: nenhum telefonema, nenhum e-mail, mas ela deveria voltar a qualquer momento, para passar uma semana com os pais. Haveria uma festa. E ele a veria lá.

– E se ela fizer tudo de novo? – ele perguntou.

– Como assim?

– Se me trocar por outro cara.

Aquela altura, eu tinha decidido não fazer previsões infundadas, do tipo “pode ter certeza de uma coisa” (eu nem sequer tinha suspeitado da aproximação de Morgan, afinal de contas).

– Você sabe o que Tolstoi dizia? – perguntei.

– Não.

– Ele dizia que uma mulher nunca pode magoar um homem duas vezes com a mesma intensidade.

Vimos um carro entrar na rua pela contramão.

– Você acha que isso é verdade? – ele perguntou.

Pensei seriamente no assunto. (Ele se lembra de tudo. Cuidado com o que vai prometer.) Fiz uma rápida retrospectiva da lista de mulheres que me abandonaram (uma lista surpreendentemente longa). E era verdade, sim. Nenhuma delas me deixara igualmente magoado uma segunda vez. Mas também me dei conta, por outro lado, de que, na maioria dos casos, se não em todos, eu não tive sequer a *chance* de ser magoado uma segunda vez pela mesma mulher. Quando os meus amores frustrados partiam, em geral partiam de vez.

– Sim – eu disse, após refletir. – Acho que é verdade, sim.

Algumas noites depois, a poucos dias do Natal, eu estava montando a árvore. O pisca-pisca não estava funcionando direito, só algumas luzes piscavam, um problema insolúvel de eletricidade que apenas minha mulher

podia resolver. Então ouvi o costumeiro barulho de pés se arrastando na escada. Um aroma forte de desodorante (aplicado com exagero) invadiu a sala, e o jovem príncipe saiu no ar frio, ao encontro de seu destino.

Ele não voltou para casa naquela noite. Na manhã seguinte, tinha um recado na secretária eletrônica, com uma voz que tentava soar adulta e masculina. Do lado de fora, uma pequena camada de neve cobria a grama, e o sol começava a despontar no céu. Mais tarde Jesse apareceu, e os detalhes da noite foram breves, mas reveladores. De fato ele tinha ido à tal festa, com um grupo de amigos. Chegaram tarde, todos usando bonés e camisetas largas sob os agasalhos com capuz. Chloë estava lá, na sala abarrotada e enfumaçada, onde tocava uma música ensurdecedora. Conversavam por apenas alguns momentos, quando ela disse: “Se ficar me olhando desse jeito, vou ter que beijar você.” (Meu Deus, onde é que elas aprendem essas coisas? Será que ficam lendo Tolstoi em casa antes de sair para as festas?)

Ele foi vago (como deve ser) sobre o que aconteceu depois. Eles ficaram juntos na festa; de repente não havia pressa, para nenhum dos dois; algo estranho, mas verdadeiro, como se os últimos meses não tivessem sido reais, como se nunca tivessem acontecido. (Mas aconteceram, e haveria muito a conversar sobre *isso*, depois.) Por ora, contudo, era como se eles estivessem descendo uma ladeira numa bicicleta sem freios; não dava para interromper aquilo, nem mesmo se quisessem.

Quando eu penso no clube do filme, agora vejo que essa foi a noite em que ele começou a terminar. Essa noite disparou uma nova etapa, um capítulo diferente na vida de Jesse. Na época, eu não percebi isso; na época, parecia que tudo continuava igual, e que poderíamos voltar ao clube. A-hã.

Mas mesmo agora, ao escrever estas palavras, sou cauteloso. Lembro minha última entrevista com David Cronenberg, durante a qual comentei, com um pouco de melancolia, que educar filhos era uma sequência de despedidas, um adeus após outro – às fraldas, aos agasalhos de neve, depois às próprias crianças. “Eles passam a vida partindo”, eu falei, e Cronenberg, que também tem filhos adultos, me interrompeu: “Sim, mas será que eles realmente partem?”

Algumas noites mais tarde, o impensável aconteceu. Jesse me convidou para seu show. Estava tocando naquele clube da esquina, onde os Rolling Stones haviam se apresentado uma vez, e na ocasião a ex-esposa do primeiro-ministro canadense tinha ido para casa com um dos guitarristas da banda, se não me engano. O mesmo lugar onde eu tinha sido barrado por Jesse, um ano antes. Resumindo, era um lugar cheio de histórias.

Recomendou que eu estivesse na porta do clube um pouco antes de uma da manhã, e que me comportasse – isto é, nada de embaraçosas manifestações de carinho, nada que pudesse arranhar sua aura de

heterossexual perigoso e durão, de um cara “da rua”. Concordei prontamente. Tina não foi convidada. Dois adultos com o olhar lacrimajante seriam demais para ele. Ela concordou, sem problemas. É uma mulher magra, com pouca gordura no corpo, e a ideia de sair em uma noite gelada, de esperar possivelmente 45 minutos numa fila do lado de fora, de madrugada, enquanto rajadas de granizo sopravam do lago Ontário, derretiam e enlameavam a rua, acabava com qualquer curiosidade.

Assim, à meia-noite e meia eu me aventurei pelas ruas geladas, atravessei o parque e desci uma rua deserta em Chinatown, ouvindo o ruído lascivo dos gatos ocultos nas sombras. Virei a esquina, e o vento frio passou a vir de trás, até que cheguei à porta do El Mocambo. Aparentemente, o mesmo grupo de jovens da outra vez esperava do lado de fora, fumando cigarros, falando alto e dando risadas, com o ar se congelando diante das suas bocas como num desenho animado. E lá estava ele. Jesse veio depressa falar comigo.

– Você não vai poder entrar, pai – ele disse. Parecia em pânico.

– Por que não?

– Não parece muito bom lá dentro.

– Como assim?

– Está um pouco vazio, a banda anterior tocou por tempo demais, perdemos parte do público...

Aquilo já era o bastante para mim.

– Você me fez sair de uma cama quentinha numa noite gelada, me vestir e vir até aqui à uma hora da manhã. Fiquei esperando durante *dias* por esse momento, e agora você me diz que não posso entrar?

Poucos minutos depois Jesse estava me levando para cima, pela escada, passando pela cabine telefônica onde ele me surpreendera da outra vez. (O tempo estava passando depressa.) Entramos numa sala pequena e de pé-direito baixo, muito escura, com um pequeno palco no final. Umhas poucas moças magrelas estavam sentadas nas cadeiras ao lado do palco, balançando as pernas e fumando cigarros.

Ele não precisava ter se preocupado com a plateia; dez minutos depois, chegou um grande grupo de rapazes negros fortes, com redes nos cabelos e moças altíssimas exageradamente maquiadas com delineadores negros (elas pareciam guaxinins mal-assombrados). E Chloë. Chloë com o seu piercing de diamante no nariz e seus longos cabelos louros. (Ele tinha razão – ela realmente parecia uma estrela de cinema.) Ela me cumprimentou com os modos alegres de uma aluna de escola particular que encontra o diretor durante as férias de verão.

Sentei no canto mais afastado, entre cubos pretos gigantes (nunca descobri o que eram – alto-falantes quebrados, caixas descartadas, quem

sabe). Estava tão escuro que eu mal podia distinguir os traços das duas moças que estavam ao meu lado. Mas podia sentir seu perfume – e ouvir sua conversa picante.

Jesse me deixou lá com a recomendação tácita de ficar quieto. Ele precisava cuidar de “alguns negócios”, disse, antes de sair.

Sentado na escuridão, meu coração batia com ansiosa expectativa. Eu esperei. E esperei. Mais adolescentes chegaram, a temperatura subiu; finalmente, um jovem subiu ao palco (será que Mick Jagger ficara ali?) e cumprimentou a plateia, em meio a gritos, pedindo que “aquela porra” começasse logo, era hora do Corrupted Nostalgia!

Nada menos que Corrupted Nostalgia. Então dois jovens magros subiram ao palco, Jesse e Jack. Começaram a tocar “Angels”, Jesse encostou o microfone nos lábios e cantou aquela letra revoltada, aquele grito de Tristão contra Isolda. Chloë estava de costas para mim (nenhum Morgan à vista), uma fileira de punhos erguidos na direção do palco.

E lá estava ele: Jesse, meu filho querido, desligado de mim, completamente diferente de mim, andando pelo palco, comandando a cena naturalmente. Aquele era um outro filho; aquele eu nunca havia visto.

As letras continuavam, amargas, humilhantes; Chloë de pé no meio da multidão agitada, a cabeça ligeiramente virada para o lado, como se para evitar aquela violenta enxurrada de palavras; a impetuosidade, os braços da plateia esticados como galhos de árvores na direção do palco, acenando para cima e para baixo...

Para Jesse e para mim, tudo estava mudando. Depois de alguns meses na estrada, ele fez um videoclipe de “Angels”; Chloë interpretava “a garota” (a atriz que faria o papel teve um problema com cocaína e não apareceu). Vieram outros jantares no Le Paradis, outros cigarros na varanda com Tina (posso ouvir os altos e baixos da voz conspiratória deles enquanto escrevo), outros filmes, mas agora nos cinemas, nós dois sentados nas poltronas do canto esquerdo, na nona ou na décima fileira, no “nosso território”. Vieram brigas e reconciliações com Chloë Stanton-McCabe, com desdobramentos variados; houve ressacas e recaídas de mau comportamento de Jesse, uma súbita paixão por textos de culinária, uma rápida aprendizagem com um *chef* japonês e uma invasão “humilhante” da cena musical britânica (“Eles têm seus próprios rappers lá, pai!”).

Houve também um suspeito cartão de aniversário de (quem mais poderia ser?) Rebecca Ng, atualmente em seu segundo ano na faculdade de direito.

Então, um dia, sem mais nem menos, Jesse disse:

“Quero voltar para a escola.”

Ele se inscreveu num curso intensivo de três meses de matemática,

ciências, história, todos aqueles horrores que o tinham derrotado anos antes. Eu não pensei que fosse dar certo, não via Jesse sentado por horas a fio num banco de escola, fazendo todos aqueles deveres de casa etc. Mais uma vez, eu estava errado.

Sua mãe, que tinha sido professora do ensino médio, lhe dava aulas particulares na sua casa, em Greektown. Nem tudo foram flores, especialmente a matemática. Às vezes, ele se levantava da mesa da cozinha, com raiva e frustração, e saía correndo feito um louco pelo quarteirão. Mas sempre voltava.

Jesse começou a dormir lá — isso tornava as coisas mais simples pela manhã, ele explicou, “para começar logo a estudar”. Então ele simplesmente deixou de voltar para minha casa.

Na noite da véspera do exame final, ele me telefonou.

“Não sei como isso vai terminar”, ele disse, “mas quero que você saiba que eu realmente tentei.”

Algumas semanas depois, um envelope branco chegou na minha caixa de correio; eu mal pude olhar enquanto Jesse subia os degraus da varanda, as mãos tremendo, balançando a cabeça para a frente e para trás, à medida que lia o que estava escrito.

“Eu consegui!”, ele gritou sem erguer os olhos. “*Eu consegui!*”

Jesse não voltou mais para minha casa. Ficou morando com a mãe, e depois passou a dividir um apartamento com um amigo da escola. Teve um problema com uma garota, eu acho, mas foi logo resolvido. Ou não. Não lembro direito.

Nunca chegamos a assistir ao módulo de “Grandes Roteiros”. Simplesmente ficamos sem tempo. Mas não tinha importância, imagino; sempre restaria algo por ver, no final das contas.

Jesse superou o clube do filme e, de certa forma, superou a mim também, superou a etapa de ser um menino aos olhos do pai. Anos antes, já dava para pressentir a chegada desse dia, aos pouquinhos, mas então, subitamente, tinha acontecido. Não dava mais para segurá-lo.

Algumas noites, entro no quarto dele, no terceiro andar da casa, e me sento na beirada da cama. Sua partida parecia irreal, e nos primeiros meses o quarto parecia assombrado. Notei que Jesse tinha deixado o DVD de *Amores Expressos* na mesa de cabeceira; não tinha mais qualquer utilidade, pois ele assimilou o que era preciso e o deixou para trás, como uma cobra que se desprende de sua pele.

Sentado na cama, eu me dei conta de que Jesse nunca mais voltaria, ao menos não da mesma forma que antes. A partir de agora, ele seria um visitante. Mas que presente estranho, milagroso e inesperado tinham sido aqueles três anos da vida de um jovem, numa época em que normalmente

ele estaria batendo a porta na cara dos país!

E como eu tinha sido afortunado (embora certamente não parecesse assim, na época) por não ter um emprego, por ter tido tanto tempo livre à disposição. Dias, tardes e noites. *Tempo*.

Ainda sonho com um módulo de “Filmes Superestimados”. Tenho muita vontade de falar com Jesse sobre *Rastros de Ódio* (1956), de John Ford, e sobre os elogios e as análises exageradas que o filme recebeu; ou sobre a canastrice maligna de Gene Kelly em *Cantando na Chuva* (1952). Algum dia encontraremos tempo, Jesse e eu, mas não *aquele* tipo de tempo, não aquele tempo sereno e às vezes maçante que significa viver com alguém, um tempo que a gente acha que vai durar para sempre, e que então, um dia, simplesmente desaparece.

Muitas outras coisas viriam pela frente, muitas: o primeiro dia de Jesse na faculdade, seu prazer inexprimível ao ganhar a carteirinha de estudante com seu nome e sua fotografia, sua primeira monografia (“O papel dos múltiplos narradores em *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad”), sua primeira cerveja depois da aula com um colega de turma.

Mas, por ora, ele era apenas um rapaz alto, no palco de um velho clube da cidade, com um microfone na mão e seu pai escondido na plateia. Sentado lá, na escuridão, no meio daquelas moças com olhos pintados demais e agasalhos de esqui, confesso que tive uma ligeira e secreta vontade de chorar. Não sei ao certo por que eu estava chorando — por causa dele, suponho, *por* ele e pela natureza fugidia e irrecuperável do tempo. E, o tempo todo, aquelas palavras de *Amor à Queima-roupa* voltavam à minha cabeça: “Você é demais, você é demais, você é demais...”

AGRADECIMENTOS

Escrever um livro sobre seus parentes, particularmente se você os adora, é uma experiência angustiante, que não desejo repetir tão cedo. Por isso meus primeiros agradecimentos são para meu filho, Jesse, por me confiar seu perfil, e por permitir sua publicação sem leitura prévia. Agradeço também à mãe dele, Maggie Huculack, por muito mais coisas do que poderia enumerar aqui. Também quero ressaltar o fato de que minha filha Maggie Gilmour (agora uma adulta, vivendo em Chicago), mesmo sem aparecer nesta história, ocupa um lugar enorme e insubstituível na minha vida. Devo agradecimentos – e provavelmente dinheiro – à mãe dela, Anne Mackenzie, ao menos pelos últimos quarenta anos.

Dedico este livro ao meu editor, Patrick Crean, pela recuperação de minha vida literária; agradeço também ao meu agente, Sam Hiyate, por demonstrar interesse e entusiasmo em uma época em que meu telefone, aparentemente, fora desligado.

Obrigado a Jonathan Karp, Nate Gray e Cary Goldstein, da Twelve; a Marni Jackson, pela indicação de Tolstoi; e aos garotos e garotas da Queen Video, por suas incansáveis improvisações até nas mais medíocres locações de uma noite para a outra. Como sempre, devo agradecer aos garçons do restaurante Le Paradis, onde partes deste livro foram escritas.

E é claro que sem o amor e o suporte constantes de minha mulher, Tina Gladstone, eu não sei o que seria deste livro, e de mim.

NOTAS DO REVISOR TÉCNICO

¹ As descrições que o autor compartilha com os leitores são mediadas por sua relação afetiva com os filmes que viu. Por isso, ao abordar *Os Incompreendidos*, ele descreve as árvores do percurso do personagem, o menino Doinel, como macieiras. Ele as pressupõe assim, embora a cena mostre árvores de diferentes espécies. O termo “macieira”, apesar de redutor, estabelece uma singular relação sensorial com o leitor.

² Essa produção, *Vulcão*, remete ao filme *A Sombra do Vulcão* (*Under the Volcano*), dirigido por John Huston em 1984, com Albert Finney e Jacqueline Bisset, baseado no romance de Malcolm Lowry. Concorreu aos Oscars de melhor ator (Finney) e trilha sonora original.

³ No Brasil, o filme *Um Bonde Chamado Desejo*, de Elia Kazan, teve o título *Uma Rua Chamada Pecado*, em função da tradução da peça de Tennessee Williams, *A Streetcar Named Desire*, no país. Em sua estreia nos palcos brasileiros, em 1948, o espetáculo foi traduzido por Carlos Lage, que modificou o título original.

⁴ *007 Contra o Satânico dr. No* foi o primeiro longa-metragem de Sean Connery no papel de James Bond.

⁵ *Mamãezinha Querida* (1981), de Frank Pery, é a biografia da atriz Joan Crawford.

⁶ Rainer Werner Fassbinder (1945-1982), cineasta alemão, ganhador do Urso de Ouro no Festival de Berlim por *O Desespero de Veronika Voss* (1982). Dirigiu obras consagradas, como *Lili Marlene* (1981) e *Berlin Alexanderplatz* (1983).

⁷ O romance *Get Shorty* foi filmado em 1995 por Bany Sonnenfeld, com John Travolta e Gene Hackman. No Brasil, o longa-metragem se chamou *O Nome do Jogo*.

⁸ No Brasil, o filme *52 Pick-Up*, de John Frankenheimer, recebeu dois títulos: *A Hora da Brutalidade* e *Nenhum Passo em Falso*. A produção é mais conhecida pelo primeiro nome.

⁹ O *Sucesso a Qualquer Preço*, com Jack Lemmon, Al Pacino, Ed Harris e Kevin Spacey, foi dirigido por James Foley a partir da peça homônima de David Mamet, que também assina o roteiro.

FILMOGRAFIA

À Beira do Abismo [The Big Big Sleep, 1946], de Howard Hawks
Aguirre – A Cólera dos Deuses [Aguirre – Der Zorn Gottes, 1972], de Werner Herzog
American Graffiti – Loucuras de Verão [American Graffiti, 1973], de George Lucas
Amigos de Eddie Coyle, Os [The Friends of Eddie Coyle, 1973], de Peter Yates
Amor à Queima-roupa [True Romance, 1993], de Tony Scott
Amores Expressos [Chungking Express, 1994], de Wong Kar-Wai
Anjo do Mal [Pickup on South Street, 1953], de Samuel Fuller
Apocalypse Now [Apocalypse Now, 1979], de Francis Ford Coppola
Assim Caminha a Humanidade [Giant, 1956], de George Stevens
Bebê de Rosemary, O [Rosemary's Baby, 1968], de Roman Polansky
Bonequinha de Luxo [Breakfast at Tiffany's, 1961], de Blake Edwards
Bullitt [Bullitt, 1968], de Peter Yates
Butch Cassidy [Butch Cassidy and the Sundance Kid, 1969], de George Roy Hill
Cães de Aluguel [Reservoir Dogs, 1992], de Quentin Tarantino
Calafrios [Shivers, 1975], de David Cronenberg
Caminhos Perigosos [Mean Streets, 1973], de Martin Scorsese
Cantando na Chuva [Singing in the Rain, 1952], de Gene Kelly e Stanley Donen
Casablanca [Casablanca, 1942], de Michael Curtiz
Charada [Charade, 1963], de Stanley Donen
Chinatown [Chinatown, 1974], de Roman Polanski
Cidadão Kane [Citizen Kane, 1941], de Orson Welles
Crimes e Pecados [Crimes and Misdemeanors, 1989], de Woody Allen
Desafiando o Assassino [Mr. Majestyk, 1974], de Richard Fleischman
Dinheiro Sujo [Un Flic, 1947], de Jean-Pierre Melville
Doce Vida, A [La Dolce Vita, 1960], de Federico Fellini
Encurralado [Duel, 1971], de Steven Spielberg
Exorcista, O [The Exorcist, 1973], de William Friedkin
Fantasmas Se Divertem, Os [Beetlejuice, 1988], de Tim Burton
Febre da Selva [Jungle Fever, 1991], de Spike Lee
Felicidade não se Compra, A [It's a Wonderful Life, 1946], de Frank Capra
Força em Alerta, A [Under Siege, 1992], de Andrew Davies
Grande Gatsby, O [The Great Gatsby, 1974], de Jack Clayton
Hombre [Hombre, 1967], de Martin Ritt

Homem Destemido, Um [Stick, 1985], de Burt Reynolds
Hora da Brutalidade, A (Nenhum Passo em Falso) [52 Pick-Up, 1986], de John Frankenheimer
Hora da Zona Morta, A [Dead Zone, 1983], de David Cronenberg
Iluminado, O [The Shining, 1980], de Stanley Kubrick
Imperdoáveis, Os [Unforgiven, 1992], de Clint Eastwood
Incompreendidos, Os [Les 400 coups, 1959], de François Truffaut
Instinto Selvagem [Basic Instinct, 1992], de Paul Verhoeven
Interlúdio [Notorious, 1946], de Alfred Hitchcock
Intriga Internacional [North by Northwest, 1959], de Alfred Hitchcock
Irresistível Paixão [Out of Sight, 1998], de Steven Soderbergh
Ishtar [Ishtar, 1987], de Elaine May
Jackie Brown [Jackie Brown, 1997], de Quentin Tarantino
Justiça Cega [Internal Affairs, 1990], de Mike Figgis
Klute – O Passado Condena [Klute, 1971], de Alan J. Pakula
Ladrões de Bicicletas [Ladri di Biciclette, 1948], de Vittorio de Sica
Lance no Escuro, Um [Night Moves, 1975], de Arthur Penn
Linda Mulher, Uma [Pretty Woman, 1990], de Garry Marshall
Lolita [Lolita, 1962], de Stanley Kubrick
Lolita [Lolita, 1997], de Adrian Lyne
Magnum 44 [Magnum Force, 1973], de Ted Post
Mamãezinha Querida [Mommie Dearest, 1981], de Frank Pery
Manhattan [Manhattan, 1979], de Woody Allen
Massacre da Serra Elétrica, O [The Texas Chain Saw Massacre, 1974], de Tobe Hooper
Matar ou Morrer [High Noon, 1952], de Fred Zimmernann
Memórias [Stardust Memories, 1980], de Woody Allen
Mensageiro do Diabo, O [Night of the Hunter, 1955], de Charles Lughton
Nascido para Matar [Full Metal Jacket, 1987], de Stanley Kubrick
Nikita – Criada para Matar [La Femme Nikita, 1990], de Luc Besson
Noite do Iguana, A [The Night of the Iguana, 1964], de John Huston
Noivo Neurótico, Noiva Nervosa [Annie Hall, 1977], de Woody Allen
Nome do Jogo, O [Get Shorty, 1995], de Barry Sonnenfeld 81/2 [81/2, 1963] de Federico Fellini
Onibaba, a Mulher Demônio [Onibaba, 1964], de Kaneto Shindô
Operação França [The French Connection, 1971], de William Friedkin
Outra, A [Another Woman, 1988], de Woody Allen
Padrasto, O [The Stepfather, 1987], de Joseph Ruben
Pagamento Final, O [Carlito's Way, 1993], de Brian De Palma
Pássaros, Os [The Birds, 1963], de Alfred Hitchcock

Perseguidor Implacável [Dirty Harry, 1971], de Don Siegel
Picardias Estudantis [Fast Times at Ridgement High, 1982], de Amy Heckerling
Plano 9 do Espaço Sideral [Plan 9 from Outer Space, 1958], de Ed Wood
Plenty – O Mundo de uma Mulher [Plenty, 1985], de Fred Shepisi
Poder Absoluto [Absolute Power, 1997], de Clint Eastwood
Poderoso Chefão, O [The Godfather, 1972], de Francis Ford Coppola
Poderoso Chefão II, O [The Godfather II, 1974], de Francis Ford Coppola
Por um Punhado de Dólares [Per um Pugno di Dolari, 1964], de Sergio Leone
Preço da Ambição, O [Swimming with Sharks, 1994], de George Huang
Princesa e o Plebeu, A [Roman Holiday, 1953], de William Wyler
Profissão, Ladrão [Thief, 1981], de Michael Mann
Profissional, O [The Professional, 1994], de Luc Besson
Psicose [Psycho, 1960], de Alfred Hitchcock
Pulp Fiction – Tempo de Violência [Pulp Fiction, 1994], de Quentin Tarantino
Quanto Mais Quente Melhor [Some Like It Hot, 1959], de Billy Wilder
Quem Tem Medo de Virginia Woolf? [Who's Afraid of Virginia Woolf?, 1966], de Mike Nichols
Quiz Show – A Verdade dos Bastidores [Quiz Show, 1994], de Robert Redford
Ran [Ran, 1985], de Akira Kurosawa
Rastros de Ódio [The Searchers, 1956], de John Ford
Reis do Iê, Iê, Iê, Os [A Hard Day's Night, 1964], de Richard Lester
RoboCop – O Policial do Futuro [RoboCop, 1987], de Paul Verhoeven
Rocky III – O Desafio Supremo [Rocky 3, 1982], de Sylvester Stallone
Rua Chamada Pecado, Uma [A Streetcar Named Desire, 1951], de Elia Kazan
Samurai, O [Le Samourai, 1967], de Jean Pierre Melville
Scanners – Sua Mente Pode Destruir [Scanners, 1981], de David Cronenberg
Scarface [Scarface, 1983], de Brian De Palma
Sexy Beast [Sexy Beast, 2002], de Jonathan Glazer
Showgirls [Showgirls, 1995], de Paul Verhoeven
Sindicato de Ladrões [On the Waterfront, 1954], de Elia Kazan
Sopro no Coração, O [Le Souffle au Coeur, 1971], de Louis Malle
Sucesso a Qualquer Preço, O [Glengarry Glen Ross, 1992], de David Mamet
Terceiro Homem, O [The Third Man, 1949], de Orson Welles
Tio Vânia em Nova York [Vanya on 42nd Street, 1994], de Louis Malle

Tootsie [Tootsie, 1982], de Sidney Pollack
Tubarão [Jaws, 1975], de Steven Spielberg
Última Investigação, A [The Late Show, 1977], de Robert Benton
Última Missão, A [The Last Detail, 1973], de Hal Ashby
Último Tango em Paris, O [Last Tango in Paris, 1972], de Bernardo Bertolucci
Veludo Azul [Blue Velvet, 1986], de David Lynch
Volta ao Mundo em Oitenta Dias, A [Around the World in 80 Days, 1956], de Michael Anderson
Vulcão – Uma Investigação sobre a Vida e a Morte de Malcolm Lowry [Volcano – An Inquiry into the Life and Death of Malcolm Lowry, 1976], de Donald Brittain
007 Contra o Satânico dr. No [Dr. No, 1962], de Terence Young